

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS, ADMINISTRATIVAS E CONTÁBEIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CONTABILIDADE
MESTRADO ACADÊMICO EM CONTABILIDADE

**A PRESENÇA DA EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NOS CURSOS DE CIÊNCIAS
CONTÁBEIS SOB A ÓTICA DO CONSTRUTIVISMO**

CRISTIAN MARCIANO KUSTER

RIO GRANDE - RS

2020

CRISTIAN MARCIANO KUSTER

A PRESENÇA DA EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NOS CURSOS DE CIÊNCIAS
CONTÁBEIS SOB A ÓTICA DO CONSTRUTIVISMO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Contabilidade – PPGCONT da Universidade Federal do Rio Grande - FURG como parte dos requisitos para à obtenção título de Mestre em Contabilidade.

Linha de Pesquisa: Educação e Pesquisa em Contabilidade.

Orientadora: Prof. Dr^a. Flávia Regina Costa Czarneski

RIO GRANDE - RS

2020

CRISTIAN MARCIANO KUSTER

A PRESENÇA DA EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NOS CURSOS DE CIÊNCIAS
CONTÁBEIS NAS UNIVERSIDADES GAÚCHAS SOB A ÓTICA DO
CONSTRUTIVISMO

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Contabilidade, pelo Programa de Pós-Graduação em Contabilidade da Universidade do Federal do Rio Grande – FURG.

Banca de Avaliação:

Profa. Dra. Flavia Regina Costa Czarneski (Orientadora)
Universidade do Federal do Rio Grande – FURG

Prof. Dr. Alexandre Costa Quintana
Universidade Federal do Rio Grande – FURG

Prof. Dr. Gabrielito Menezes
Universidade Federal de Pelotas - UFPEL

Prof. Dr. Luciano Maciel Ribeiro
Universidade Federal do Rio Grande – FURG

Redescubra-se. Reinvente-se para ser alguém evolutivamente melhor. Que nunca chegue a última vez em que você faça algo pela primeira vez!

Reinaldo Ribeiro

AGRADECIMENTOS

A DEUS.

À minha esposa e filha, Tatiane e Lare, cujo amor, esforço e determinação na superação das adversidades e do tempo serviram de estímulo e orientação em meu desenvolvimento como homem.

A minha orientadora, Prof^a Flávia pela atenção dispensada, conhecimentos proporcionados, sua maneira séria e compromissada de conduzir a elaboração deste trabalho.

A Coordenação e Professores do PPGCont, pelo conhecimento e oportunidades propiciadas.

Aos meus colegas e amigos do curso de mestrado, por dividir momentos difíceis e felizes, e pela paciência que tiveram no decorrer do curso.

RESUMO

O presente estudo objetiva analisar como se caracteriza a Educação Empreendedora, levando-se em conta o ensino do empreendedorismo nos cursos de Ciências Contábeis das universidades do Rio Grande do Sul, sob a ótica da teoria do construtivismo. Inicialmente, foram realizadas análises nas grades curriculares de Ciências Contábeis das universidades do Rio Grande do Sul participantes do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE) no ano de 2015. Após, coletou-se os dados junto aos coordenadores do Curso de Ciências Contábeis e acadêmicos do Curso. Utilizou-se como forma de análise dos dados a pesquisa metodológica e taxonômica da prática, dos fatos e das ocorrências por meio de estudos para atender as ações que balizam a exigência de validação concreta, segundo Martins e Theóphilo (2016). Para tanto, foi elencada a técnica de análise de conteúdo (FONSECA JÚNIOR, 2009) e a estatística descritiva para a análise dos dados. No tratamento dos resultados, notou-se que as atividades direcionadas ao empreendedorismo inerentes as disciplinas geralmente possuem caráter extraclasse, bem como dois pontos de concordância: a interdisciplinaridades da relação e dos momentos. Verificou-se, também, a disparidade nas respostas de várias questões onde o entendimento do coordenador difere dos acadêmicos e pode-se dizer que são os próprios educadores que dispõe de restrições quanto a sua atuação, o que acaba por isolar seus entendimentos, uma vez que esses seguem se autoprivando de buscar ampliar conhecimentos de outras naturezas/disciplinas. Este estudo contribuiu para a complementação da literatura que trata do processo de tornar o indivíduo em um empreendedor pessoal, sendo que o mesmo necessita que os objetivos sejam passados de forma simples e coerente por parte dos educadores. Dessa forma, demonstra para os alunos a importância de se ter clareza quando do desenvolvimentos de projetos que despertem o interesse para o empreender na sua vida, tendo em mente que o empreender não é só econômico.

Palavras-chave: Contabilidade. Educação. Educação Empreendedora. Empreendedorismo.

ABSTRACT

The present study aims to analyze how Entrepreneurial Education is characterized, taking into account the teaching of entrepreneurship in accounting courses at universities of Rio Grande do Sul, from the perspective of the theory of constructivism. Initially, analyzes were carried out in the accounting courses curricula of the universities of Rio Grande do Sul participating in the Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE) in 2015. The methodological and taxonomic research of the practice was used as a way of data analysis. , facts and occurrences through studies to meet the actions that guide the requirement of concrete validation according to Martins and Theóphilo (2016). Therefore, the content analysis technique (FONSECA JÚNIOR, 2009) and the descriptive statistics for data analysis were listed. No treatment of the results is remarkable, as the activities directed to the inherent entrepreneurship as disciplines usually have extra-class characters, as well as two points of agreement, an interdisciplinarity of the relationship and of the moments. It was found that there is a difference in the answers to several questions, where the understanding of the academic studies coordinator and it is possible to say what are the unique educators that allow restrictions as to their performance, or that ends up isolating their enterprises, once let these continue to deprive themselves of seeking to expand knowledge of other natures / disciplines. This study contributed to complement the literature where the process of turning the individual into a personal entrepreneur and the same considering the goals are passed on in a simple and coherent way by the educators. In this way, it demonstrates to the students the importance of being clear when developing projects that cause interest or interest in undertaking their life, bearing in mind that undertaking is not so economical.

Keywords: Accounting. Education. Entrepreneurial Education. Entrepreneurship.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Métodos, Técnicas e Recursos pedagógicos para a Educação Empreendedora e os Processos Educativos	34
Quadro 2 - Características da Educação Empreendedora	37
Quadro 3 - Características do Perfil do Empreendedor	38
Quadro 4 – Itens representativos dos fatores	39
Quadro 5 - Estudos anteriores	41
Quadro 6 - Análise das estratégias dos objetivos	50
Quadro 7 – Outras formas e métodos de ensino utilizadas pelos docentes para promover atividades voltadas a Educação Empreendedoras citados pelos coordenadores	70
Quadro 8 – Explicação sobre existência de formalização ou parcerias com sindicatos, associações ou grupos de empreendedores locais da cidade ou região com a universidade que discutem ou incentivam práticas de educação empreendedora	73

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Nuvem de palavras das atividades consideradas como educação empreendedora	60
Figura 2 – Atividades classificadas como Educação Empreendedora	84
Figura 3 – Atividades que participaram como Empreendedorismo Educacional	85
Figura 4 – Atividades realizadas pelos Acadêmicos	87
Figura 5 – Disciplinas já cursadas com maior relacionamento com a Educação Empreendedora	87

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Sexo dos coordenadores	51
Gráfico 2 – Idade dos coordenadores	52
Gráfico 3 – Tipo de instituição que os coordenadores atuam	53
Gráfico 4 – Método de ensino em que os coordenadores atuam	54
Gráfico 5 – Conhecimento das atividades que configuram uma educação empreendedora	56
Gráfico 6 – Contemplação de atividades voltadas para a Educação Empreendedora ...	61
Gráfico 7 – Semestre que se inicia a discussão sobre educação empreendedora na universidade/faculdade	65
Gráfico 8 – Sexo dos acadêmicos	75
Gráfico 9 – Idade dos acadêmicos	76
Gráfico 10 – Semestre que os acadêmicos estão cursando	76
Gráfico 11 – Tipo de instituição que os acadêmicos estão cursando	77
Gráfico 12 – Modalidade do curso que os acadêmicos estão cursando	77
Gráfico 13 – Conhecimento das atividades que configuram uma educação empreendedora	79
Gráfico 14 – Participação em atividade empreendedora ou projeto na universidade	88

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Resultado da Pesquisa Quantitativa	41
Tabela 2 – Perfil dos Coordenadores X Estrutura curricular do curso	57
Tabela 3 - Atividades consideradas como educação empreendedora	58
Tabela 4 - Categorização e frequência das palavras das atividades consideradas como educação empreendedora	60
Tabela 5 - Justificativa para contemplação ou não de educação empreendedora na estrutura curricular do curso	61
Tabela 6 - Atividades voltadas para a Educação Empreendedora	63
Tabela 7 - Atividades empreendedoras X Perfil dos coordenadores	64
Tabela 8 - Forma de ocorrência das discussões sobre educação empreendedora no curso	65
Tabela 9 – Discussão sobre Educação Empreendedora X Perfil dos coordenadores	67
Tabela 10 - Formas e métodos de ensino utilizadas pelos docentes para promover atividades voltadas a Educação Empreendedoras	68
Tabela 11 - Formas e Métodos utilizados na Educação Empreendedora X Perfil dos coordenadores	69
Tabela 12 - Forma de avaliação do conhecimento dos docentes sobre atividades empreendedoras exercidas pelos alunos no curso citadas pelos coordenadores	71
Tabela 13 - Forma de avaliação do conhecimento dos docentes sobre atividades empreendedoras X Perfil dos coordenadores	72
Tabela 14 - Opinião sobre o estágio de educação empreendedora que encontra se o curso de Ciências Contábeis que coordena	74
Tabela 15 - IES X Perfil dos acadêmicos	78
Tabela 16 - Participação em atividades empreendedoras X Perfil dos acadêmicos.....	79
Tabela 17 - Percepção dos acadêmicos sobre educação empreendedora	80
Tabela 18 - Categorização e frequência das palavras das atividades consideradas como educação empreendedora segundo a interpretação dos acadêmicos.....	83
Tabela 19 - Categorização e frequência das palavras das atividades consideradas como educação empreendedora que os acadêmicos participaram	85

LISTA DE ABREVIATURAS

ENADE	Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes
FURG	Universidade Federal do Rio Grande
IES	Instituições de Ensino Superior
SciELO	<i>Scientific Electronic Library Online</i>
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
USP	Universidade de São Paulo
EAD	Ensino a Distância

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA	17
1.2 JUSTIFICATIVA DA PESQUISA	20
1.3 OBJETIVOS	21
1.3.1 Objetivo Geral	22
1.3.2 Objetivos Específicos	22
2 REVISÃO DA LITERATURA.....	23
2.1 EDUCAÇÃO	23
2.2 TEORIA CONSTRUTIVISTA.....	25
2.3 ESTUDO DA CONTABILIDADE	28
2.4 EMPREENDEDORISMO E EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA	30
2.4.1 Empreendedorismo	30
2.4.2 Educação empreendedora.....	31
2.4.2.1 Características da Educação Empreendedora e o Perfil Empreendedor	35
2.5 ESTUDOS ANTERIORES.....	40
3 METODOLOGIA.....	46
3.1. CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA	46
3.2 CARACTERIZAÇÃO GERAL DOS GRUPOS PESQUISADOS.....	47
3.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS	48
3.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS	49
4 RESULTADOS	51
4.1 OFERTA DA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NA PERCEPÇÃO DOS COORDENADORES	51
4.1.1 Perfil dos respondentes	51
4.1.2 Informações referentes à grade curricular e composição das ementas referentes à Educação Empreendedora	55
4.2 OFERTA DA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NA PERCEPÇÃO DOS ACADÊMICOS.....	74
4.2.1 Perfil dos respondentes	75
4.2.2 Informações referentes à grade curricular e composição das ementas referentes à Educação Empreendedora	78
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89
REFERÊNCIAS.....	92
APÊNDICE A - FORMULÁRIOS DE PESQUISA COORDENADOR.....	104
APÊNDICE B - FORMULÁRIOS DE PESQUISA ACADÊMICOS.....	106

1 INTRODUÇÃO

As mudanças financeiras provocadas pela globalização e pelo alto grau de tecnologia originam um interesse maior sobre o tema empreendedorismo e da mesma forma sobre a profissão contábil, seja sobre o potencial empreendedor do contador, para estabelecer o seu mercado, ou pela necessidade de ajudar as empresas ainda em período inicial (PINTO; GONÇALVES, 2015).

Segundo Crepaldi (2017), o empreendedor que utiliza a contabilidade tende a trabalhar melhor as técnicas de planejamento, organização, direção e controle, conseguindo maximizar resultados favoráveis para a empresa. Aposta, dessa forma, no profissional, confiando nas suas informações para o crescimento e contribuindo com seus trabalhos para uma melhor orientação, caminhos a serem seguidos e metas a serem atingidas (PINTO; GONÇALVES, 2015).

Desde a década de 1990, Marion (1998) já destacava o excessivo percentual de empresas que fechavam suas portas nos primeiros anos de vida, mesmo tendo o apoio da contabilidade gerencial. Segundo estudo do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE, 2018), 23% dos 1,6 milhão de empresas abertas no Brasil em 2012 já estavam inativas ao fim de 2014.

Em diversos estudos sobre mortalidade precoce de microempresas, o fator planejamento estratégico está sempre elencado como uma das causas principais. Segundo Matlay (2008), Barco (2014) e Endeavor Brasil (2017), o fator relacionado ao planejamento é considerado um ponto ideal para o sucesso das microempresas, porém, os empreendedores afirmam que o foco na fase de maturidade das organizações é a questão financeira, ou seja, como eles irão captar os recursos necessários para manter o negócio.

Devido à necessidade do sucesso empresarial ante ao mercado, vislumbra-se como prioritário que os responsáveis pela gestão procurem progressivamente a excelência em suas atividades, tanto na teoria quanto na prática. Todavia, a partir dos anos 2000 - frente à necessidade de desenvolvimento pessoal e, conseqüentemente, profissional - começou a acreditar-se que quem não tivesse uma formação empreendedora apropriada poderia estar perdendo mercado (TIMMON; SPINELLI, 2011).

Segundo Ribeiro, Freire e Barella (2013), não se pode verificar com clareza o percentual de gestores de empresas que possuem cursos específicos para suas áreas de desempenho, o que se corrobora nos estudos desenvolvidos pelo Sebrae (2018) do Rio Grande do Sul, que também chegou a essa conclusão. Em um mundo onde a competitividade se acirra paulatinamente e a cada minuto outras empresas estão se capacitando para ingressar no mercado, a capacitação

empreendedora dentro das universidades pode ser o início de uma vantagem competitiva (CARVALHO, 2015).

Lopes (2010) expressa que a capacitação empreendedora salienta o uso regular e ativo das técnicas de aprendizado que possibilitam o aprender no realizar e, dessa forma, em situações semelhantes às cotidianas. Isso porque o sujeito se defronta com acontecimentos inesperados que o forçam a refletir de modo diferente, buscando possibilidades e soluções e, assim, descobrindo com a prática e com os métodos adequados.

Com enfoque no Brasil, pode-se averiguar a necessidade e o conseqüente ensejo de potencializar “uma educação empreendedora que permita que uma maior proporção do seu capital humano desenvolva o seu potencial empreendedor” (DOLABELA; FILION, 2013, p. 154). Segundo os autores, sem esse senso de necessidade há o risco iminente de se tornar muito pouco produtora a construção do capital intelectual, podendo-se optar por roteiros de capacitação pouco coesivos com os ganhos advindos para a nação, o âmbito e a orientação das instituições de educação superior, dos docentes e dos discentes.

Segundo os estudos de Moreira, Violin e Silva (2014), fica evidenciado que o capital humano deixa de ser custo e passa a ser grande fonte de lucratividade. Os autores complementam que investir neste recurso deve ser cultural nas empresas e o colaborador deve ser compreendido como um modo de investimento e não de custo. É vital que as organizações apreendam que investir no capital humano gerará maiores resultados financeiros, pois através dele obterão informação e conhecimento, recursos que asseguram vantagem competitiva. Conforme os autores, as empresas que dispuseram maior facilidade para admitir a grande fonte de recursos que o capital humano corresponde, com certeza estarão em destaque em relação àquelas que ainda não entenderam ou não assimilaram a importância da mudança do reconhecimento do colaborador.

Tem-se notado a persistência de um vício pedagógico em relação ao ensino das práticas de mercado, muito ligado a posturas maniqueístas, ou seja, doutrinas que exaltam a competição a qualquer custo e banalizam a perda de valores e sentimentos em nome do sucesso. Precisa-se ressaltar a relevância da aceitação das diferenças, do discernimento sobre os valores humanos e, sobretudo, criar discussões para que o aluno possa refletir (CORTELLA, 2010).

Há ainda, uma preocupação crescente com as formas do empreendedorismo e por quais meios ele deve ser estimulado. Nesse âmbito, nota-se o papel essencial dos contadores que desempenham a prestação de serviços contábeis, por serem esses especialistas capazes de incitar os empreendedores com quem trabalham e com os quais dispõem de uma estreita relação de confiança, podendo, com isso, obter os melhores comportamentos empreendedores

(MACHADO et al., 2009). Entretanto, para Lunkes e Schnorrenberger (2009), essa propensão ainda necessita ser mais explorada entre os contadores.

A formação empreendedora no ensino superior de ciências contábeis, segundo Souza (2013), configura-se complexa e, tendo como discussão um contexto onde ela precisa ser desenvolvida como disciplina, essa prática ainda pode gerar polêmica. Além disso, nota-se que há uma tendência nas Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras de ensinar aos seus acadêmicos a necessidade do mercado e dos empreendedores que estão inseridos nele e, entre elas, a sobrevivência no mundo capitalista, oferecendo, para isso, atividades curriculares voltadas não mais puramente para a disposição de mão de obra, mas para a capacitação de gestores.

As percepções de Costa (2015) são contundentes no que se refere aos benefícios causados pela capacitação e a introdução de um processo de convivência e relacionamento intragrupal para o bom funcionamento de uma empresa. Isso porque auxilia na tomada de decisões, como também no reconhecimento das consequências de uma decisão tomada de forma equivocada, o que deixa no participante um censo de responsabilidade. Dessa forma, cria-se a noção da dimensão, em sua vida empresarial, das consequências de uma decisão menos qualificada.

Conforme Gehringer e Jucá (2004), o empreendedorismo não pode ser considerado uma simples ferramenta para a sobrevivência no conturbado mundo capitalista. Contudo, é importante a formação de profissionais visionários que sabem tomar decisões, fazem a diferença onde atuam, analisam, observam e sabem extrair as viabilidades ao máximo, estão sempre determinados e dinâmicos, acreditam e são apaixonados pelo futuro que estão a construir (GOMES; OLIVEIRA, 2018).

Em razão disso, a necessidade da concepção de uma cultura educacional imediata dentro das IES se torna latente, visto que a veemência de empreender dos graduados desperta, em geral, depois de cinco anos de formados (LIMA et al., 2015). Isso acontece depois que já tiveram a chance de experienciar os afazeres em um espaço controlado, como o de uma empresa, com interações com um gestor e parceiros de trabalho, assim como vivenciaram os costumes e as culturas organizacionais, incluindo suas dificuldades, e foram capazes de desenvolver aptidões e experiências que julgam essenciais para empreender.

A contabilidade aprimorou-se através dos tempos, impulsionando e proporcionando informações às organizações, o que possibilitou o seu merecido posicionamento no cenário econômico e igualitário do país (DOLABELA, 2002). Todavia, segundo Dolabela (2013), algumas forças no mercado exigem, ainda, que o gestor seja alguém empreendedor,

competitivo, dinâmico, talentoso e que busque a excelência, cumprindo a obrigação de dar informações relevantes aos empreendedores, auxiliando no entendimento do mercado e proporcionando um alinhamento mais coerente com a realidade do seu negócio.

Corroborando com esse pensamento, Sabra, Alves e Negreiros (2018) consideram haver uma necessidade crescente de docentes atuantes na educação empreendedora e que estejam preparados e habilitados a terem ideias criativas, saberem planejar e, especialmente, conhecerem minimamente contabilidade associada ao empreender. A prática contábil é necessária não apenas ao contador, mas inclusive para quem lançará suas ideias no mundo dos negócios, pois ele necessitará de capital, foco no trabalho e competências empreendedoras que podem emergir através da disseminação da educação, visto que precisa conhecer se seu negócio está demonstrando boa rentabilidade e lucratividade, já que isso proporcionará a sua sobrevivência enquanto empreendedor no mercado globalizado.

Para Dolabela (2008), o empreender se encontra atualmente num cenário progressivamente competitivo, o que exige a qualificação nas suas estratégias para garantir a jornada permanente e difícil de ser empreendedor. Segundo o autor, é crescente o interesse em estudos sobre educação empreendedora, com foco em contabilidade, que possam propiciar aos gestores um sistema que garanta a competitividade permanente dentro do meio em que estão inseridos.

Além disso, para aproveitar todo o talento empreendedor dos acadêmicos brasileiros, é necessário focar nas condições limitadoras do Brasil, como as poucas políticas governamentais e de apoio financeiro, conforme Silveira Greco et al. (2017). Desse modo, a educação empreendedora pode ser um promissor princípio, pois facilitar e conduzir adequadamente a aptidão empreendedora dos acadêmicos pode propiciar melhores resultados econômicos para a nação (VANEVENHOVEN, 2013).

Piaget é considerado um dos pais da psicologia cognitiva moderna e sugere que o conhecimento é estruturado em ambientes naturais de interação social, constituídos culturalmente. Cada aluno constrói seu próprio conhecimento num processo de dentro para fora assentado em experiências de conteúdo psicológico, sendo esse a base da teoria construtivista (CARRETERO, 1997). Os teóricos desse comportamento buscam explicar a conduta humana em uma panorama em que sujeito e objeto interagem em um sistema que resulta na construção e reconstrução de estruturas cognitivas. Piaget (1973) agrega mudanças fundamentais ao posicionamento de Kant em relação ao conhecimento, pois na base de seu sistema não subsiste nenhuma categoria de entendimento como prioritária, sendo as noções de tempo, espaço e a dialética de raciocínio construídas pelo indivíduo pela ação em trocas retóricas com o meio.

O presente estudo favoreceu para distinguir as realidades existentes na perspectiva tanto do coordenador quanto dos acadêmicos, em relação ao que ambos entendem por Educação Empreendedora. Logo, auxilia com dados e conhecimentos que podem ser usados como comparativo no futuro, sobre o processo de repensar o indivíduo em um empreendedor pessoal, onde o mesmo carece que os objetivos sejam exibidos de forma simples e racional por parte dos educadores. Dessa forma, também evidencia para os alunos o interesse de se ter transparência quando do desenvolvimento de projetos que o motivem a empreender.

A presente proposta de dissertação está estruturada em cinco capítulos. O primeiro capítulo é composto por essa introdução, abrangendo os objetivos e a justificativa do estudo. O segundo capítulo abrange a revisão de literatura, dividindo-se em seis seções que abordam os seguintes temas: educação; teoria construtivista; estudo da contabilidade; educação empreendedora e empreendedorismo; e estudos anteriores. A metodologia é apresentada no terceiro capítulo, em cujas seções são descritas o tipo de pesquisa, o universo e a amostra, o procedimento de coleta de dados e o tratamento a que os dados serão submetidos. O quarto capítulo apresenta os resultados obtidos e o quinto capítulo as considerações finais. Por fim, as referências utilizadas.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

O incentivo para a realização deste estudo deu-se em razão dos trabalhos desenvolvidos pelo pesquisador durante o período em que atuou como professor substituto, durante os quais vislumbrou a necessidade de instigar os discentes a despertarem para as mais diversas possibilidades de empreender, baseando-se em uma Educação Empreendedora. Já existem trabalhos publicados com esse mesmo olhar, tais como o de Filion (1999) e Dolabela (2002, 2008), bem como os de Becker (2014).

Para Guerra e Grazziotin (2010), às vezes as possibilidades de empreender não são projetadas em razão de questões individuais, como financeiras, pessoais ou motivacionais, e até pela ignorância da terminologia, associada a um questionamento frequente sobre o que fazer.

Schumpeter (1997) observava que o empreendedorismo estava atrelado aos processos de inovação, bem como ao desenvolvimento de novos produtos e mercados. Dessa forma, conservava o raciocínio acerca do que era empreendedorismo e de que esse se configurava de fundamental importância para a execução e o planejamento, por parte dos profissionais, no que se referia à decisão de se transformarem em empreendedores.

Chiroto et al. (2007) retratavam o elo entre o empreendedorismo e a contabilidade, visto que a formação de novos empreendedores, à época, e o seu sucesso estavam diretamente ligados ao crescimento do mercado de atuação contábil. Por sua vez, o mercado contábil exigiria profissionais cada vez mais hábeis a oferecer às empresas, e conseqüentemente aos empreendedores, ferramentas mais eficientes e eficazes que garantissem a consolidação e o sucesso dos empreendimentos.

Barco (2014), em seu estudo, relaciona o fator de sucesso da educação empreendedora a um indivíduo dotado de características que o diferencia dos demais e cujas ideias são modernas e inovadoras. E é através dessas ideias empreendedoras que novas oportunidades são geradas para inúmeros profissionais, entre eles os ligados à área contábil, que geram informações pertinentes e relevantes para a tomada de decisões corretas no dia a dia (FORDHAM; HAMILTON, 2017).

Nesse contexto, Fayolle e Gailly (2015) apresentavam seus estudos, em que os profissionais das ciências contábeis se destacavam como grandes incentivadores da formação continuada na educação empreendedora. Isso por serem esses indivíduos capazes de estimular nos empreendedores, com os quais trabalhavam ou mantinham uma estreita relação de confiança, os melhores comportamentos empreendedores.

Para Mcguigan e Kern (2016), o ambiente acadêmico voltado à educação empreendedora se caracteriza por algumas contradições, pois apesar de a inovação e a criatividade serem fundamentais para se empreender, o ensino superior possui seu foco voltado a resultados quantificáveis e não ao processo criativo. Nesse sentido, segundo os autores, os acadêmicos de contabilidade possuem restrições de conhecimento no momento de fazerem as interconexões e relações dentro da contabilidade, vendo-a como uma técnica e ciência objetiva, pois as universidades enfatizam seus currículos em aptidões e métodos tradicionais, deixando de lado o viés para empreender.

Owen (2013), entretanto, descreve a necessidade da formação de educadores contábeis que compreendam as ideias e as estratégias formuladas e não se envolvam apenas com o operacional, devendo incluir em seu foco base as questões qualitativas, bem como a análise quantitativa, para com isso melhorar a medição de negócio/desempenho para abranger todas as perspectivas. O currículo de contabilidade exige uma saída ortodoxa do ensino tradicional para dar lugar a abordagens mais completas e abrangentes, configurando-se um sistema de concepção e abordagem integrado.

Complementa, dessa forma, as premissas de Davies, Fidler e Gorbis (2011), que colocam uma forte ênfase na concepção pedagógica baseada no construtivismo e na prática

reflexiva da educação empreendedora associada à contabilidade. Nessa concepção, os alunos estão sendo convidados a seguir uma abordagem crítica para a sua formação, ou seja, a buscar, criar e inovar ativamente na sua própria aprendizagem, a desaprender e reaprender a contabilidade. Todavia, esses autores têm em mente que os estudantes estão sendo equipados para um futuro incerto, em que a criatividade, resiliência, agilidade, adaptabilidade e pensamento integrado e crítico serão atributos essenciais e altamente valiosos para a sua formação empreendedora.

Já Lima et al. (2011) evidenciaram a necessidade de atividades inovadoras direcionadas a empresas juniores e ao empreendedorismo, indo além do plano de negócios, aproximando a educação empreendedora da realidade de cada um. Mesmo que haja estudantes que se preparam para abrir um negócio ou empreender em sua vida, eles devem coletar informações e debater as suas ideias, não se restringindo a inovação somente à proposição para o incremento de um negócio sustentável, competitivo, de enorme relevância, mas levando a uma vida mais empreendedora.

Este estudo tem como foco verificar se o acadêmico de ciências contábeis é direcionado para a prática de ações empreendedoras e como as instituições agem em relação ao estudo desse tema. Isso significa identificar novos questionamentos sobre o método da Educação Empreendedora e obter formas apropriadas para incentivar os acadêmicos a um perfil mais empreendedor.

O estudo também busca verificar o que compete às universidades enquanto mantenedoras e multiplicadoras do conhecimento. Investiga se elas induzem, através de sua excelência, a melhora do aluno que será inserido no meio de trabalho brasileiro e se os desafios correspondem não só às mudanças da modalidade didático-pedagógica, mas também à conscientização dos corpos docente e discente de que o melhor método de aprendizagem a ser empregado presume o comprometimento e a integração do corpo acadêmico (DWECK; WALTON; COHEN, 2014).

Dessa forma, devido ao tema estar relacionado ao estudo do empreendedorismo na Contabilidade, a presente pesquisa tem como problemática a seguinte questão: Como se caracteriza a educação empreendedora nos cursos de ciências contábeis das universidades do Rio Grande do Sul, levando em consideração a teoria do construtivismo?

1.2 JUSTIFICATIVA DA PESQUISA

Segundo Lopes (2010), o ensino empreendedor refere-se a todos os coeficientes educacionais em que se instiguem os discentes a serem criativos, inovadores e que apresentem disponibilidade para trabalhar em grupo, ou seja, conceitos básicos de sobrevivência no mercado competitivo. Contribuindo com esse pensamento, tem-se Schueler (2009), que reforça a crescente conectividade por segmentação de acadêmicos, o que acaba por potencializar o uso das tecnologias e, dessa forma, a necessidade cada vez mais acentuada dessas tecnologias com o escopo de ensino e aprendizado. Isso proporciona o estímulo à Educação Empreendedora como ferramenta auxiliar no ensino da contabilidade no ambiente acadêmico, sendo fonte complementar à formação do futuro contador.

Dessa forma, segundo Peleias *et al.* (2007), os trabalhos que abrangem a Educação Empreendedora se tornam relevantes pela importância de entender a necessidade crescente do desenvolvimento de empreendedores e as pesquisas no âmbito de ensino e de suas condições de oferta. Haja vista que incitam as Instituições de Ensino Superior (IES) a atenderem à demanda progressiva por especialistas contábeis habilitados e aptos para o mercado de relevante concorrência, ou seja, por profissionais com atribuições empreendedoras que ampliem sua competência de cooperar para o crescimento e êxito das empresas, conforme complementam Ferreira (2012) e Souza (2013).

Para Mizukami (1992), as técnicas de ensino no Brasil são historicamente conhecidas pela vertente da psicologia, estando classificadas entre tradicionalista, comportamentalista, humanista, cognitivista e sociocultural, onde cada educador deve desenvolver a sua metodologia para proporcionar uma melhor aprendizagem. No que se refere ao que decorre em sala de aula, o destaque é determinado entre a relação pedagógica e a formação de um ambiente propício para a evolução das pessoas, que permita autonomia para se aprender e empreender, sendo que ação do indivíduo é o centro do processo e os fatores sociais ou educativos constituem uma condição de desenvolvimento construtivista (MIZUKAMI, 1992).

Seguindo a mesma linha, Lima *et al.* (2011) evidenciaram a urgência de ofertas inovadoras direcionadas ao empreendedorismo, além de projetos de negócios, aproximando gradualmente a educação empreendedora da realidade dos empreendedores. Isso mesmo que haja discentes que se preparam para ter um negócio e que visam coletar informações relevantes para seu sucesso, assim como os que não se atentam para a relevância da reestruturação do negócio e, tampouco, do princípio do desenvolvimento sustentável e competitivo (LIMA *et al.*, 2015).

Já Guerra e Grazziotin (2010) se ocuparam do dilema entre os assuntos ministrados no contexto do empreendedorismo: o empenho dos discentes e os resultados alcançados. Indicaram a indiferença dos discentes, especialmente nos padrões habituais de educação, atualmente centralizados na imagem do docente, e propuseram a participação do educando no método de aprendizado como sujeito principal e, por intermédio da doutrina experimental, a realização da Educação Empreendedora em uma abordagem de formação significativa para o educando. Os autores acreditam que é imprescindível um planejamento instrucional acerca do empreendedorismo, disseminando-se a competência das teorias educacionais relacionadas à problemática com as interpelações experimentais e consideráveis, além de maior suporte da IES.

A teoria do crescimento endógeno, também conhecida como Teoria do Empreendedorismo pelo Transbordamento do Empreendedorismo e Crescimento Econômico (AUDRETSCH et al., 2005), trouxe a formulação da hipótese de crescimento econômico. Nessa, os níveis mais altos de crescimento econômico devem resultar de maior atividade empreendedora, uma vez que o empreendedorismo serve como mecanismo para facilitar o transbordamento e a comercialização do conhecimento.

Nesse contexto, o estudo possui uma base atual, tendo em conta as possibilidades para as cidades e regiões, principalmente quanto à probabilidade de gerar uma educação continuada para os futuros contadores com base na formação que a disciplina fornecerá. Isso porque diferentemente do que se apresenta nos estudos de Pedroso *et al.* (2009), que consistem em verificar a existência de possíveis interfaces existentes entre o jeitinho brasileiro e o perfil do empreendedor, proporcionará uma resposta mais coerente aos questionamentos usuais, como as políticas públicas, que se referem à legislação com maior complexidade, à intensa burocracia para abrir e atuar em um projeto e à elevada carga fiscal, visto que Pedroso *et al.* (2009) também consideram relevantes a disponibilidade de crédito, a educação empreendedora e os treinamentos direcionados à criação e ao gerenciamento de novos negócios.

1.3 OBJETIVOS

Visando responder a problemática levantada, a atual pesquisa contará com os seguintes objetivos gerais e específicos.

1.3.1 Objetivo Geral

Considerando o tema apresentado, o objetivo geral do presente estudo consiste em analisar como se caracteriza a Educação Empreendedora, levando em conta o ensino do empreendedorismo nos cursos de Ciências Contábeis das universidades do Rio Grande do Sul, sob a ótica da teoria do construtivismo.

Com essa questão em mente, analisou-se a existência de uma demanda por uma nova ou até mesmo diferente abordagem da Educação Empreendedora, na qual o paradigma possa ser desmistificado pela visão construtivista, precisando de um ambiente de aprendizagem especial a ser criado pelos docentes e discentes e havendo uma abordagem não convencional para os problemas de conhecimento e saber.

1.3.2 Objetivos Específicos

Com a finalidade de atingir o objetivo geral e a sua complementação em consonância com as etapas consecutivas, os objetivos específicos deste estudo são:

1. Efetuar um levantamento das grades curriculares de Ciências Contábeis das universidades do Rio Grande do Sul participantes do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE) no ano de 2015;
2. Levantar a percepção dos coordenadores do Curso de Ciências Contábeis de universidades do Rio Grande do Sul quanto ao ensino do empreendedorismo;
3. Levantar a percepção dos acadêmicos do Curso de Ciências Contábeis de universidades do Rio Grande do Sul quanto ao ensino do empreendedorismo.

2. REVISÃO DA LITERATURA

Para um conhecimento sobre o tema, apresenta-se a seguir a revisão dos seguintes temas: Educação, Teoria Construtivista, Estudo da Contabilidade, Educação Empreendedora e Empreendedorismo e, por fim, estudos anteriores relacionados ao tema.

2.1 EDUCAÇÃO

Freire (2003), em seus primeiros escritos, estava comprometido com o estudo da Educação voltada à construção da consciência crítica, com um novo processo de educar e uma nova educação que contribuísse para que a sociedade pudesse explorar melhor a verdade vivida e fosse capaz de opinar sobre essa verdade, transformando-a. Dizia Freire (2003, p. 28): “é preciso aumentar o grau de consciência do povo, dos problemas de seu tempo e de seu espaço. É preciso dar-lhe uma ideologia do desenvolvimento”.

Ainda segundo Freire (2003), a sociedade é dividida em classes, sendo que os privilégios de uns impedem a maioria de desfrutar os bens produzidos. O autor refere-se a dois tipos de pedagogia: a pedagogia dos dominantes, na qual a educação existe, visando a prática de dominação; e a pedagogia do oprimido, na qual a educação surge como prática de liberdade (MARTINS, 2004).

Nesse sentido, a educação é vista como a fonte de produção de competência extremamente carregada de intencionalidade, por meio da qual se estabelece uma relação entre ensino e política, bem como entre educação e luta de classes. A educação acaba deixando de ser vinculada tão exclusivamente à transferência de saberes e passa a ser um ato político (FREIRE, 2003). Já para Lima e Neves (2008), ao definir elementos da política educacional para a capacitação de professores, acaba-se deixando explícito que é fundamental dar preferência à formação de docentes na perspectiva e na conjectura atual, independentemente das dificuldades do acesso ao ensino superior.

No entanto, Vygotsky (1989) apresenta que qualquer situação de conhecimento com que o educando se depara na escola tem continuamente um aprendizado precedente. Pode-se mencionar como exemplo o fato que antes de compreender aritmética na escola as crianças já tiveram um contato com ela, fizeram correlações entre as quantidades e números, somaram, subtraíram ou dividiram em conformidade com as indigências de seu contexto. O aprendizado escolar é estruturado, mas não é o único elemento de evidência do contínuo saber cotidiano.

Ainda segundo Vygotsky (1989), os processos de aprendizagem estão relacionados ao desenvolvimento. Entretanto, é a aprendizagem que conduz os processos internos de desenvolvimento. Na concepção sócio-histórica, a interdependência dos indivíduos, ou seja, quem aprende, quem ensina e a relação entre as pessoas, é a responsável pelo processo de aprendizagem.

Para Piaget (1974), a construção do conhecimento está atrelada ao método de estruturação mental, sendo o produto de uma equilibração gradativa entre uma seara e outra. Ou seja, o desenvolvimento mental é uma constituição contínua, análogo à construção de um enorme edifício, que se torna mais estável à proporção que se adiciona alguma coisa ou à instalação de um mecanismo frágil, cujas fases progressivas de adequação conduziriam a uma elasticidade e uma flexibilidade das peças.

Nessa mesma linha, Meksenas (2016) salienta que o ensino inicia no momento em que se dissemina e se garante aos diversos indivíduos as noções de informações, técnicas e costumes que uma determinada sociedade já produziu, baseando-se nas suas vivências do cotidiano. Ainda considera que, em uma visão simplista, a educação nas diversas sociedades tem a missão de corroborar os interesses individuais, que só se realizam completamente através dos interesses sociais. Dessa forma, a educação, ao socializar o sujeito, prova a ele que o ser humano não sobrevive sozinho e que ele só pode expandir as suas potencialidades estando em contato com o meio social, ou seja, com outros indivíduos.

Para mais, os ensinamentos focados para a potencialização das competências do sujeito tem se configurado nos discursos e principalmente nas políticas educacionais como um modelo salvador para a formação educacional. Tal educação irá colaborar para incrementar as carreiras, sanar o desemprego, encorajar a flexibilidade e a transformação, bem como arrojar a competitividade pessoal e nacional (WALTERS, 1999).

Seguindo a tendência de pesquisa de Gerhardt (2001), faz-se referência à obrigação de um ensino libertador ou renovador, tendo-se uma visão de sujeitos altamente individuais capazes de exercer a solidariedade e que se instruem de forma a fomentar a autorreflexão. Nesse sentido, a educação é entendida como uma rotina de libertação que aguça no indivíduo a sua agilidade de fomentar a socialização, esforçando-se em uma perspectiva conjunta para transformar o método escolar, social e político.

Pimenta e Anastasiou (2014) trazem que as IES ofertam estudos rigorosos das Ciências da Educação. Na maioria das vezes, partem dos domínios disciplinares das ciências-mãe para falar sobre educação, sem dar conta da particularidade do fenômeno educativo e, tampouco,

sem tomá-lo nas suas verdades histórico-sociais e na sua complexidade. Isso aponta para a necessidade de uma perspectiva interdisciplinar – fator preponderante neste estudo.

Nessa conjuntura, pode-se compreender de que modo Piaget (1973b) definiu seu modelo decisivo para o futuro do ensino, em que esse deve abrir-se cada vez mais à interdisciplinaridade e às necessidades do cotidiano. Para isso, a esfera do conhecimento deve ser estruturada com práticas pedagógicas que incentivem o espírito de liberdade nos estudantes, de tal forma que eles venham a reconstruir suas verdades.

2.2 TEORIA CONSTRUTIVISTA

Jean Piaget (1896-1980), biólogo suíço, desenvolveu uma das correntes mais estudadas, a qual está empenhada em apresentar como o juízo humano se desenvolve, partindo do princípio de que o desenvolvimento da inteligência é decidido através das ações mútuas existentes entre pessoas e o meio (KESSELRING, 2008). O homem não é concebido inteligente, ele corresponde aos estímulos exteriores que agem sobre ele para estruturar e organizar o seu respectivo conhecimento, de forma cada vez mais pensada (PIAGET, 1974).

No estudo de Piaget (1974), sua teoria traz como objetivo principal a obrigação de entender o princípio dos modelos mentais, ou seja, como tais modelos são desenvolvidos ao longo da vida desse indivíduo. O conhecimento seria o resultado de interações entre o sujeito e o objeto, sendo que a troca introdutória entre sujeito e objeto ocorreria a partir da ação do próprio sujeito.

Nesse contexto, Piaget (1974) enfoca que todo o saber é uma construção que vai sendo constituído a partir da infância, ao longo da adolescência e, por fim, quando se torna adulto, seja na interação física ou cultural com a sociedade. O conhecimento é construído pela criança a partir de suas descobertas, quando em contato com o mundo e com os objetos e ao estabelecer uma importante relação nas situações emocionais e cognitivas, bem como no campo da ação moral, sendo que toda ação remete a um “fazer”, a um “saber fazer” e, na dimensão afetiva, ao “querer fazer”. Dessa forma, as situações cognitiva e afetiva surgem em seus postulados teóricos como indissociáveis (PIAGET, 1975).

A preocupação empregada em relação ao modo como o conhecimento emerge no ser humano se origina até mesmo nas raízes da cultura mais rudimentar, as quais não se generalizam em uma cultura primária, como adverte o próprio Piaget (1973a). Portanto, a maior lição incorporada na análise da gênese ou das gêneses é, pelo oposto, mostrar que não existem, de modo algum, saberes absolutos.

Piaget foi psicólogo, epistemólogo e biólogo, daí o nome dado à sua ciência de Epistemologia Genética e ao seu empenho ao desenvolver seus estudos, que estavam ligados a expor uma fundamentação teórica baseada em uma averiguação científica e no formato em que se deve construir o conhecimento no ser humano (KESSELRING, 2008). Em complementariedade, os estudos de Carretero (1997) tratam sobre a posição construtivista, para a qual o conhecimento não é uma cópia da existência, mas uma constituição do indivíduo.

Os fundamentos da análise epistemológica de Jean Piaget revolucionaram o procedimento de idealizar o desenvolvimento humano e colaboraram na construção de modernas discussões pedagógicas, na proporção em que o sujeito passa a ser assistido como capacitado de estruturar o conhecimento na interação com o meio físico e social. Dessa forma, a concepção de raciocínio “como desenvolvimento de uma atividade assimiladora cujas leis funcionais são dadas a partir da vida orgânica e cujas sucessivas estruturas que lhe servem de órgãos são elaboradas por interação dela própria com o meio exterior” (PIAGET, 1987, p. 336) alicerça teoricamente muitas pesquisas no campo educacional, em procura de diversas práticas pedagógicas fundamentadas no construtivismo.

Seguindo a mesma linha, Fossile (2010) refere-se ao Construtivismo como a visão de que o conhecimento é produto da construção particular do educando, sendo o docente unicamente um facilitador do método de ensino-aprendizagem. Dessa forma, o aprender não pode ser compreendido como produto do desenvolvimento do educando, mas como o próprio desenvolvimento do educando.

Nessa sequência de pensamento, Piaget (1975) vê o docente mais como uma testemunha do desenvolvimento e como favorecedor dos processos de descobertas autônomas de conceitos do que como um sujeito que pode interceder ativamente na assimilação das competências. Carretero (1997) coloca que os estudos de Piaget continuam oferecendo a visão mais aceita e completa de desenvolvimento cognitivo, já que o desenvolvimento cognitivo inicia no parto e se estende até a idade adulta, tanto pela abrangência dos fatores abordados quanto pelo desenvolvimento ético, noções sociais, lógicas e matemáticas, bem como por suas coerências intrínsecas na utilização de uma técnica que, inclusive, deu início a resultados extraordinariamente produtivos durante os anos de sua pesquisa.

Para o construtivismo, a dimensão social e a dimensão física provocam oportunidades de interação entre sujeito e objeto, causando conflitos e, conseqüentemente, uma nova organização pelo sujeito de suas estruturas mentais precedentes. Dessa forma, a estabilidade emerge quando o sujeito organiza o conhecimento, a assimilação ocorre quando novas experiências ou informações são inseridas na estrutura dos pensamentos da criança, não

havendo mudança em suas estruturas mentais e a adaptação ocorre somente quando a criança altera suas estruturas cognitivas para encarar o novo (NUNES, 1990).

Já para Husserl (1980), para o indivíduo, enquanto referência a composição do seu ego, o mundo é formado como mundo material, na interpretação de mundo que coabita para todo ser, bem como de mundo que se revela tal como é na sociedade intersubjetiva da informação, ou seja, de comunicação das consciências individuais, umas com as outras, realizada com base na reciprocidade. Ainda segundo o autor, o indivíduo influenciará no objeto do conhecimento, construindo-o à sua maneira, sendo, na praxe, impraticável a informação passiva, simplesmente receptiva, pois todo conhecimento deriva, em derradeiro estudo, de uma formação do indivíduo acerca do seu objeto.

Logo, o construtivismo não deve contraditar a metodologia de aprendizado, já que ele acontece a partir da infância e de maneira involuntária ou deliberada, mas deve referir-se à maneira evidente de ensinar para que haja uma aprendizagem eficiente do método da construção do conhecimento (OLIVEIRA, 2002). Assim, pode compreender-se que o ser humano internaliza os dados que obtém do exterior. Entretanto, por já possuir no seu íntimo um mapa mental que não está vazio, precisa ajustá-los ao modelo já existente, para que a produção da informação possa se dar como subsídio apreendido e elaborado pelo indivíduo, tornando-o mais sábio, transformando sua maneira de ser, ou aperfeiçoando-o no acúmulo do saber da sociedade.

Norreklit e Mitchell (2010) destacam o vazio existente com relação à pesquisa em contabilidade atrelada à Teoria Construtivista, ainda mais notável dado que os disponíveis estão baseados em livros de métodos de pesquisa que, de alguma forma, encobrem a pesquisa construtivista. Os autores, no entanto, tentam mitigar essa lacuna com obras que abordam aspectos e visões particulares sobre construtivismo em contabilidade e ainda muitas dessas com passagem nos princípios centrais do paradigma.

Todavia, a natureza social da contabilidade tem sido reconhecida a partir de uma perspectiva ontológica. Contudo, o construtivismo sustenta a máxima de que o que é real é intangível e mentalmente construído e é, portanto, socialmente e experimentalmente baseado em fundamentos (BLAXTER; HUGHES; TIGHT, 2010). Ainda na linha dos autores, dentro do construtivismo não há predefinição de variáveis dependentes ou independentes, como normalmente seria o caso na pesquisa quantitativa e positivista, mas uma concentração na exploração e em como as pessoas interpretam uma situação em um determinado ponto no tempo.

2.3 ESTUDO DA CONTABILIDADE

A contabilidade é uma ciência social aplicada e, dessa forma, interage com outras ciências. Sua valia na educação é reconhecida, pois por via dela os educandos são levados a buscar outras áreas de competência que lhes possam propiciar um entendimento sistêmico. Contudo, ainda existe no âmbito acadêmico a relutância por alguns teóricos, tais como Troster e Móchon (2006), à definição da Contabilidade, ou Ciência Contábil, como Ciência Social Aplicada, sendo tal relutância marcante em seus trabalhos, principalmente quando versam sobre a contabilidade como especialização de função, método de conhecimentos ou simplesmente arte.

Para Chirotto et al. (2007), antigamente o contador era visto unicamente como guarda-livros. Entretanto, hoje pode exercer diversas funções, como a pesquisa e os estudos da contabilidade, uma vez que veio se atualizando ano após ano, impondo ao perfil do profissional mudanças igualmente frequentes. Ainda segundo os autores, tal evolução fez com que as universidades sentissem a urgência de aperfeiçoar a eficiência de ensino, sendo factível deliberar que elas têm encarado dificuldades para acompanhar tal evolução.

O estudo da contabilidade indica que o método de constituição da informação científica é fundamentalmente contrário ao dos estudos técnicos. Isso implica uma evidência entre as atividades acadêmicas e práticas. Essa evidência não é exclusivamente esperada, mas é necessária para o avanço científico do assunto (BACCOUCHE, 1992). Necessária, visto que a lógica, as atividades, os recursos demandados, as habilidades das pessoas envolvidas e a construção de conhecimento são diferentes.

A visão sistêmica e científica do estudo da contabilidade implica adotar uma epistemologia distinta da filosofia de amparo subjetivista tratada na bibliografia contábil, tais como: a epistemologia construtivista protegida por Morgan (1988) e da ótica analítica a opinião defendida por Chua (1986), na intensidade em que adotam uma reflexão conflitante com a ciência contemporânea, na medida em que sejam divergentes à procura de competência com auxílio do uso rígido do processo científico.

Incorporado ao estudo da contabilidade, vale a pena entender que as correntes científicas aparecem com a constituição das teorias e com isso surge uma diversidade de escolas do pensamento contábil. Uma escola sucede a outra, qualificando gradativamente sua competência, as quais influenciaram na implantação definitiva da contabilidade como ciência e como filosofia (BUESA, 2010).

Marion (2012) revela a premência de que os métodos de educação da contabilidade sejam diversificados, pois a abordagem principiante para esses métodos, relacionada ao método de aprendizado, foi a do educando, mas que, todavia, tornou-se agente passivo no processo tradicional de educação. Segundo o autor, tornou-se irremissível a composição de profissionais dotados de visão crítica, sendo o educando o agente ativo do método de educação/aprendizado.

A dificuldade é, portanto, pertencente à competência científica. Sendo permitido que algo novo se configure na educação, partindo-se para a não linearidade, igualmente as particularidades transformam-se em dificuldades e a ligação existente entre o todo e as partes assemelha-se a uma dependência.

Já Peleias et al. (2007) apontam para a necessidade do desenvolvimento de estudos na esfera contábil. Isso beneficiará a atualização do especialista, além de colaborar para o procedimento de fortalecimento da produção científica, especialmente levando em conta que as pesquisas podem envolver as contínuas mudanças evolucionárias às quais a contabilidade está sujeita.

Na sequência de pensamento, Peleias e Bacci (2004) trouxeram à tona que a educação e o estudo da contabilidade formam um conjunto de intervenções e medidas, as quais são fomentadas pela ação da mudança da sociedade. Isso proporciona o desenvolvimento e a capacitação de profissionais capazes de trabalhar de forma a preencher as necessidades do mercado e a amplificar a competência lógica a partir das Ciências Contábeis.

Já Silva e Faroni (2011), ao analisarem a produção científica acerca do ensino e da pesquisa na área de Contabilidade no Brasil, destacam a preocupação com a permanente atualização desse profissional. Para os autores, a formação de um grupo maior de pesquisadores no campo contábil é elemento preponderante para o impulso à ciência contábil e, dessa forma, torna-se imprescindível quebrar padrões conservadores e impeditivos de um maior desenvolvimento do conhecimento contábil.

A relevância que a educação empreendedora, os estudos em contabilidade e o empreendedorismo representam para a ciência contábil aplicada é de serem os facilitadores na competitividade e poderem ser incorporados ao mercado de trabalho contábil. Segundo Gil (2016), o ambiente de atuação contábil evoluiu devido à progressão da informatização, à modernização das práticas contábeis e ao incremento das vagas na universidade, sendo que os formados em contabilidade passaram de 100 a 300 mil contadores formados no final do século XX, para 500 mil contadores formados na primeira década do século XXI.

2.4 EMPREENDEDORISMO E EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA

Para iniciar a abordagem em Educação Empreendedora há a necessidade de se entender o que é empreendedorismo.

2.4.1 Empreendedorismo

Antes de continuar com o trabalho é importante deixar claro o que é empreendedorismo. A palavra empreender tem sua origem no termo latino *imprehendere*, que vem do latim medieval que prevaleceu no século XV. Essa expressão possuía o sentido de “arriscar um empreendimento laborioso e difícil”, e significava ainda “em execução” (SCHMIDT; BOHNENBERGER, 2009).

O empreendedorismo pode ser conhecido como a inovação em novos negócios, tornando-se um processo fundamental na geografia econômica dos países. Entretanto, as pesquisas empíricas que tratam desses fatores econômicos, historicamente se concentram em empregadores, tornando esses os agentes da mudança e globalização (DECKER et al., 2016).

Segundo Mack e Mayer (2016), o empreendedorismo está fortemente ligado a um ecossistema empreendedor, mas para compreender seu surgimento e evolução é preciso ir além de uma abordagem tradicional. Contudo, nesse meio tende-se a buscar um modelo condizente, mas cujo resultado final tenha tendência à sustentabilidade (BROWN; MASON, 2017). Os mesmo autores propõem uma tipologia de compreensão que tenha dois estágios distintos: os ecossistemas embrionários e ecossistemas em escala, sendo a principal característica a sua capacidade de produzir, apoiar e nutrir o crescimento da empresa dentro do meio a que está relacionada.

No Brasil, o processo educacional de aprendizagem de empreendedorismo ainda é relacionado ao desenvolvimento de competências, muitas vezes por doutrinas ideológicas das IES, que são desfavoráveis às atividades que incitam o capitalismo (SOUZA; SARAIVA, 2010). O empreendedorismo acadêmico ainda se arrasta devido aos aspectos históricos e culturais, no sentido de que o Brasil tem seus cursos universitários direcionados à capacitação de funcionários que procurarão ocupação no mercado de trabalho, segundo Dolabela (2002). Além disso, o que se averigua é que as universidades que procuram provocar o empreendedorismo mais o fazem exclusivamente focadas na administração de negócios e tecnologia, isolando-o das demais disciplinas, como a psicologia, a sociologia, a educação e as

demais ciências que se interessam com o entendimento do comportamento humano (GIL, 2016).

Já nas pesquisas de Verga e Silva (2014), somente nas últimas décadas foi incorporado o vocábulo empreendedorismo no meio acadêmico, apesar de a nomenclatura já ser atribuída há mais de dez séculos. Conforme os autores, o método do empreendedorismo vai além de inovar, criar ou rever algo, ele é a interpretação do método de descoberta, exploração e análise da problemática por parte dos realizadores, além dos meios empregados para alcançar estas finalidades.

Henrique e Cunha (2008) tendem a uma nova concepção sobre a missão do educador, procurando uma estabilidade entre a informação teórica e a simplificação do método de formação: através de vocações e direções dos afazeres práticos ofertadas aos estudantes e definindo o modo de aprendizado, os respectivos métodos pedagógicos podem ser seguidos para se dilatar os atributos empreendedores dos discentes. Lopes (2010) explana acerca da urgência de se doutrinar os trabalhadores para serem empreendedores, apresentando procedimentos metodológicos para o incremento e a atualização de competências do indivíduo empreendedor, especialmente do jovem universitário, que precisa ser instruído com uma nova mentalidade para atender e se adaptar às mudanças do mundo atual.

Diante deste olhar, Guarany (2010) esclarece que a proposta de maior parte das universidades tem como alvo, além do ensino, da pesquisa e da extensão, o incremento econômico. E, também, além de expandir profissionais e peritos para o meio catedrático e para o mercado, as IES capacitam empreendedores para incitar o conjunto econômico e social.

2.4.2 Educação empreendedora

Para Dolabela (2008), a educação empreendedora é aquela que está atrelada ao aparelhamento acadêmico, que necessita concretizar suas opções e cooperar para o revigoramento de sua ideiação de vida. Com isso, dá início à preparação do adolescente para fazer parte da sintaxe do desenvolvimento social e procura, igualmente, expandir aptidões e capacidades nos jovens, encorajando-os a terem autonomia para deliberar acerca do próprio futuro.

Ainda segundo o referido autor, nota-se que a educação empreendedora no Brasil está somente no começo e que seu início ocorreu através do primeiro curso na área, surgido em 1981, na Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas, em São Paulo. A

partir de então, as instituições começaram a aderir à Educação Empreendedora, apesar de o foco ainda estar na formação de mão de obra.

Nesse sistema, a universidade, conseqüentemente, ao se posicionar, há de apostar e investir na Educação Empreendedora, necessitando fazê-la de forma conectada, interdisciplinar, harmonizada e transversal, pois Guerra e Grazzotin (2010) ressaltam que o empreendedorismo não precisa ser debatido exclusivamente em disciplinas separadas e menos ainda entre as quatro paredes da sala de aula. Também condicionam e fundamentam que o empreendedorismo deve ser experienciado com intensidade por todos, em todos os sentidos, cabendo ao docente levar para a sala de aula a sinopse de maneira integrada às outras disciplinas, à instituição e à comunidade.

Um dos grandes desafios da educação empreendedora consiste na sua forma, visto que os materiais devem ser transmitidos aos discentes, mesmo existindo desacordos consideráveis entre pesquisadores da área. Contudo, o emprego de dinâmicas e atividades exclusivas que deixem alguns conteúdos mais atraentes e, ao mesmo tempo, inflam a curiosidade dos alunos é imprescindível e imperiosa no presente âmbito educativo (HENGEMÜLE, 2014).

Apesar disso, a Educação Empreendedora aproveita-se de situações reais, do dia a dia, para, por meio delas, exemplificar e trabalhar a aprendizagem necessária à execução do sonho de cada empreendedor. Torna-se indispensável a criação de uma dimensão de conhecimento ininterrupto, sendo que cada aluno mobilizará seus conhecimentos obtidos e, através de uma cultura empreendedora, dinâmica e participativa, desenvolverá suas ferramentas para o empreendedorismo (LOPES, 2010).

Ainda conforme Lopes (2010), o método da Educação Empreendedora se baseia em assumir o controle das experiências, em propagar o juízo crítico, contudo, prático e funcional, em propiciar o desenvolvimento do indivíduo e do cidadão e, além disso, realizar projetos diretamente relacionados à verdade dos estudantes e da sociedade, com o estímulo da inteligência criativa e inovadora, capaz de impulsionar o desenvolvimento econômico, por um lado, e o progresso do sujeito, por outro. Portanto, pode-se definir o empreendedor como aquele que inova, aquele que propõe formas diferentes de elaborar as coisas, aquele que reorganiza os recursos produzindo ganho.

Já para Schaefer e Minello (2016), a influência da Educação Empreendedora para o crescimento de um país tem sido constatada em diversos aspectos e, nas últimas décadas, estudos a respeito de empreendedorismo progrediram em termos de visibilidade e influência. Entretanto, o assunto da Educação Empreendedora ainda precisa de uma abordagem mais

concreta que ajude no seu desenvolvimento, norteamento e propagação de forma mais dinâmica.

Becker (2014), em seus estudos, traz que a Educação Empreendedora deve observar dois pontos importantes: que o educando esteja habilitado a trabalhar com a geração, com o empreender e inovar; e que ele fique ajustado ao meio para que isso seja exequível. Se tais fatores estiverem em conexão, existirão, normalmente, pontos específicos e isolados de qualquer planejamento para executar a determinada ação, ainda que não exista a competência, que poderá ser, portanto, procurada e desenvolvida.

Tschá e Cruz Neto (2014) caracterizam a nova incumbência que o docente deve assumir, reconhecendo que na Educação Empreendedora os docentes começam a ser considerados como formadores de opinião, aconselhadores ou mentores. Eles começam a impulsionar, guiar, inventar ou dirigir ideias, obras reais e colaborativas em consonância às realizações dos discentes. Para tal, devem realizar uso de atmosferas de participação, capacitações e a concretização de fatos, que cheguem a fomentar planos, empreendimentos, análises, inovações, incubações.

Já com um foco na academia, nota-se que as IES estão buscando ferramentas que auxiliem o desenvolvimento do empreendedorismo no meio acadêmico, tendo a sociedade ansiado por pessoas capacitadas e cada vez mais completas. Para Buesa (2010), em certas instituições já ocorre a inclusão da Educação Empreendedora em suas matrizes curriculares, no anseio de instigar no acadêmico o desenvolvimento de competências empreendedoras que fundamentarão sua atividade na vida e nos ambientes de negócios. Seguindo o pensamento da autora, a inclusão da Educação Empreendedora no espaço educacional decorre da necessidade de formação de indivíduos inovadores, que agregam com o desenvolvimento econômico e com a geração de soluções e capital.

Nessa mesma linha, e seguindo os pensamentos de Rocha e Freitas (2014), considerando-se a infinidade de alternativas pedagógicas existentes, atreladas às particularidades da formação na educação empreendedora, como o foco no jovem, o pioneirismo e o empoderamento, necessita-se de padrões de ensino que possibilitem ao acadêmico desenvolver as competências e métodos por via de conhecimentos práticos durante a sua formação. Os pesquisadores também elencam procedimentos e soluções e suas relativas informações, apresentadas no Quadro 1.

Quadro 1. Métodos, Técnicas e Recursos pedagógicos para a Educação Empreendedora e os Processos Educativos

Métodos, técnicas e recursos	Aplicações
Aulas expositivas	Transferir conhecimentos sobre o empreendedorismo, as características pessoais do empreendedor, os processos de inovação, fontes de recursos, financiamentos e aspectos legais de pequenas empresas.
Visitas e contatos com empresas	Estimular o <i>network</i> e incitar o estudante a sair dos limites das instituições de ensino superior para entender o funcionamento de mercado na vida real. Desenvolver visão de mercado.
Plano de negócios	Desenvolver as habilidades de planejamento, estratégia, <i>marketing</i> , contabilidade, recursos humanos, comercialização. Desenvolver a habilidade de avaliação do novo negócio, analisando o impacto da inovação no novo produto ou serviço. Construir a habilidade de avaliar e dimensionar riscos do negócio pretendido.
Estudos de casos	Construir a habilidade de pensamento crítico e de avaliação de cenários e negócios. Desenvolver a habilidade de interpretação e definição de contextos associados ao empreendedorismo.
Trabalhos teóricos em grupo	Construir a habilidade de aprender coletivamente. Desenvolver a habilidade de pesquisar, dialogar, integrar e construir conhecimentos, buscar soluções e emitir juízos de valor na realização do documento escrito.
Trabalhos práticos em grupo	Construir a habilidade de atuar em equipe. Desenvolver a habilidade de planejar, dividir e executar tarefas em grupo, de passar e receber críticas construtivas. Ampliar a integração entre o saber e o fazer.
Grupos de discussão	Desenvolver a habilidade de testar novas ideias. Desenvolver a capacidade de avaliar mudanças e prospectá-las como fonte de oportunidades.
<i>Brainstorming</i>	Construir a habilidade de concepção de ideias e prospecção de oportunidades, reconhecendo-as como oportunidades empreendedoras. Estimular o raciocínio intuitivo para a criação de novas combinações de serviços ou produtos, transformando-as em inovações.
Seminários e palestras com empreendedores	Transferir conhecimentos das experiências vividas por empreendedores desde a percepção e criação do produto até a abertura do negócio, bem como os sucessos e fracassos ocorridos na trajetória empreendedora.
Criação de empresa	Transpor as informações do plano de negócios e estruturar os contextos necessários para a formalização. Compreender várias etapas da evolução da empresa. Desenvolver a habilidade de organização e planejamento operacional.
Aplicação de provas dissertativas	Testar os conhecimentos teóricos dos estudantes e sua habilidade de comunicação escrita.
Atendimento individualizado	Desenvolver a habilidade de comunicação, interpretação, iniciativa e resolubilidade. Aproximar o estudante do cotidiano real vivido nos pequenos negócios.
Trabalhos teóricos individuais	Construir a habilidade de geração de conhecimento individualizado, estimulando a autoaprendizagem. Induzir o processo de autoaprendizagem.
Trabalhos práticos individuais	Construir a habilidade de aplicação dos conhecimentos teóricos individuais, estimulando a autoaprendizagem. Estimular a capacidade laboral e de autorrealização.
Criação de produto	Desenvolver a habilidade de criatividade, persistência, inovação e senso de avaliação.
Filmes e vídeos	Desenvolver a habilidade do pensamento crítico e analítico, associando o contexto assistido com o conhecimento teórico. Estimular a discussão em grupo e o debate de ideias.
Jogos de empresas e simulações	Desenvolver a habilidade de criar estratégias de negócios, solucionar problemas, trabalhar e tomar decisões sob pressão. Aprender pelos próprios

	erros. Desenvolver tolerância ao risco, pensamento analítico, comunicação intra e intergrupais.
Sugestão de leituras	Prover ao estudante teoria e conceitos sobre o Empreendedorismo. Aumentar a conscientização do ato empreendedor.
Incubadoras	Proporcionar ao estudante espaço de motivação e criação da nova empresa, desenvolvendo múltiplas competências, tais como habilidades de liderança, organizacionais, tomada de decisão e compreender as etapas do ciclo de vida das empresas. Estimular o fortalecimento da <i>network</i> com financiadores, fornecedores e clientes.
Competição de planos de negócios	Desenvolver habilidades de comunicação, persuasão e estratégia. Desenvolver capacidade de observação, percepção e aplicação de melhorias no padrão de qualidade dos planos apresentados. Estimular a abertura de empresas mediante os planos vencedores.

Fonte: Rocha e Freitas (2014)

Como pode-se observar no Quadro 1, a composição dos métodos, técnicas e recursos pedagógicos para a Educação Empreendedora e os Processos Educativos são bastante diversificados. Dessa forma, fica a cargo do docente escolher a que melhor se adequa aos objetivos propostos.

Tendo em vista a difusão da competência empreendedora, seus métodos e técnicas como elementos geradores de oportunidades e fomentadores do crescimento e baseando-se no contexto internacional, onde a educação para o empreendedorismo ganha destaque (SALIM; SILVA, 2013), há margem para se repensar a educação no Brasil. Há um extenso debate, entretanto, acerca da relevância e da real contribuição que a Educação Empreendedora fornece na composição de empreendedores de sucesso (MATLAY, 2008).

A educação direcionada para o empreendedorismo constitui um método de transmissão/aquisição do conhecimento acerca da área onde se vive e do respectivo indivíduo. Sendo assim, leva-se em conta que visa colaborar para o surgimento de competências, atitudes e comportamentos para a prospecção e exploração de oportunidades para transformação do meio em que vive por meio do desenvolvimento econômico, social e cultural (ROCHA; FREITAS, 2014).

2.4.2.1 Características da Educação Empreendedora e o Perfil Empreendedor

Pesquisas acerca das características particulares de cada empreendedor, bem como da Educação Empreendedora, têm movido os pesquisadores ao longo dos anos. Estudos a respeito das características do empreendedor remontam aos anos 1950 e os seus resultados identificam certas características específicas, tais como a modesta capacidade para enfrentar riscos usuais

ou calculados (KAUFMAN, 1991), bem como a realização pessoal e a elevada autoeficácia (MARKMAN; BARON; BALKIN, 2004).

Alguns teóricos, como Ronstadt (1984) e Hisrich (2014), defendem que a Educação Empreendedora não pode ser instituída de simbologias e exigências. Ela deve servir exclusivamente para desvendar para onde se deve enfatizar o procedimento de desenvolvimento, detectando o que precisa ser aperfeiçoado para ser o empreendedor que se deseja ser. O empreendedor é um indivíduo como qualquer outro, sendo seus talentos e competências que o levam a agir para chegar ao êxito, realizando sonhos, atingindo seus objetivos e alcançando sua realização pessoal.

No que diz respeito às características da Educação Empreendedora, afirmam Krueger Jr e Brazeal (1994, p. 91) que “antes de haver empreendedorismo é necessário ter potencial para isso”. Entende-se igualmente que ter potencial é expor traços ou características de personalidade similares às de pessoas que obtiveram êxito no tipo de atividade objeto do esforço, já que os empreendedores dispõem de características diferentes, quando comparados com o remanescente da população (MUELLER; GOÍĆ, 2002).

A formação empreendedora tem uma particularidade inter e pluridisciplinar. Para conseguir os seus fins é essencial desenhar um plano pedagógico ou planos de aula que ajustem a técnica educacional ao âmbito da competência procurada. Nessa expectativa, distintas técnicas e recursos têm sido observados e testados como meio de se fomentar o método de ensino-aprendizagem da formação empreendedora (ROCHA; FREITAS, 2014).

Segundo Dolabela (2008), as características da Educação Empreendedora podem ser sintetizadas no Quadro 2:

Quadro 2. Características da Educação Empreendedora

Características
Ênfase no processo (aprender a aprender)
Apropriação do aprendizado pelo participante
O instrutor como facilitador e educando; participantes geram conhecimento
O que se sabe pode mudar
Sessões flexíveis e voltadas à necessidades
Objetivos do aprendizado negociados
Prioridade para a autoimagem geradora do desempenho
Conjecturas e pensamento divergentes vistos como parte do processo criativo
Envolvimento de todo o cérebro; aumento da racionalidade no lado esquerdo do cérebro por estratégias holísticas, não lineares, intuitivas; ênfase na confluência e fusão dos dois processos
Conhecimento teórico amplamente complementado por experimentos na sala de aula e fora dela
Encorajamento à influência da comunidade
Experiência interior é contexto para o aprendizado; sentimentos incorporados à ação
Educação vista como processo que dura toda a vida, relacionado apenas tangencialmente com a escola
Erros como fonte de Conhecimento
Relacionamento humano entre professores e alunos é de fundamental importância

Fonte: Dolabela (2008, p. 153)

Segundo Dolabela (2008), conforme exposto no Quadro 2, a Educação Empreendedora está ligada às características do perfil empreendedor, contudo, está mais associada ao ensino e menos à prática. Dessa forma, é um método de aprendizado que induz ao ininterrupto aprender a aprender, que leva o acadêmico a progredir como faz o empreendedor na vida real: fazendo, errando, corrigindo rumos, criando.

Já o perfil empreendedor pode ter origens genéticas ou ser construído ao longo do tempo através de uma Educação Empreendedora, sendo moldado pelas influências que os pais exercem na constituição cultural, tendo início na infância. Daí a obrigatoriedade de se trabalhar a conduta do perfil empreendedor com a maior antecipação possível, mesmo antes de o indivíduo entrar para a fase adulta ou na faculdade (HISRICH; PETERS; SHEPHERD, 2014).

Schumpeter (1997), originalmente publicado em 1911, discorre acerca da relevância dos empreendedores para o desenvolvimento econômico. Na sua visão, o empreendedor é um indivíduo que possui iniciativa, domínio e palpite, ou seja, aptidão de antever e não simplesmente gerenciar a rotina de um negócio, tendo na renovação sua essencial propriedade.

Para Filion (1999), o empreendedor é um indivíduo que imagina, desenvolve e executa suas perspectivas, com início na imaginação de futuro. Ele idealiza um planejamento que permite produzir as condições essenciais à execução do seu projeto. É um indivíduo dinâmico, marcado pela habilidade de estabelecer e agarrar seus objetivos, e que mantém saliente índice de consciência do ambiente em que vive, usando-a para identificar ocasiões favoráveis de

negócios e analisando o mercado continuamente com o intuito de tomar decisões inovativas, no entanto, com risco sensato.

Em sua pesquisa, Schmidt e Bohnenberger (2009), baseados na premissa do perfil empreendedor, construíram uma sequência lógica estruturada com as principais características marcantes que devem ser incorporadas ao perfil empreendedor, representada no Quadro 3:

Quadro 3. Características do Perfil do Empreendedor

Características	Descrição
Autoeficaz	É a estimativa cognitiva que uma pessoa tem das suas capacidades de mobilizar motivação, recursos cognitivos e cursos de ação necessários para exercitar controle sobre eventos na sua vida.
Assume riscos calculados	Pessoa que, diante de um projeto pessoal, relaciona e analisa as variáveis que podem influenciar o seu resultado, decidindo, a partir disso, a continuidade do projeto.
Planejador	Pessoa que se prepara para o futuro.
Detecta oportunidades	Habilidade de capturar, reconhecer e fazer uso efetivo de informações abstratas, implícitas e em constante mudança.
Persistente	Capacidade de trabalhar de forma intensiva, sujeitando-se até mesmo a privações sociais, em projetos de retorno incerto.
Sociável	Grau de utilização da rede social para suporte à atividade profissional.
Inovador	Pessoa que relaciona ideias, fatos, necessidades e demandas de mercado de forma criativa.
Liderança	Pessoa que, a partir de um objetivo próprio, influencia outras pessoas a adotarem voluntariamente esse objetivo.

Fonte: Schmidt e Bohnenberger (2009)

Analisando-se o Quadro 3, pode-se ver que Schmidt e Bohnenberger (2009) analisaram a base teórica do perfil empreendedor e combinaram as suas propriedades essenciais. Eles criaram itens de medição para cada constructo, resultando em uma proposta estruturada e em uma forma complementar de avaliar o instrumento de interpretação da educação empreendedora, que pode ser feita comparando-se os respectivos fatores deste perfil com a natureza da educação empreendedora apresentada neste trabalho.

Tendo-se feito a conferência entre a educação empreendedora e o perfil do empreendedor, teve-se como etapa seguinte a organização dos itens de medição dos respectivos fatores. Dessa forma, é exibido a seguir, no Quadro 04, os elementos finais expressivos de cada fator identificado na pesquisa de Schmidt e Bohnenberger (2009) e mesclado com os estudos de Dolabela (2008). A disposição dos itens foi conduzida tanto pelo processo metodológico quanto por discussões trazidas pelo autor com a validação por dois professores doutores, sendo que os esses são pesquisadores nas áreas de gestão, contabilidade e educação.

Quadro 4. Itens representativo dos fatores

Fatores	Variáveis/Subcritérios
Autorrealização (C1)	Frequentemente detecto oportunidades de negócio no mercado.
	Creio que tenho uma boa habilidade em detectar oportunidades de negócio no mercado.
	Tenho controle sobre os fatores para minha plena realização profissional.
	Profissionalmente, me considero uma pessoa muito mais persistente que as demais.
	Sempre encontro soluções muito criativas para problemas profissionais com os quais me deparo.
Líder (C2)	Tenho um bom plano da minha vida profissional.
	Frequentemente sou escolhido como líder em projetos ou atividades profissionais.
	Frequentemente as pessoas pedem minha opinião sobre assuntos de trabalho.
	As pessoas respeitam minha opinião.
	Me relaciono muito facilmente com outras pessoas.
Planejador (C3)	No meu trabalho, sempre planejo muito bem tudo o que faço.
	Sempre procuro estudar muito a respeito de cada situação profissional que envolva algum tipo de risco.
	Tenho os assuntos referentes ao trabalho sempre muito bem planejados.
Inovador (C4)	Prefiro um trabalho repleto de novidades a uma atividade rotineira.
	Gosto de mudar minha forma de trabalho sempre que possível.
Assume riscos (C5)	Me incomoda muito ser pego de surpresa por fatos que eu poderia ter previsto.
	Eu assumiria uma dívida de longo prazo, acreditando nas vantagens que uma oportunidade de negócio me traria.
	No trabalho, normalmente influencio a opinião de outras pessoas a respeito de um determinado assunto.
	Admito correr riscos em troca de possíveis benefícios.
Sociável (C6)	Meus contatos sociais influenciam muito pouco a minha vida profissional.
	Os contatos sociais que tenho são muito importantes para minha vida pessoal.
	Conheço várias pessoas que me poderiam auxiliar profissionalmente, caso eu precisasse.

Fonte: Schmidt e Bohnenberger (2009)

Os itens apresentados no Quadro 4 são a base fundamental para a adaptação dos construtos originários das propriedades do perfil empreendedor que serão usados na coleta dos dados, assim apresentados por Dolabela (2008) e Schmidt e Bohnenberger (2009).

2.5 ESTUDOS ANTERIORES

Primeiramente, apresentam-se os resultados do levantamento realizado apenso à busca sistemática realizada com as palavras-chave: EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA; CIÊNCIAS CONTÁBEIS; e EMPREENDEDORISMO para as fontes nacionais. E ENTREPRENEURIAL EDUCATION; ACCOUNTING SCIENCES; e ENTREPRENEURSHIP nas fontes internacionais. Nesse levantamento, buscou-se documentos considerados relevantes para o estudo nos materiais disponíveis em bibliotecas, *sites* e *web*, bem como nos portais do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), da Universidade de São Paulo (USP), da base SCOPUS da ELSEVIER e da SCIELO, para o período compreendido entre 2014 a 2019. Os filtros aplicados foram: todos os idiomas, documentos, teses, dissertações e artigos.

A escolha das bases justifica-se devido ao IBICT coordenar a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD, 2019), que integra os sistemas de informação de teses e dissertações existentes nas instituições de ensino e pesquisa do Brasil. Também houve a pesquisa no portal da CAPES, que é a fundação do Ministério da Educação que desempenha papel fundamental na expansão e consolidação da pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado) em todos os estados da Federação e proporciona acesso a conhecimento atualizado, democratização do acesso à informação e a inserção internacional do conhecimento científico.

Consultou-se a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade de São Paulo (USP, 2019), que disponibiliza na internet o conhecimento produzido pelos trabalhos defendidos na Universidade, permitindo que as comunidades brasileira e internacional possam ter em mãos a versão digital completa de seus trabalhos. E, por fim, acessou-se a base SCOPUS (2019), por ser o maior banco de dados de resumos e citações da literatura com revisão por: revistas científicas, livros, processos de congressos e publicações do setor, bem como a base *Scientific Electronic Library Online* – SciELO, biblioteca eletrônica que abrange uma coleção selecionada de periódicos científicos brasileiros e onde foram usadas as palavras-chave para direcionar as buscas.

Os dados encontrados estão disponíveis na Tabela 1 – Resultado da Pesquisa Quantitativa.

Tabela 1 – Resultado da Pesquisa Quantitativa

Local da Pesquisa	Quantidade	Tipo
BDTD	01	Tese
	04	dissertações
CAPES	24	Artigo
SciELO	19	Artigo
SCOPUS	21	Artigo
USP	08	Tese
Totais	77	

Fonte: Dados da pesquisa

A busca retornou com 77 documentos. Através da leitura dos documentos, optou-se por aqueles que contivessem todas as palavras e cujos objetivos fossem iguais ou semelhantes aos objetivos deste trabalho, sendo totalizados 19 documentos com as características pretendidas.

Não foram incluídos artigos que possuíam as palavras-chave apenas na introdução ou na discussão exclusivamente para contextualizar o objeto, tendo em vista que alguns pesquisadores não retratavam com clareza qual seria o objeto de seus estudos. Para análise do tema de cada artigo foram caracterizados os objetivos dos estudos, suas contribuições e os principais achados que pudessem cooperar para o debate do objeto de análise em questão.

O Quadro 5 apresenta os estudos anteriores utilizados para embasar o trabalho.

Quadro 5. Estudos anteriores

Autores	Ano	Objetivos
RAMOS, K. D. S.; VALDISSER, C. R.	2019	Analisar o empreendedor em geral, mas com a ênfase nas mulheres empreendedoras. Investigar quais são os perfis dessas mulheres empreendedoras e analisar o que fez com que elas se tornassem proprietárias do seu próprio negócio ou que ocupassem cargos importantes em grandes empresas.
MATOS, C. M. F.; LIZOTE, S. A.; VERDINELLI, M. A.; CAVALHEIRO, C. C. M.	2018	Avaliar a influência da Educação Empreendedora no desenvolvimento da autoeficácia e de competências empreendedoras dos discentes de graduação da área da saúde.
MANCIO, M. G.	2018	Elaborar uma proposta de programa de Educação Empreendedora adequado ao contexto universitário brasileiro.
FERREIRA, F. M.; PINHEIRO, C. R. M. S.	2018	Desenvolver instrumentos que proporcionem um ambiente favorável ao aprendizado.
BARRAL, M. R. M.; RIBEIRO, F. G.; CANEVER, M. D.	2018	Analisar a intenção empreendedora em diferentes ambientes institucionais de educação superior – universidades públicas e privadas.
MICHELS, E.; PASSONI, D.; MOREIRA, F. K.; FERREIRA, E. D.; TEIXEIRA, T. F.	2018	Analisar o papel do professor no ensino de empreendedorismo, por meio da aplicação de pesquisa de avaliação de atividade intercursos em uma Faculdade do sul de Santa Catarina.

GOMES, D. C.; SILVA, L. A. F.	2018	Diagnosticar e analisar a percepção dos alunos em relação às suas experiências no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, entre essas com a disciplina Gestão Organizacional. O empreendedorismo jovem no sentido amplo, em que exemplos práticos e ferramentas úteis são apresentados e utilizados pelos alunos, apresenta-se como forma de inclusão de jovens no mercado de trabalho e, além disso, é fator preponderante para promoção do desenvolvimento socioeconômico brasileiro.
MURARO, R.; EBERLE, L.; VERRUCK, F.; LAZZARI, F.; MILAN, G. S.	2018	Identificar quais características empreendedoras podem ser encontradas nos alunos formandos do curso de Comércio Internacional de uma universidade localizada na serra gaúcha.
MOCELIN, D. G.; AZAMBUJA, L. R.	2017	Articular alguns avanços conceituais da teoria geral da ação empreendedora com aspectos empíricos observados a partir do comportamento econômico de empreendedores.
FERREIRA, A. S. M.; LOIOLA, E.; GONDIM, S. M. G.	2017	Identificar em estudos empíricos os principais preditores individuais e contextuais da intenção empreendedora (IE) entre estudantes universitários.
GONÇALVES DE ARAÚJO, A. G.; CARVALHO, C. D.	2016	Descrever quais características do perfil empreendedor estão mais relacionadas ao comportamento inovador e, por sua vez, ao tipo de inovação.
ALVES, A. C.; GONÇALO, L. M. B.; NUNES, V. V. T.; ALBUQUERQUE, L. S.	2016	Identificar o perfil e a intenção empreendedora de alunos de ciências contábeis da Universidade Estadual da Paraíba.
OLIVEIRA, A. G. M.; MELO, M. C. O. L.; MUYLDER, C. F.	2016	Identificar e analisar as ações praticadas por IES para o desenvolvimento da Educação Empreendedora com ênfase no empreendedorismo e inovação empresarial e social.
ROCHA, E. L. C.; FREITAS, A. A. F.	2014	Analisar, por meio de técnicas multivariadas, um instrumento que tem como função mensurar a aprendizagem do ensino de empreendedorismo, nesse sentido, verificando a alteração do perfil empreendedor.
RIBEIRO, R. L.; OLIVEIRA, E. A. A. Q.; ARAUJO, E. A. S.	2014	Analisar a contribuição de um empreendimento na formação de indivíduos empreendedores. Este estudo exploratório adotou, como procedimento de coleta de dados, a pesquisa bibliográfica, além do método bibliométrico.
LIZUKA, E. S.; MORAES, G. H. S. M.	2014	Analisar o perfil empreendedor do estudante de Administração de uma instituição de ensino privada e a visão discente sobre o ambiente universitário.
SÁNCHEZ, J. C.	2013	Destacar o papel fundamental desempenhado por um programa de Educação Empreendedora para alunos do ensino médio, a fim de confirmar (ou não) a sabedoria convencional de que a Educação Empreendedora aumenta a intenção de iniciar um negócio.
GIBB, A.	2011	Explorar uma série de desafios conceituais e práticos enfrentados na entrega de um programa inovador voltado a compor a Educação Empreendedora em contextos disciplinares acadêmicos distintos.
TIMMONS, J.; SPINELLI, S.	2011	Descrever as definições do empreendedorismo e do processo empreendedor em eventos de saúde para uma empresa de alto potencial.

Fonte: Elaborado pelo autor

Como pode-se observar no Quadro 5, o tema tem sido objeto de estudo nos últimos anos e servido de referencial comparativo para o desenvolvimento do trabalho.

Para explicar o perfil do empreendedor, Timmons e Spinelli (2011) apontaram suas visões para as seguintes características presentes em empreendedores: comprometimento, liderança, visão de futuro, carisma, predisposição para resolver conflitos, obsessão por oportunidades, complacência ao risco, à ambiguidade e à dúvida, criatividade, autoconfiança e adaptabilidade e motivação para o triunfo. Segundo os autores, oposto ao que se cogita, os empreendedores têm pouca urgência de status e autoridade e adquirem motivação pessoal baseada no desafio e na expectativa de gerar e erigir empreendimento. Eles são movidos por um anseio de conquista, ao invés de status e autoridade.

Utilizando-se dos estudos anteriores, pode-se verificar que o foco da pesquisa realizada por Gibb (2011) foi o desafio de desenvolver uma capacitação aos educadores que estavam envolvidos com a disciplina de Educação Empreendedora, pois eles estavam mais próximos de empresários amadores do que educadores. Para o autor, muitos educadores não estavam em uma posição organizacional que lhes proporcionasse poder de decisão para fazer as coisas acontecerem, bem como não possuíam recursos para trazer especialistas para sua instituição para promover a mudança.

Dessa forma, Gibb (2011) focou em uma linha com a Filosofia Educacional. Nessa, o desenvolvimento do educador deveria focar em processos, para expor aos acadêmicos que, para entenderem a Educação Empreendedora, precisariam colocar seus egos na linha, gerar oportunidades de experimentar e fazer e aprender com os erros, estimular a iniciativa, a tomada de decisões e *'performance'* sob pressão, criar situações de aprendizagem com o desenvolvimento de relacionamento e, o mais importante, o incentivo para a prática de aprendizagem através da aplicação.

Já Sanchez (2013) teve seu foco direcionado em um nível anterior ao ensino superior, em adolescentes cursando o ensino médio. Seus resultados apresentaram duas implicações práticas importantes. A primeira diz respeito às relações positivas entre Educação Empreendedora e as competências empresariais. A segunda está ligada aos dados apurados que representaram informações importantes para os governos, universidades, colégios e organizações privadas que têm investido fortemente no desenvolvimento de programas de Educação Empreendedora ao longo das últimas décadas. Assim, segundo o autor, a construção de políticas públicas adequadas poderia passar maior confiança e auxiliar na implementação, em todos os níveis educacionais, de um protocolo de formação relacionado com a Educação Empreendedora e o empreendedorismo.

Em suas pesquisas, Lizuka e Moraes (2014) constataram que um argumento comum é de que as instituições de ensino devem impelir o empreendedorismo entre os estudantes. Entretanto, poucas buscam identificar quem são os estudantes e, além disso, existe uma percepção implícita de que os estudantes não são empreendedores, tornando necessário que as instituições de ensino propiciem um ambiente universitário plural e flexível, tanto quanto possível.

Já os estudos de Oliveira, Melo e Muylder (2016) apresentaram que a Educação Empreendedora, e mesmo o empreendedorismo como centro do conhecimento, ainda está direcionada ao empreendedorismo tradicional de negócios. Seus resultados mencionam que, para os professores que participaram da pesquisa, as disciplinas e outras ações sobre o tema que são desenvolvidas nas IES incentivam os estudantes a compreenderem suas próprias ações, características, competências e a aperfeiçoarem aquelas que eles ainda não possuem para que as possam transformar em atitudes empreendedoras e inovadoras.

Alves et al. (2016) realizaram seus estudos aplicando um *survey*, no qual foram entrevistados 301 alunos em diferentes turnos de aula, por meio da utilização da escala de medição do perfil empreendedor de Schmidt e Bohnenberger (2009). Esses últimos construíram e validaram seu instrumento de medição propondo um modelo estrutural para essa finalidade, tendo seus resultados sugerido que o perfil empreendedor é um construto multidimensional, composto por oito atributos: autoeficaz; assume riscos; planejador; detecta oportunidades; persistente; sociável; inovador; e líder.

Seguindo a mesma linha de pensamento, Gonçalves de Araújo e Carvalho (2016) realizaram sua pesquisa com coleta de dados feita por meio de questionário impresso representando as oito características do perfil empreendedor determinadas por Schmidt e Bohnenberger (2009). Com base nessas características foram elaboradas as questões para determinar o perfil empreendedor dos acadêmicos que atuam no mercado de trabalho.

Michels et al. (2018) direcionaram seus estudos para o desafio de educar para o empreendedorismo, corroborando com Welsh et al. (2016), que evidenciaram o Ensino de Empreendedorismo como um período de transição, principalmente em função das mudanças, tanto conceituais, com novos modelos de ensino, quanto tecnológicas pelas quais as principais IES estão passando. Isso ocasiona uma ampla produção científica com trabalhos interligados entre si.

Ainda segundo Michels et al. (2018), os quais demonstraram a quantidade de técnicas e processos de ensino dentro da Educação Empreendedora, e também conforme Jones e Matlay (2011), frisou-se que as ferramentas mais frequentes a serem utilizadas eram os *workshops*,

discussões e projetos com clientes atuais, participação com empresas, seminários, trabalhos para desenvolver atitudes empreendedoras, simulações de negócio e treinamento prático. Todavia, essas ferramentas estavam atreladas a uns viés do cotidiano da vida do acadêmico e não simplesmente em um mundo de negócios.

Nos estudos seguintes a Schmidt e Bohnenberger (2009) e que tratam de perfil empreendedor, continua-se a utilizar sua metodologia como referência, como pode-se ver no trabalho de Muraro et al. (2018). Nesse, identificou-se que o empreendedor é um indivíduo que assume riscos, bom planejador, visualizador de oportunidades e um ser persistente, tendo como principais características a capacidade de inovar e de liderar pessoas em grupos.

Os estudos de Ramos e Valdisser (2019) baseiam parte de seu referencial no estudo de Schmidt e Bohnenberger (2009), corroborando, mesmo após uma década, que suas contribuições científicas continuam atuais para os padrões metodológicos sobre o tema.

Pode-se considerar, então, que o ensino da Educação Empreendedora forma uma conexão com a inovação e se transforma num recurso primordial para conquistar vantagens competitivas frente ao acirrado mundo globalizado.

3. METODOLOGIA

A seguir são apresentados os aspectos, delimitações, procedimentos metodológicos e empíricos utilizados para a construção deste trabalho. Assim, as seções expõem as descrições sobre o tipo de pesquisa, a amostra selecionada, a coleta de dados, o tratamento e a análise estatística dos dados em função dos objetivos deste estudo científico.

3.1. CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA

Para o estudo científico é essencial uma pesquisa metodológica e taxonômica da prática, dos fatos e das ocorrências por meio de estudos claros e fundamentados para que se possa atender as ações que balizam a exigência de validação concreta (MARTINS; THEOPHILO, 2009). Tem-se que a metodologia representa o conjunto de ações ou técnicas que são adotadas na aquisição do conhecimento e asseguram fundamento aos resultados descobertos.

Ruiz (2006) trata a metodologia como sendo a pergunta que se pretende responder com o estudo, através de pesquisas, bem como a definição da pesquisa em suas tipologias. Isso demanda do pesquisador experiência quanto ao que quer analisar e de que maneira espera desempenhá-la.

Diante dos relatos de Mattos, Rosseto Júnior e Blecher (2017), pode-se afirmar que os objetivos deste trabalho se baseiam primeiramente na pesquisa descritiva e documental, pois se pretendeu ressaltar a visão geral sobre os acontecimentos. Além disso, planejou-se proporcionar uma familiarização com o conteúdo, ou seja, através dela resgatar o máximo de fundamento possível sobre o problema em questão para, posteriormente, com base nos estudos anteriores, poder proporcionar uma alternativa para a solução confiável do problema.

O trabalho também se caracterizou como uma pesquisa descritiva que, segundo Cervo, Bervian e Silva (2006), é aquela que examina, estuda, assinala e correlaciona perspectivas variáveis que envolvem fatos ou fenômenos, sem manipulá-los. Buscou-se caracterizar os fenômenos humanos ou naturais sem a interposição do pesquisador, que apenas procura descobrir, com a precisão possível, a frequência com que um fenômeno ocorre, sua relação e conexão com outros, sua condição e características.

E ainda, segundo Perovano (2016), a pesquisa descritiva visa o reconhecimento, registro e análise das características, motivos ou variáveis que se relacionam com o fenômeno ou procedimento. Nesse tipo de pesquisa, pode-se realizar uma análise das relações entre as variáveis elencadas, para uma subsequente determinação dos efeitos resultantes no que se está

pesquisando. O autor trata que nesse formato de pesquisa não pode haver interferência do pesquisador, que deverá somente descobrir a frequência com que o fenômeno acontece ou como se estrutura e funciona um circuito, método, procedimento ou realidade operacional.

Os itens apresentados nos Quadros 2 e 3, nas páginas 37 e 38 respectivamente, foram a base para a adaptação dos construtos originários das propriedades do perfil empreendedor, assim apresentados por Dolabela (2008) e Schmidt e Bohnenberger (2009) e culminaram no construto do Quadro 4.

3.2 CARACTERIZAÇÃO GERAL DOS GRUPOS PESQUISADOS

A definição da população utilizada para a construção de um estudo faz relação com os princípios de que se faz uso e que representam o tema de estudo, configurando-se como dados que se relacionam em condições pragmáticas e têm em conjunto certas propriedades que possibilitam sua análise de modo comparado (RIBEIRO, 2011). Tal escolha é feita pelo investigador de modo responsável e com precisão metodológica para que se consiga ser aceito como um estudo científico.

A população da pesquisa foi constituída por Instituições de Ensino Superior com curso de Ciências Contábeis no Rio Grande do Sul. As mesmas foram identificadas no site do ENADE 2015 e a utilização dos participantes dessa edição deve-se ao fato de na data da pesquisa estarem disponíveis somente os resultados até este ano. Não houve escolha de participantes por alguma característica específica, sendo disponibilizado o questionário a quaisquer Instituições de Ensino Superior com curso de Ciências Contábeis no Rio Grande do Sul e participantes do ENADE 2015. Entretanto, nas redes ou grupos educacionais optou-se pelo envio apenas para a matriz, vista a sobreposição de informações que poderiam ocorrer e distorcer o resultado da pesquisa.

A população da pesquisa foi dividida em dois públicos, visto que a mesma foi aplicada aos coordenadores de cursos e aos acadêmicos. Foi levantado que na época do Enade 2015 havia 79 cursos regulares de ciências contábeis no Rio Grande do Sul. Após exaustivas tentativas, obteve-se o contato de 42 coordenadores desses cursos, sendo que 30 se dispuseram a responder. Quanto aos acadêmicos, o formulário foi enviado aos coordenadores e secretários dos Cursos de Ciências Contábeis da IES que responderam ao questionário dos coordenadores, tendo sido enviado para 1348 acadêmicos e obtendo-se 155 respondentes, sendo disponibilizado o questionário aos alunos de todos os semestre.

3.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Para a coleta dos dados foi utilizado um questionário aplicado primeiramente aos coordenadores e após aos acadêmicos dos cursos, contendo perguntas abertas e fechadas para analisar a presença da Educação Empreendedora nos cursos de Ciências Contábeis das universidades do Rio Grande do Sul. O instrumento utilizado é um construto adaptado de estudos anteriores, obedecendo as recomendações de Lakatos e Marconi (2017), de que: (1) os temas escolhidos devem estar de acordo com os objetivos da pesquisa; (2) o questionário deve ser limitado em sua amplitude e em seu propósito, pois um questionário muito longo causa fadiga e indiferença e um questionário muito curto pode não oferecer informações suficientes; (3) as questões devem ser codificadas, a fim de auxiliar a posterior tabulação; (4) deve estar acompanhado de orientações a respeito de como respondê-lo; e (5) a aparência e a estética devem ser observadas.

O questionário utilizado para o levantamento dos dados junto aos coordenadores de curso (consta no apêndice), contou com oito questões que foram adaptadas dos estudos de Bastos (2012) e Rocha e Freitas (2014), que auxiliaram no entendimento sobre suas interpretações acerca da disciplina de Educação Empreendedora. Para os acadêmicos foi utilizado um bloco para definir o grau de importância que eles atribuem para 22 variáveis usadas para medir o entendimento sobre o que está sendo ministrado: empreendedorismo ou Educação Empreendedora, construto esse proposto e validado por Schmidt e Bohnenberger (2009).

O questionário de pesquisa para os acadêmicos contou com diversas questões que estão elencadas no Quadro 4 e que, segundo Schmidt e Bohnenberger (2009), são indispensáveis para o entendimento sobre a Educação Empreendedora e, dessa forma, extremamente relevantes para o efetivo cumprimento dos objetivos da pesquisa. O questionário estava dividido em três aglomerados de questões, sendo que os dois últimos blocos utilizaram a escala tipo de Likert para definir a importância das características e variáveis que definem o perfil empreendedor, baseado na Educação Empreendedora ministrada em sala de aula. O primeiro bloco foi o do perfil dos respondentes (I), que possibilitou identificar as características do grupo integrante da pesquisa. O segundo, sobre as condições acadêmicas (II). E, por último, o bloco com afirmações sobre as percepções acerca da Educação Empreendedora (III), que possibilitou identificar seu entendimento sobre a mesma.

3.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS

Quanto à análise das informações, elas foram separadas por conteúdos e categorias. Foi possível observar a opinião dos entrevistados sem identificar suas participações, conforme sugere Brandão (2012). As pesquisas estão relacionadas à arte do ensino da contabilidade, com enfoque na Educação Empreendedora nas Universidades do Rio Grande do Sul. A escolha desses métodos se deve à necessidade de um diagnóstico que possibilite a concretização de um exame da aplicação desse conteúdo na Educação Empreendedora.

Os dados, obtidos através da coleta dos dados dos Coordenadores e Acadêmicos, foram interpretados através de análise de conteúdo, por meio da metodologia de Bardin (2010), e pela utilização da ferramenta MAXQDA, *software* para análise de dados qualitativos e métodos mistos em pesquisas acadêmicas, científicas e comerciais. Esse tipo de análise oferece diversas possibilidades descritivas do conteúdo e agilidade no que se concerne à categorização e aproximação ou distanciamento dos princípios textuais considerados às classes estabelecidas.

Além disso, a ferramenta de categorização de Bardin (2010) dá estrutura para uma diagnóstico temático que consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem a comunicação e cuja presença ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido. A categorização foi feita individual para cada questão a partir da frequência de verbos, adjetivos e substantivos, o que proporcionou a análise das informações numa definição precisa do problema.

Na mesma linha, Fonseca Júnior (2009) considera que análise de conteúdo é toda a prática que se baseia em analisar de modo sistematizado um corpo de texto ou material audiovisual, para descobrir e medir a conjuntura de palavras/frases/temas classificados como “essenciais” e que permitam uma analogia do futuro. E, ainda, onde pretende-se aventurar na aplicação da análise de conteúdo como técnica de análise de dados qualitativos ou mesmo mistos, no sentido de complementação.

Também utilizou-se a estatística descritiva para a análise dos dados dos acadêmicos e que, segundo Akamine e Yamamoto (2009), é a etapa inicial da análise utilizada para descrever e resumir os dados. Fundamentada na teoria das probabilidades, preocupa-se com a análise destes dados e sua interpretação. Os autores ressaltam que essa técnica tem o objetivo de sintetizar, descrever e compreender os dados de uma distribuição, usando medidas de tendência central, tais como a média, a mediana e a moda, bem como as medidas de dispersão valores mínimo e máximo, desvio padrão e variância, o cálculo dos percentis, quartis e decis e medidas

de distribuição achatamento e simetria da curva de distribuição, bem como outros pertinentes à resposta do questionamento, sob a ótica da construção do conhecimento.

O Quadro 6 apresenta a análise das estratégias de atingimento de cada objetivo.

Quadro 6. Análise das estratégias dos objetivos

ETAPAS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	PROCEDIMENTOS
1	Efetuar um levantamento das grades curriculares de Ciências Contábeis das universidades do Rio Grande do Sul participantes do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE) no ano de 2015	Levantamento realizado junto a página do ENADE 2015 e nos sites das universidades localizadas no RS, bem como com contato aos coordenadores de curso das universidades abrangidas.
2	Levantar a percepção dos coordenadores do Curso de Ciências Contábeis de universidades do Rio Grande do Sul quanto ao ensino do empreendedorismo	Aplicação do questionário e interpretação dos dados coletados junto aos Coordenadores de Curso de Ciências Contábeis das universidades localizadas no estado do RS.
3	Levantar a percepção dos acadêmicos do Curso de Ciências Contábeis de universidades do Rio Grande do Sul quanto ao ensino do empreendedorismo	Aplicação do questionário e interpretação dos dados coletados junto aos acadêmicos do curso de Ciências Contábeis das universidades localizadas no estado do RS e que participarem do ENADE 2015.

Fonte: Elaborado pelo autor

O Quadro 6 procura resumir as ações que serão feitas para que possa haver o atingimento dos objetivos e o cumprimento das etapas.

4. RESULTADOS

Os resultados e discussões do estudo estão embasados, primeiramente, na coleta de dados junto aos coordenadores para identificar a oferta da disciplina de Educação Empreendedora. Em seguida, teve-se como base o levantamento realizado junto aos acadêmicos dos cursos, que continha perguntas abertas e fechadas para analisar a presença da Educação Empreendedora nos cursos de Ciências Contábeis das universidades do Rio Grande do Sul.

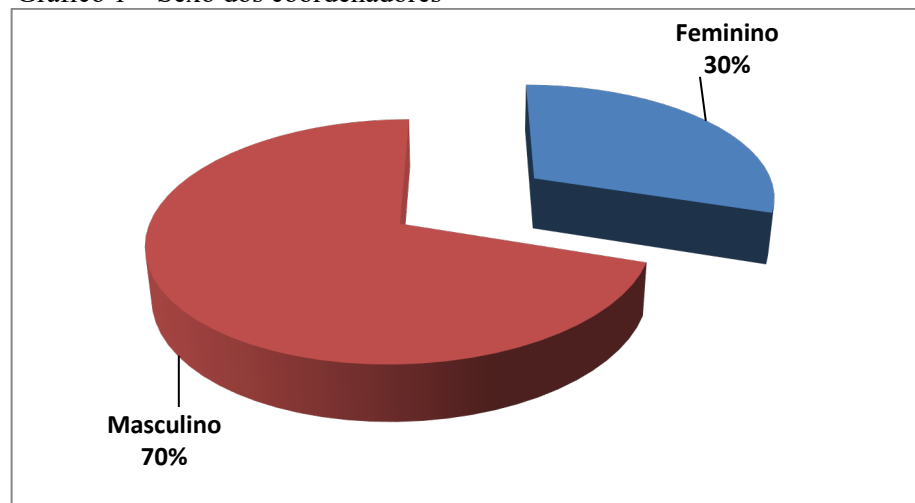
4.1 OFERTA DA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NA PERCEPÇÃO DOS COORDENADORES

Nesta etapa, analisa-se e discute-se a oferta da disciplina de Educação Empreendedora na percepção dos coordenadores de universidades do Rio Grande do Sul que participaram desta pesquisa. Os resultados estão divididos em duas categorias de análise: perfil dos respondentes e informações referentes à grade curricular e composição das ementas referentes à Educação Empreendedora.

4.1.1 Perfil dos respondentes

Inicialmente, verificou-se o perfil dos coordenadores participantes da pesquisa. Verificou-se o sexo, a idade, se a instituição em que trabalha é pública ou privada e o método de ensino que trabalha. Quanto ao sexo, os dados estão representados no Gráfico 1.

Gráfico 1 – Sexo dos coordenadores



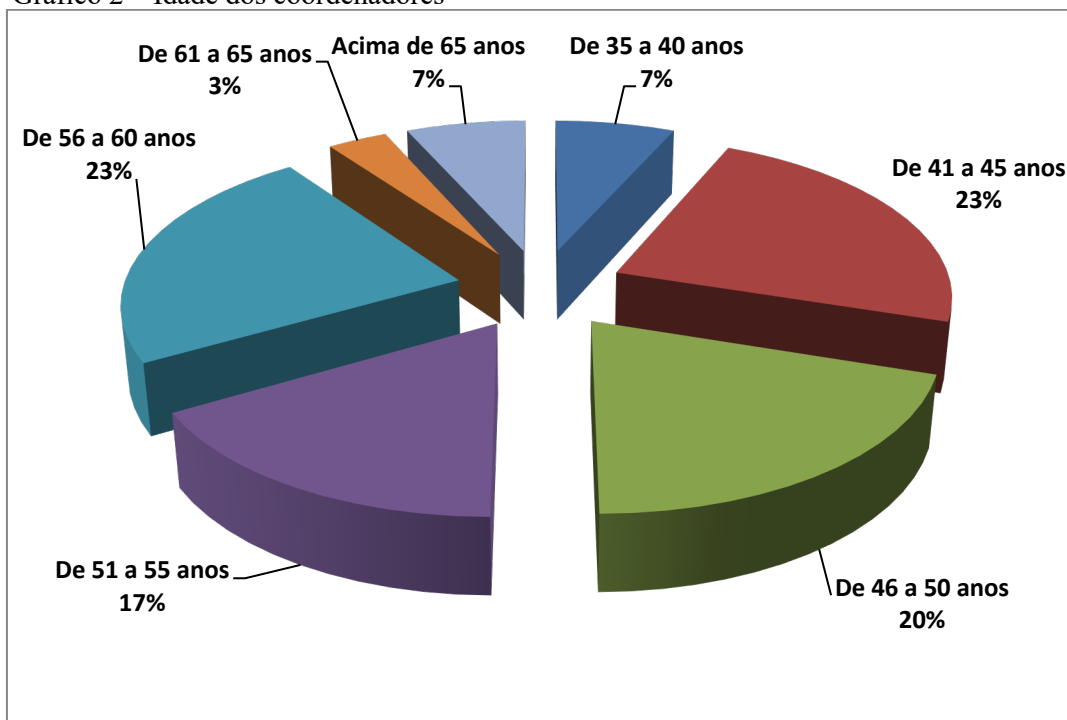
Fonte: Dados primários da pesquisa.

Quanto ao sexo dos coordenadores participantes da pesquisa, observou-se que a maioria é do sexo masculino, perfazendo um total de 70%, e somente 30% são mulheres. Essa prevalência do sexo masculino no cargo de coordenação desse curso também foi verificada nas pesquisas de Bonzanini, Ferreira da Silva e Leite (2017) e Grunow et al. (2005), que buscaram analisar o perfil desses profissionais no Brasil.

Esse maior número de homens gestores pode ser justificado pela própria profissão ser predominantemente masculina, de acordo com Oliveira, Nascimento e Silva (2016). Apesar disso, esse cenário vem sendo modificado e as mulheres já participam cada vez mais do mercado de trabalho contábil. Conforme dados do Conselho Federal de Contabilidade (CFC, 2018), 42,79% do quadro de profissionais da área já são do sexo feminino. O percentual de mulheres gestoras nas universidades do Rio Grande do Sul, portanto, já demonstram a tendência de crescimento do número de mulheres na área de Ciências Contábeis.

Dando continuidade à análise dos resultados, observou-se a idade dos participantes, verificando-se um resultado bem diversificado, conforme apresenta-se no Gráfico 2.

Gráfico 2 – Idade dos coordenadores



Fonte: Dados primários da pesquisa.

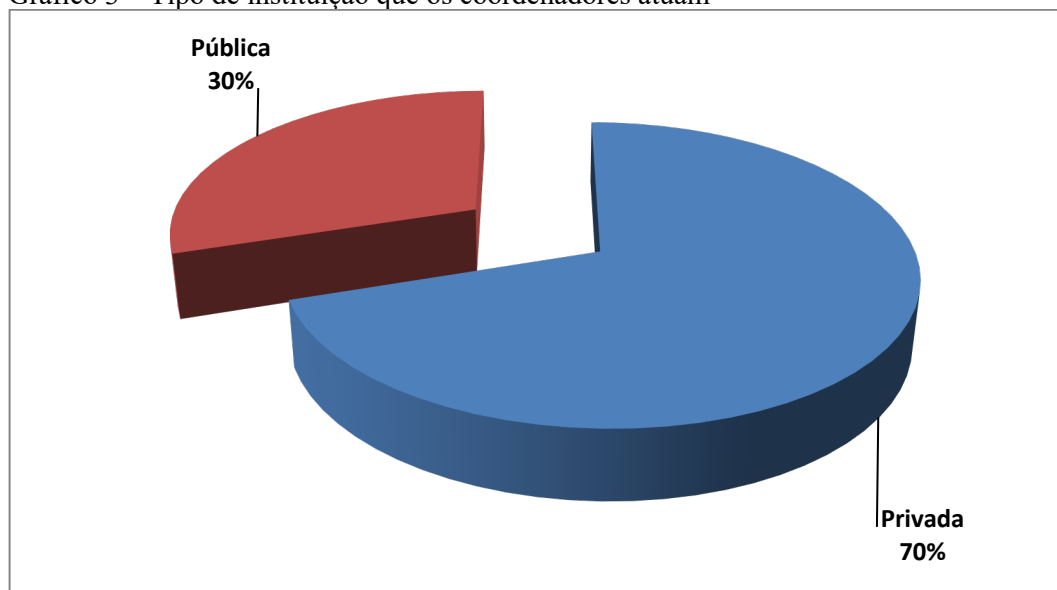
Com relação a faixa etária dos participantes, optou-se por separá-los de 5 em 5 anos para facilitar a visualização, devido a faixa etária dos coordenadores ser bem espaçada entre si. Verificou-se que aqueles possuem entre 41 e 45 anos perfazem 23% do total, assim como os

que tem entre 56 e 60 anos. Aqueles que possuem entre 46 e 50 anos representam 20%, já aqueles estão com idade entre 51 e 55 anos são 17%. Os coordenadores que estão com idade entre 35 e 40 anos representam somente 7% do total de entrevistados, assim como os que estão acima de 65 anos e os que estão entre 61 e 65 anos representam somente 3% do total de coordenadores. Por fim, observa-se que a média de idade dos coordenadores é de 50 anos de idade.

Essa diversificação da faixa etária também foi verificada nos estudos de Bonzanini, Ferreira da Silva e Leite (2017) e Grunow et al. (2005). Todavia, foi possível identificar um perfil que se assemelha entre as pesquisas, com os coordenadores apresentando-se com idade média de 45 a 50 anos. Somente a pesquisa de Bonzanini, Ferreira da Silva e Leite (2017) identificou a presença de jovens em cargos de coordenação do curso de Ciências Contábeis, podendo-se dizer, assim, que não se trata de algo comum na área.

Também foi averiguado junto aos coordenadores em que tipo de instituição atuam, sendo o resultado apresentado no Gráfico 3.

Gráfico 3 – Tipo de instituição que os coordenadores atuam



Fonte: Dados primários da pesquisa.

Com relação ao tipo de instituição que atuam, os coordenadores que trabalham na rede privada são a maioria, com 70% do total, e os que atuam na rede pública de ensino representam 30% dos que participaram desta pesquisa. Importante mencionar nesse ponto que o papel do coordenador de Instituição de Ensino Superior (IES) pública e privada difere em algumas atribuições. De acordo com Bonzanini, Ferreira da Silva e Leite (2017), no caso de instituições públicas, além das atribuições comuns ao cargo, existe uma maior demanda relacionada à

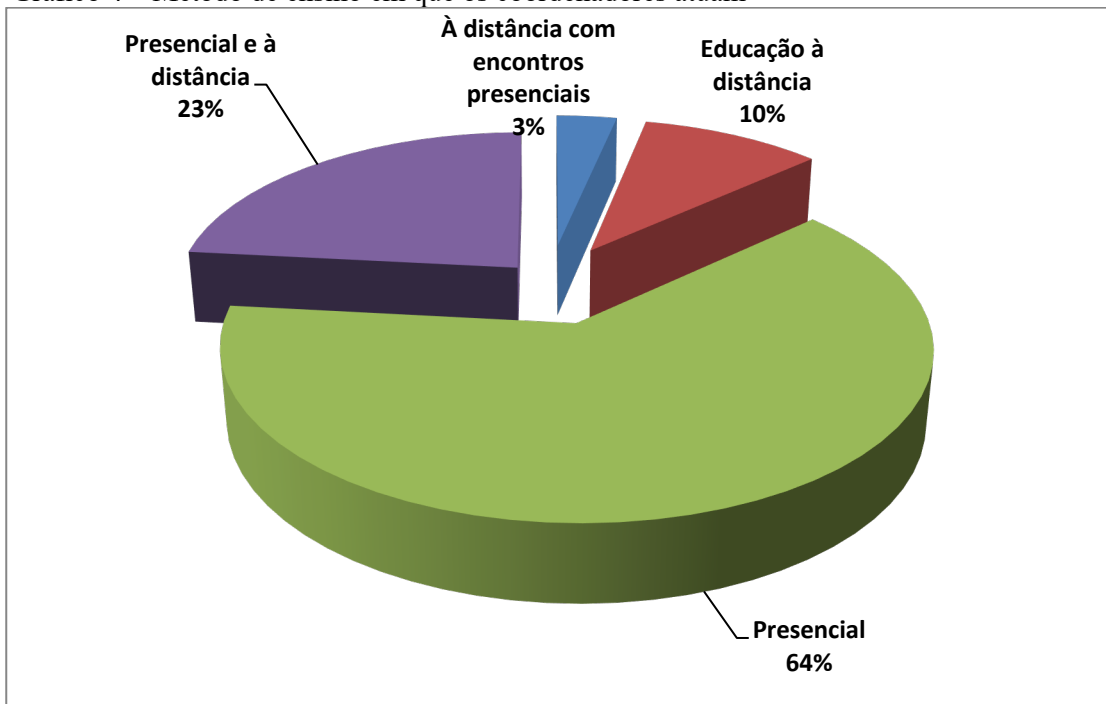
pesquisa e às atividades acadêmicas, enquanto nas IES privadas eles assumem um papel mais voltados para gestão em si, precisando atuar para obtenção de resultados que contribuam para a sustentabilidade econômica e financeira da instituição.

Salienta-se que o gestor, no seu trabalho cotidiano, lidera os atores que vivem dentro e em torno da escola, influenciando-os e interagindo com eles para dar e receber contribuições que levem à realização dos objetivos da IES. Pode-se dizer que uma gestão se efetiva por meio de avaliação dos resultados, quando for o caso, dos planos e estratégias em função das metas estabelecidas que apresente uma liderança eficaz. Dessa forma, não se baseia apenas em comando, mas garante condições para que os liderados produzam e alcancem os bons resultados.

Diante do exposto, Marquesin, Penteadó e Baptista (2015) destacam que o coordenador de curso superior, independentemente do tipo de instituição em que atua, é essencial, pois sua capacidade de participação, colaboração e consideração mútua se desenvolve de maneira adequada e integrada. Assim sendo, ele é um intelectual fundamental no grupo e suas atividades comportam as propriedades reflexiva, organizativa, conectiva, interativa e avaliativa.

Fechando o perfil dos coordenadores dos cursos de Ciências Contábeis das instituições do Rio Grande do Sul, verificou-se em qual método de ensino os profissionais atuam e o resultado é apresentado no Gráfico 4.

Gráfico 4 – Método de ensino em que os coordenadores atuam



Fonte: Dados primários da pesquisa.

Quanto ao método de ensino em que os coordenadores atuam, verificou-se que em sua maioria trabalham na metodologia presencial, representando 64% do total. Constatou-se, ainda, que 23% dos participantes da pesquisa atuam na modalidade presencial e à distância, 10% com a metodologia totalmente à distância e somente 3% atuam no método a distância com encontros presenciais. Não foram verificadas diferenças de acordo com as pesquisas realizadas em relação à coordenação de cursos presenciais, à distância ou mistos. Todavia, acredita-se que na educação à distância, com o uso de tecnologias e a quebra de barreiras geográficas, exista uma maior exigência do coordenador em relação ao relacionamento com os alunos e acompanhamento do andamento do curso e intercorrências, sendo sua atuação fator fundamental na sustentabilidade dos resultados da IES.

Em contrapartida, Carmo (2014) constatou em seu estudo que os acadêmicos da modalidade presencial possuem uma grande preocupação quanto ao comparecimento nas aulas, no intuito de assegurar sua frequência no curso – e esse fator naturalmente é um motivador. Já os alunos do sistema à distância não demonstraram condições expressivas de automotivação, onde o que prevaleceu foi o aspecto motivacional de estilo externo com contornos de introjeção, ou seja, o acadêmico é motivado pelo desejo de ser reconhecido na sociedade por meio da gestão de fatores eventuais inerentes ao seu aprendizado.

4.1.2 Informações referentes à grade curricular e composição das ementas referentes à Educação Empreendedora

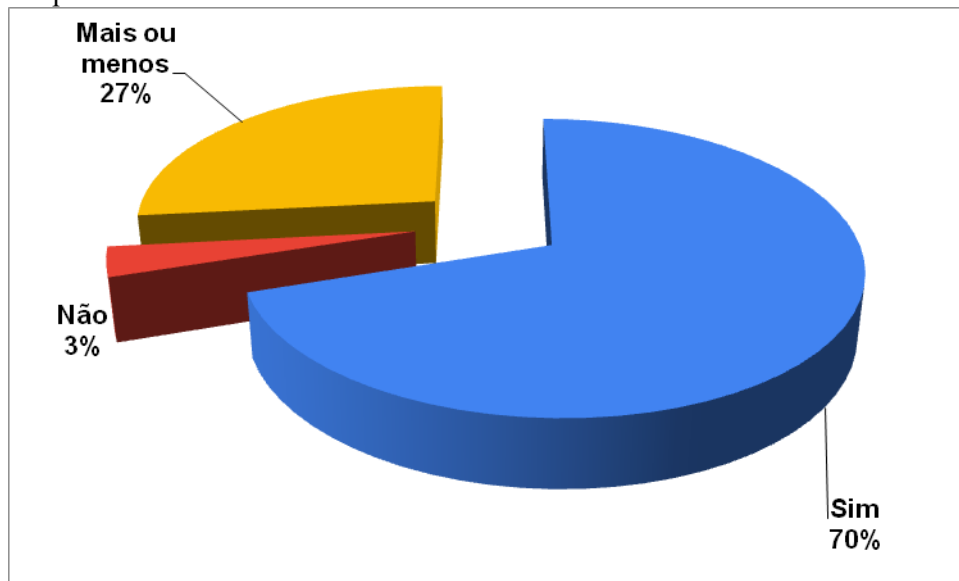
As matrizes curriculares são parte integrante do currículo que compõe os cursos e suas formações. Dessa forma, cabe destacar que, para Goodson (2008), o currículo foi imaginado essencialmente como uma convicção para guiar e restringir a autonomia e a liberdade iminente do professor na sala de aula. Com o passar dos anos, a convenção entre prescrição e poder foi alimentada para que o currículo se convertesse em um esquema que frequentemente reproduzisse as correspondências de poder existentes na sociedade.

Nos cursos superiores de Ciências Contábeis, considerando as diretrizes curriculares legais, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) nº 9.394/96 (BRASIL, 1996), os programas são construídos com fundamentos em tópicos que favoreçam áreas de conhecimento distintas. Também necessitam evidenciar uma morfologia curricular que seja flexível o suficiente para se adaptar ao perfil pretendido do egresso que, supõe-se, atenda, entre suas metas, aos requisitos de mercado.

Nesta parte da pesquisa, buscou-se especificamente junto aos coordenadores, grade curricular e ementas as informações referentes à Educação Empreendedora. Destaca-se que as questões aplicadas para esse fim tiveram como base os estudos de Bastos (2015) e Rocha e Freitas (2014). Busca-se também apanhar a percepção dos coordenadores do Curso de Ciências Contábeis de universidades do Rio Grande do Sul quanto ao ensino do empreendedorismo.

Para Vasconcellos (2002), a maior contribuição do coordenador para o processo de ensino se dá quando ele tem a consciência de que o seu papel é de propor, provocar, e não somente impor. Assim, acredita-se que para desempenho de tal função, deve-se conhecer a fundo o que se propõe a trabalhar. Diante do exposto, os coordenadores foram indagados acerca do conhecimento das atividades que configuram uma Educação Empreendedora, onde o resultado é apresentado no Gráfico 5.

Gráfico 5 – Conhecimento das atividades que configuram uma educação empreendedora



Fonte: Dados primários da pesquisa.

Conforme é possível verificar no Gráfico 5, os coordenadores em maioria (70%) afirmam ter conhecimento sobre Educação Empreendedora, enquanto 27% demonstraram ter um conhecimento mais superficial. Somente 3% afirmaram não ter conhecimento sobre o assunto, o que dificulta que esse percentual responda às demais perguntas. Destaca-se a importância desse conhecimento pelos coordenadores, considerando a tendência de que os cursos de Ciências Contábeis abordem esse tipo de educação, como bem elucidam Santiago, Silva Faia e Silva (2016). Isso porque formar contadores empreendedores faz-se fundamental nesse mercado de trabalho instável como o brasileiro, possibilitando que ampliem seus

horizontes profissionais. Todavia, ainda não é uma realidade em todas as IES, visto não ser um elemento obrigatório.

Com vistas a compreender o entendimento do coordenador sobre Educação Empreendedora, utilizou-se as respostas da questão que trata se o curso por ele coordenado contempla em sua estrutura curricular atividades voltadas para a Educação Empreendedora. Sendo assim, a Tabela 2 apresenta o cruzamento de informações entre o perfil dos respondentes e a análise das estruturas curriculares dos seus cursos. Pode-se obter as seguintes informações:

Tabela 2. Perfil dos Coordenadores X Estrutura curricular do curso

A estrutura curricular do curso de Ciências Contábeis contempla atividades voltadas para a Educação Empreendedora		SIM		NÃO	
		Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Sexo	Masculino	15	78,95%	6	54,55%
	Feminino	4	21,05%	5	45,45%
Tipo de instituição	Pública	3	15,79%	6	54,55%
	Privada	16	84,21%	5	45,45%
Tipo de ensino	Presencial	15	78,95%	4	36,36%
	EAD	0	0,00%	2	18,18%
	Misto	4	21,05%	5	45,45%

Fonte: Dados primários da pesquisa.

Conforme a análise dos dados, observa-se que 63% responderam que possuem na estrutura curricular dos seus cursos alguma atividade de Educação Empreendedora. Tem-se, ainda, que 78,95% dos respondentes são do sexo masculino, 84,21% dos respondentes são oriundos de IES privada e, ainda, 78,95% são coordenadores de cursos da modalidade presencial.

Segundo os estudos Sampaio (2011), a crescente migração dos acadêmicos de optarem por IES privadas e não pública teve seu início nos anos 2000, quando as IES privadas iniciaram seus movimentos de modernização e otimização de estruturas ofertando cursos em EAD. Nesse mesmo período, o cidadão começa a ter uma melhora na sua condição financeira, o que proporcionou a possibilidade de acesso a um ensino menos concorrido e barato.

A partir da interpretação dos dados da Tabela 2, bem como as disparidades na resposta dos coordenadores, é preciso ainda alinhar os objetivos da IES com os dos acadêmicos. Isso considerando que os professores da instituição, bem como o coordenador, devem manter um relacionamento vivenciado de forma positiva, desenvolvendo juntos a autoestima, o respeito, a

benevolência e adquirindo juntamente com esses fatores conhecimentos essenciais para desenvolver suas habilidades.

Dando continuidade ao estudo, verificou-se junto aos coordenadores atividades, tais como: disciplina de empreendedorismo; atividades de extensão; conjunto de disciplinas que incorporam temas de empreendedorismo; empresas juniores; e prestação de serviços à comunidade mediante consultorias que envolvam estudantes. Eles consideram que essas atividades são classificadas como Educação Empreendedora e os resultados são apresentados na Tabela 3.

Tabela 3 - Atividades consideradas como educação empreendedora

	N	%
Disciplina de empreendedorismo, conjunto de disciplinas que incorporam temas de empreendedorismo	7	23,33
Disciplina de empreendedorismo, atividades de extensão, conjunto de disciplinas que incorporam temas de empreendedorismo, empresas juniores, prestação de serviços à comunidade mediante consultorias que envolvam estudantes	5	16,67
Conjunto de disciplinas que incorporam temas de empreendedorismo	4	13,33
Atividades de extensão, conjunto de disciplinas que incorporam temas de empreendedorismo, empresas juniores, prestação de serviços à comunidade mediante consultorias que envolvam estudantes	3	10,00
Disciplina de empreendedorismo, atividades de extensão, conjunto de disciplinas que incorporam temas de empreendedorismo	2	6,67
Disciplina de empreendedorismo, atividades de extensão, conjunto de disciplinas que incorporam temas de empreendedorismo, prestação de serviços à comunidade mediante consultorias que envolvam estudantes, outra(s)	2	6,67
Disciplina de empreendedorismo, conjunto de disciplinas que incorporam temas de empreendedorismo, empresas juniores, prestação de serviços à comunidade mediante consultorias que envolvam estudantes	2	6,67
Atividades de extensão, conjunto de disciplinas que incorporam temas de empreendedorismo	1	3,33
Atividades de extensão, conjunto de disciplinas que incorporam temas de empreendedorismo, prestação de serviços à comunidade mediante consultorias que envolvam estudantes	1	3,33
Disciplina de empreendedorismo, atividades de extensão, empresas juniores	1	3,33
Disciplina de empreendedorismo, conjunto de disciplinas que incorporam temas de empreendedorismo, empresas juniores	1	3,33
Empresas juniores, prestação de serviços à comunidade mediante consultorias que envolvam estudantes	1	3,33

Fonte: Dados primários da pesquisa.

Como demonstra a Tabela 3, as disciplinas de empreendedorismo são as mais citadas pelos coordenadores, assim como outras disciplinas que incorporam os temas de empreendedorismo (23,33%). Verifica-se, ainda, como bem citadas, as atividades de extensão, parcerias com empresas juniores e prestação de serviços à comunidade mediante consultorias que envolvam estudantes (16,67%). Em um olhar amplo é possível dizer que as disciplinas de

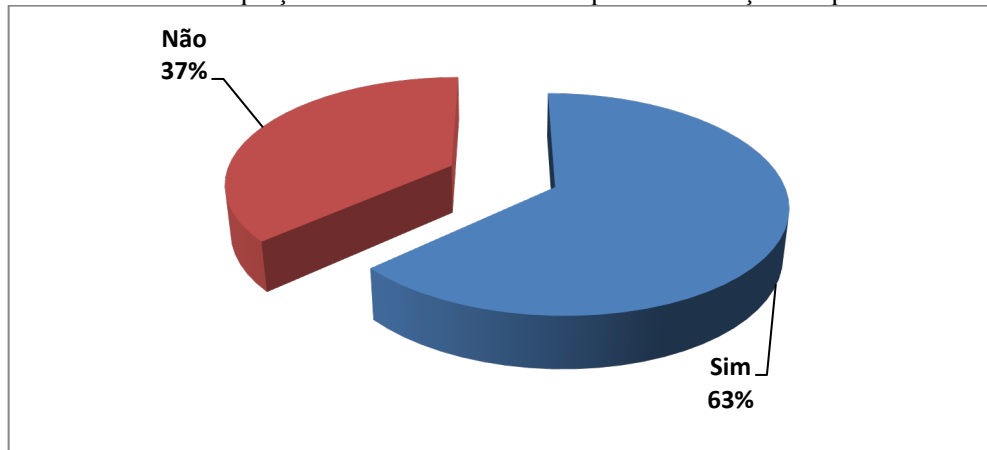
empreendedorismo foram citadas por 66,67% dos participantes, o que demonstra um percentual significativo de respondentes que tem a concepção de educação empreendedora como ato de empreendedorismo. Esse fato deve ser visto com cautela, pois está se rotulando todos os atos como empreendedorismo, ainda mais se levado em conta que a capacitação dos candidatos a empreendedor está sendo prioridade em muitos países, inclusive no Brasil, haja vista a crescente preocupação das escolas e universidades a respeito do assunto (DORNELAS, 2005).

Ao mesmo tempo, também é possível dizer que existe um percentual significativo de IES que não possui essas disciplinas em suas grades curriculares, limitando a educação empreendedora à atividades de extensão e parcerias com empresas juniores. Isso torna essa educação optativa, podendo deixar de oportunizar essa capacitação a determinados alunos que desconheçam a importância do empreendedorismo em sua futura vida profissional.

Assim, deve-se ainda destacar que durante uma aula inúmeros fenômenos sociais estão acontecendo: troca de experiências entre professores e alunos, troca de experiências entre os próprios alunos, relações de amizade, relações de carinho, discussões, enfim, professores e alunos se relacionam entre si. Sabe-se que a IES possui papel fundamental na formação do acadêmico e na sua formação como cidadão. Sendo assim, a relação entre professor e aluno assume grande importância, representando possibilidades ricas de crescimento. De acordo com Almeida (2001), a relação professor/aluno possui um importante papel na construção da personalidade, devendo, portanto, o professor administrar possíveis conflitos existentes, revelando-se como alguém potencialmente necessário na trajetória da delimitação do eu.

Através do tratamento do conteúdo da Tabela 3 no MAXQDA, obteve-se a categorização e frequências que podem ser vistas na Tabela 4.

Gráfico 6 – Contemplação de atividades voltadas para a Educação Empreendedora



Fonte: Dados primários da pesquisa.

Justificando o resultado apresentado no Gráfico 6, os coordenadores discorreram acerca da abordagem de tarefas que contemplam a educação voltada para o empreendedor. Assim, tem-se suas justificativas apresentadas na Tabela 5, as quais foram compiladas por afinidade.

Tabela 5 - Justificativa para contemplação ou não de educação empreendedora na estrutura curricular do curso

	N	%
No PPC do curso, há a figura da empresa Jr, que faz parte das atividades do curso como complementar. Como curso é noturno e a grande maioria dos alunos exerce atividades remuneradas via CLT ou estágios, muitas vezes a execução é difícil.	2	6,67%
Mais voltada para a formação técnica.	2	6,67%
Penso que a Educação Empreendedora envolve toda grade curricular sob um novo enfoque, o qual não temos.	1	3,33%
Na disciplina de Empreendedorismo e Inovação trabalhamos com aulas práticas de empreendedorismo, envolvendo a comunidade.	8	26,67%
Possuímos apenas cadeira de empreendedorismo.	7	23,33%
A formação superior ofertada aqui tem o enfoque no mercado de trabalho e colocação profissional dos discentes.	2	6,67%
Visamos a educação empreendedora transversalmente, estando ligada a todos os temas.	2	6,67%
Além da disciplina de empreendedorismo, os alunos são desafiados a empreender, tanto do ponto de vista da criação de novos negócios, como na questão do empreendedorismos pessoal, da pessoa se reinventar e criar novas alternativas de atuação profissional. Nossa instituição está trazendo metodologias internacionais, como, por exemplo, o INNOPEDA, desenvolvido pela TUAS, uma universidade finlandesa estabelecida na cidade de Turku, inclusive enviando professores para fazer cursos naquela instituição. Tal metodologia busca criar condições para que os alunos desenvolvam um empreendedorismo inovador, de certa forma tentando prepará-los para atuar em atividades que ainda sequer foram inventadas.	1	3,33%
Possuímos a disciplina de Educação Empreendedora.	2	6,67%
Ainda estamos desenvolvendo a disciplina.	1	3,33%
Não desenvolvemos com o acadêmico a cultura do empreendedor.	2	6,67%

Fonte: Dados primários da pesquisa.

Analisando a Tabela 5, onde a questão era aberta e os respondentes poderiam explicar com suas palavras o seu entendimento sobre educação empreendedora, preferiu-se transcrever na íntegra as informações. Isso propiciou notar que as atividades direcionadas ao empreendedorismo inerentes as disciplinas geralmente possuem caráter extraclasse. Contudo, as demais disciplinas tendem a abordar e incentivar o ato de empreender dos alunos.

Diante disso, Lopes (2015) indica que ao longo de anos diversos autores têm discutido a interdisciplinaridade curricular e a formação do docente sob variados e diferentes focos. Entretanto, existem dois pontos de concordância entre todos: (1) o de que a interdisciplinaridade deve ser entendida como sendo a existência de “relação” entre as mais variadas disciplinas com um único propósito: o de gerar desenvolvimento pleno da crítica a dispor de entendimento e saber; e (2) a interdisciplinaridade dispõe de vários “momentos” que marcaram os entendimentos sobre a mesma, sendo três desses fundamentais: momento de definição do problema onde se buscava conceitualizar a interdisciplinaridade, momento de explicitação do método e momento de desconstrução de uma teoria da interdisciplinaridade, iniciada em 1990.

Ainda segundo Lopes (2015), os três momentos ditos fundamentais, mesmo sendo distintos, ainda detêm marcas comuns entre si. Haja vista que esses asseguram a perplexidade em frente ao problema da fragmentação do conhecimento, ditando as implicações que esse ato denota ao aprendizado e ao ensino.

A Tabela 5 apresenta ainda que apenas 6,67% possui a disciplina de Educação Empreendedora, foco deste estudo. Contudo, 23,33% possui a cadeira de empreendedorismo, que muitas vezes confunde-se no seu significado, porém, como já tratado anteriormente neste estudo, a Educação Empreendedora é muito mais abrangente e de caráter mais permanente.

Diante da análise dos Planos Políticos Pedagógicos, bem como da base curricular com suas ementas, pode-se verificar que 30% das IES não possuem nenhuma disciplina que tenha em sua ementa alguma variância do tema empreendedorismo. Dos 70% restantes, apenas 15,40% tem alguma relação com a Educação Empreendedora, destoando, dessa forma, com as respostas dos coordenadores. Dessa forma, pode-se comparar com os resultados da pesquisa de Oliveira, Melo e Muylder (2016), onde 28% dos pesquisados sugeriam a inserção da disciplina de educação empreendedora em suas grades curriculares, visto a discrepância existente entre o que se quer conduzir e o que realmente é ministrado.

Continuando a análise da estrutura curricular e das atividades voltadas para Educação Empreendedora, os participantes da pesquisa informaram quais as atividades constantes na

grade curricular que contemplam o assunto. Salieta-se que os respondentes poderiam marcar tanto quantos itens achassem pertinentes. O resultado é apresentado na Tabela 6.

Tabela 6 - Atividades voltadas para a Educação Empreendedora

	N de ocorrências
Educação empreendedora	12
Disciplina de empreendedorismo	18
Atividades de extensão	14
Conjunto de disciplinas que incorporam temas de empreendedorismo	16
Empresas juniores	10
Prestação de serviços à comunidade mediante consultorias que envolvam estudantes	1
Não possuem	5

Fonte: Dados primários da pesquisa.

Observa-se que as atividades que possuem como característica o aluno como sujeito ativo no processo de aprendizagem têm predominância, bem como o perfeito encaixe da metodologia construtivista, proporcionando um ganho de aprendizagem devido ao sucesso da relação de construção conjunta do conhecimento. É dessa forma que Vygotsky (1989) considera a aprendizagem, como algo que está diretamente relacionado ao cotidiano do indivíduo, sendo fundamental que os conteúdos sejam trabalhados de acordo com o ambiente em que ele está inserido.

Pode-se dizer, com base nessa teoria, que quanto mais longe da realidade do aluno o conteúdo for abordado, menor será a sua capacidade de absorção, sendo a contextualização dos conteúdos fator primordial para a melhoria desses resultados (ROSA; ROSA, 2007). Destaca-se ainda que o desenvolvimento de Projetos Sociais aplicáveis, utilizando a teoria com a prática, foi uma atividade citada pelos coordenadores que não constava nas opções do questionário e foi citada como outras.

Na continuidade das análises, apresenta-se na Tabela 7 os dados relacionados ao questionamento que trata das atividades de Educação Empreendedora, porém relacionadas ao perfil dos coordenadores. Cabe aqui uma observação, visto que cada coordenador podia marcar tantas quantas atividades o seu curso possuía e, dessa forma, o somatório de respostas é maior que o número de respondentes.

Tabela 7. Atividades empreendedoras X Perfil dos coordenadores

Atividades empreendedoras do Curso de Ciências Contábeis	Sexo				Tipo de instituição				Tipo de ensino					
	Masculino		Feminino		Pública		Privada		Presencial		EAD		Misto	
	F	P	F	P	F	P	F	P	F	P	F	P	F	P
Educação Empreendedora	8	26,67%	1	3,33%	2	6,67%	7	23,33%	7	23,33%	1	3,33%	1	3,33%
Disciplina de Empreendedorismo	15	50,00%	4	13,33%	5	16,67%	14	46,67%	12	40,00%	2	6,67%	5	16,67%
Atividades de extensão	8	26,67%	4	13,33%	2	6,67%	10	33,33%	11	36,67%	0	0,00%	1	3,33%
Conjunto de disciplinas que incorporam temas de empreendedorismo	12	40,00%	2	6,67%	3	10,00%	11	36,67%	10	33,33%	1	3,33%	3	10,00%
Empresas juniores	7	23,33%	4	13,33%	2	6,67%	9	30,00%	10	33,33%	0	0,00%	1	3,33%
Prestação de serviços à comunidade mediante consultorias que envolvam estudantes	5	16,67%	5	16,67%	2	6,67%	8	26,67%	8	26,67%	0	0,00%	2	6,67%
Não possuímos	1	3,33%	4	13,33%	3	10,00%	2	6,67%	2	6,67%	1	3,33%	2	6,67%
Outras	1	3,33%	0	0,00%	0	0,00%	1	3,33%	1	3,33%	0	0,00%	0	0,00%

Fonte: Dados primários da pesquisa.

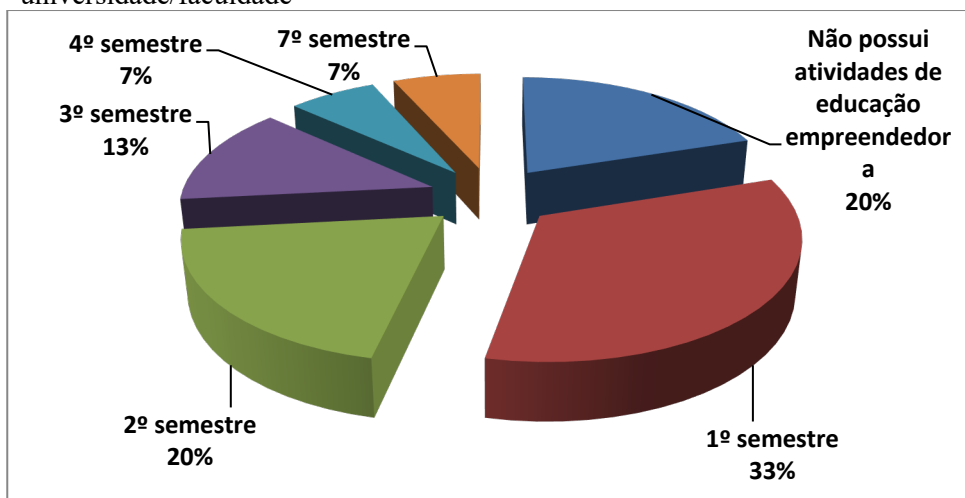
Analisando-se a Tabela 7, verifica-se que os coordenadores do curso possuem como referência à disciplina de empreendedorismo, seguida do conjunto de disciplinas que incorporam temas de empreendedorismo e, posteriormente, as atividades de extensão e as atividades de Educação Empreendedora. Tal resultado incita a reflexão, pois anteriormente 63% dos respondentes haviam expresso que possuem a Educação Empreendedora na sua grade curricular, mas aqui apenas 30% a citaram.

Verifica-se também que 76,67% das IES públicas concentram em sua grade curricular alguma disciplina ligada ao tema empreendedorismo. Dessas, apenas 6,67% possuem a Educação Empreendedora, o que vem ao encontro do estudo de Morigi (2017), que apresentou que 60,30% das IES públicas oferecem em sua grade alguma disciplina que esteja atrelada ao empreendedorismo. Em pesquisa recente feita pela Endeavor, constatou-se que a média total de universitários brasileiros que já cursaram uma disciplina ligada ao empreendedorismo é de 44,20% e daqueles que dedicam o seu tempo para aprender a iniciar um negócio é de 28,40% (ENDEAVOR BRASIL, 2017).

Já nos estudos de De Araujo e Oliveira (2012), eles direcionaram seus esforços na pesquisa pelas produções publicadas pelas IES no ano de 2012 e que tivessem em seu tema o empreendedorismo. Nesse estudo, constatou-se que foram produzidos no referido ano 371 artigos contendo o tema, porém, apenas 2 em Educação Empreendedora.

Na sequência da pesquisa, os coordenadores foram questionados quanto ao semestre em que se inicia a discussão sobre Educação Empreendedora na universidade/faculdade, gerando o resultado demonstrado no Gráfico 7.

Gráfico 7 – Semestre que se inicia a discussão sobre educação empreendedora na universidade/faculdade



Fonte: Dados primários da pesquisa.

Além do período em que se inicia a discussão acerca do empreendedorismo na instituição, os coordenadores destacaram a forma como essa abordagem ocorre, sendo suas falas agrupadas por semelhança e transcritas na Tabela 8.

Tabela 8 - Forma de ocorrência das discussões sobre Educação Empreendedora no curso

	N de ocorrências
Por escolha dos alunos	1
Não ocorre	5
Interdisciplinaridade, estágio e laboratório	2
Conjunto de disciplinas que incorporam temas de empreendedorismo	13
Cadeira de introdução à Educação Empreendedora	3
Os professores buscam conscientizar os alunos já desde seu ingresso de que as profissões e empresas que hoje existem talvez não existam mais num futuro próximo.	3
Iniciando as discussões básicas da administração e aplicando os conhecimentos múltiplos associados aos negócios.	3

Fonte: Dados primários da pesquisa.

Observa-se que as discussões acerca do empreendedorismo ocorrem, na maioria das vezes, dentro da sala de aula, porém, acredita-se que esse processo para uma maior assimilação deva ser pautado também na prática. Diante do exposto, Piaget (1974) considera a assimilação como a ação da pessoa sobre o meio no qual ela está inserida, podendo transformá-lo em proveito próprio. Isso significa a incorporação de novos objetos ao esquema de ação, com a criança encarando novos desafios e buscando assimilá-los aos processos que já compreende. Esse é um processo contínuo, em que a pessoa recebe inúmeros estímulos durante suas interações, fazendo com que amadureçam suas ideias e ajude no desenvolvimento de sua inteligência e de seus conhecimentos. A teoria de Piaget (1974) considera que o desenvolvimento cognitivo só pode acontecer caso o indivíduo atue no meio ambiente no qual está inserido, pois são a partir dessas interações que podem ser desenvolvidos os processos de assimilação e acomodação, possibilitando a obtenção dos dados necessários a esse procedimento.

Com os dados obtidos na Tabela 8, pode-se realizar o cruzamento das informações com o perfil dos coordenadores respondentes, como se vê a seguir na Tabela 9.

Tabela 9. Discussão sobre Educação Empreendedora X Perfil dos coordenadores

Forma de ocorrência das discussões sobre educação empreendedora no curso.	Sexo				Tipo de instituição				Tipo de ensino					
	Masculino		Feminino		Pública		Privada		Presencial		EAD		Misto	
	F	P	F	P	F	P	F	P	F	P	F	P	F	P
Por escolha dos alunos.	0	0,00%	1	3,33%	0	0,00%	1	3,33%	1	3,33%	0	0,00%	0	0,00%
Não ocorre.	2	6,67%	3	10,00%	2	6,67%	3	10,00%	1	3,33%	1	3,33%	3	10,00%
Interdisciplinaridade, estágio e laboratório.	1	3,33%	1	3,33%	1	3,33%	1	3,33%	1	3,33%	1	3,33%	0	0,00%
Conjunto de disciplinas que incorporam temas de empreendedorismo.	9	30,00%	4	13,33%	3	10,00%	10	33,33%	8	26,67%	0	0,00%	5	16,67%
Cadeira de introdução a educação empreendedora.	3	10,00%	0	0,00%	2	6,67%	1	3,33%	2	6,67%	1	3,33%	0	0,00%
Os professores buscam conscientizar os alunos já desde seu ingresso de que as profissões e empresas que hoje existem talvez não existam mais num futuro próximo.	3	10,00%	0	0,00%	0	0,00%	3	10,00%	3	10,00%	0	0,00%	0	0,00%
Iniciando as discussões básicas da administração e aplicando os conhecimentos múltiplos associados aos negócios.	2	6,67%	1	3,33%	1	3,33%	2	6,67%	1	3,33%	1	3,33%	1	3,33%

Fonte: Dados primários da pesquisa.

Através do cruzamentos dos dados, pode-se verificar na Tabela 9 que a forma de ocorrência das discussões sobre Educação Empreendedora ocorre em 33,33% das IES privadas. Essas discussões concentram-se 30% no conjunto de disciplinas que incorporam temas de empreendedorismo e 26,67% são em cursos presenciais.

Os estudos de Ferreira, Gimenez e Ramos (2006) apresentam um comparativo das práticas didático pedagógicas do ensino de empreendedorismo em universidades brasileiras e norte-americanas. Como resultados, 52% das atividades estavam ligadas a um conjunto de disciplinas, o que demonstra que essa tendência permanece até o presente.

As formas e métodos de ensino utilizadas pelos docentes para promover atividades voltadas à Educação Empreendedoras foram questionadas junto aos coordenadores, que

responderam conforme resultado apresentado na Tabela 10. salienta-se que os respondentes poderiam marcar quantos itens achassem pertinentes.

Tabela 10 - Formas e métodos de ensino utilizadas pelos docentes para promover atividades voltadas a Educação Empreendedoras

	N de ocorrências
Aulas expositivas	16
Aulas práticas	20
Palestras de especialistas	15
Jogos de empresas e simulados	13
Incubadoras de empresas	10
Planos de negócios	12
Outros	8

Fonte: Dados primários da pesquisa.

Verificou-se que tanto as aulas expositivas, quanto as aulas práticas, predominaram quanto as formas e métodos de ensino utilizadas pelos docentes para promover atividades voltadas à Educação Empreendedora. Assim, fica evidente que é por meio da relação professor e aluno que ocorre o processo de ensino e aprendizagem com relação ao empreendedorismo. Contudo, deve-se ressaltar que todo professor pode estimular o ato de empreender.

Com a compilação dos dados, pode-se realizar o cruzamento das informações com o perfil dos coordenadores respondentes, como pode ser visto na Tabela 11. Cabe aqui ressaltar que cada coordenador podia marcar a quantidade de métodos de ensino que são utilizadas pelos docentes para promover atividades voltadas à Educação Empreendedora. Dessa forma, o somatório de respostas é maior que o número de respondentes.

Tabela 11 - Formas e Métodos utilizados na Educação Empreendedora X Perfil dos coordenadores formato aberto

Formas e métodos de ensino utilizadas pelos docentes para promover atividades voltadas a Educação Empreendedoras.	Sexo				Tipo de instituição				Tipo de ensino					
	Masculino		Feminino		Pública		Privada		Presencial		EAD		Misto	
	F	P	F	P	F	P	F	P	F	P	F	P	F	P
Aulas expositivas.	13	43,3%	3	10,0%	6	20,0%	10	33,3%	13	43,3%	2	6,6%	1	3,3%
Aulas práticas.	16	53,3%	4	13,3%	5	16,6%	15	50,0%	15	50,0%	1	3,3%	4	13,3%
Palestras de especialistas.	13	43,3%	2	6,6%	4	13,3%	11	36,6%	11	36,6%	1	3,3%	3	10,0%
Jogos de empresas e simulados.	8	26,6%	5	16,7%	3	10,0%	10	33,3%	10	33,3%	1	3,3%	2	6,6%
Incubadoras de empresas.	5	16,6%	5	16,6%	1	3,3%	9	30,0%	7	23,3%	0	0,0%	3	10,0%
Plano de negócios.	8	26,6%	4	13,3%	1	3,3%	11	36,6%	11	36,6%	0	0,0%	1	3,3%
Outros.	6	20,0%	2	6,6%	2	6,6%	6	20,0%	3	10,0%	1	3,3%	4	13,3%

Fonte: Dados primários da pesquisa.

Através da análise da Tabela 11, verifica-se uma concentração de 53,3% das respostas nas aulas práticas como sendo o método de ensino utilizado pelos docentes para promover atividades voltadas à Educação Empreendedora. Na sequência, tem-se as aulas expositivas, com 43,3%, e palestras de especialistas com 43,3%, ambas com o mesmo percentual de respondentes, demonstrando a prevalência da interação entre docente e discente.

Com base nos estudos de Giovanela e Gouveia et al. (2010), os autores tratam as características do ensino do empreendedorismo e da Educação Empreendedora como complementares. Já as técnicas de ensino, com base nas IES de sua pesquisa, apresentavam o plano de negócios com 92,85%, seguido de palestras de empreendedores com 85,71%. Essa interação entre profissionais, alunos e professores é o norteador para engrandecer os conhecimentos e as habilidades dos envolvidos no processo.

Diante disso, pesquisas têm demonstrado que pensamentos e ideias prévias advindas dos professores a respeito do ensino, da aprendizagem e da natureza do conhecimento influenciam seus atos práticos pedagógicos. Isso pode ser o “norte” a integrar novos entendimentos de como se deve seguir a arte do ensinar, podendo, desse modo, remodelar a educação como um todo, só ao mudar a “mente” do professor sobre como cada disciplina/conhecimento existe junto, integrada, em uma comunhão com todos os outros conhecimentos (FAZENDA, 2013).

Para Fazenda (2013), o pensar interdisciplinar parte da teoria de que nenhuma matriz de conhecimento é coerente nela mesma. O autor tenta apresentar o consenso com as demais formas de conhecimento, deixando-se influenciar por elas, sendo acrescidas através da interação com o conhecimento científico, onde tende a uma perspectiva utópica e libertadora, pois propicia desenvolver um elo com o outro e com o mundo.

Nesse contexto, Lopes (2015) lembra que cada disciplina tem a tendência de defender fronteiras relacionadas a seu campo, tal como ditar que o cozinheiro não pode vir a se intrometer em assuntos sobre carros, como se esse só possuísse conhecimentos relacionados à arte culinária. Entre os professores, o autor exemplifica que também se observa o mesmo tipo de posicionamento, onde se dita, por exemplo, que a biologia deve ser lecionada somente por professores de Biologia, como se o matemático não tivesse os mesmos recursos para lecionar em tal ramo da educação.

Em linhas gerais, pode-se ditar que são os próprios educadores que dispõem de restrições quanto a sua atuação, o que acaba por isolar seus entendimentos, uma vez que esses seguem se auto privando de buscar ampliar conhecimentos de outras naturezas/disciplinas. Esse fato só contribui, mais e mais, para a fragmentação no segmento de ensino, o que gera práticas educacionais retrógradas ao desenvolvimento natural humano (UMBELINO; ZABINI, 2014).

Verificou-se ainda outras formas e métodos de ensino utilizadas pelos docentes para promover atividades voltadas à Educação Empreendedoras citadas pelos coordenadores, onde o resultado é apresentado na Quadro 7.

Quadro 7 - Outras formas e métodos de ensino utilizadas pelos docentes para promover atividades voltadas a Educação Empreendedoras citados pelos coordenadores

Estudos de Casos e Situação Problema
PBL - <i>Problem Based Learning</i> , ...
Atividades desenvolvidas junto a comunidade.
Empreendedorismo
Não há. São atividades voltadas ao empreendedorismo

Fonte: Dados primários da pesquisa

Com relação à existência de projetos de empreendedorismo atrelados à Educação Empreendedora sendo desenvolvidos pela universidade, ou projetos voltados para o desenvolvimento empreendedor dos alunos nos últimos anos, 67% dos coordenadores responderam que havia projetos. Em contrapartida, 33% não possui nenhum projeto voltado ao desenvolvimento empreendedor dos acadêmicos.

Quanto aos projetos de empreendedorismo atrelados à Educação Empreendedora sendo desenvolvidos pela universidade, ou projetos voltados para o desenvolvimento empreendedor dos alunos nos últimos anos citados pelos coordenadores, verificou-se que 43,75% das IES possuem envolvimento com o Empreendedorismo Social, 25% colocam o Empreendedorismo em prática com seus acadêmicos e 31,25% delas está dividido entre Empresas juniores e Jogos de empresas.

Percebeu-se que ações junto à comunidade são realizadas como práticas para desenvolvimento empreendedor. Sob tal foco pode ser destacado que, no Brasil, a educação só poderá ser entendida como de qualidade plena quando vier embasada na pesquisa e na extensão da formação do docente para o ensino, e ligada, direta ou indiretamente, a interdisciplinaridade. Esse vínculo interdisciplinar viabiliza a criação de um elo que vai muito além da sala de aula ou dos espaços educacionais, seguindo pelas vivências individuais de cada aluno em sua própria “sociedade” (UMBELINO; ZABINI, 2014).

Os coordenadores foram indagados também sobre se há o conhecimento dos docentes sobre atividades empreendedoras exercidas pelos alunos no curso e como essas atividades são avaliadas. A maioria dos coordenadores (83%) afirmou que os docentes possuem conhecimento acerca das atividades empreendedoras exercidas pelos alunos no curso e somente 17% diz que os professores não possuem esse conhecimento.

Diante do conhecimento dos docentes acerca das tarefas empreendedoras exercidas pelos alunos no curso, os coordenadores destacaram as formas de avaliação acerca desse conhecimento, sendo o resultado apresentado na Tabela 12.

Tabela 12 – Forma de avaliação do conhecimento dos docentes sobre atividades empreendedoras exercidas pelos alunos no curso citadas pelos coordenadores

	N de ocorrências
Mediante pesquisa interna	4
Nas reuniões de planejamento	16
Não é avaliado	5
Projetos de extensão	5

Fonte: Dados primários da pesquisa.

Percebeu-se que no quesito avaliação ainda não há um parâmetro, sendo os alunos avaliados das mais diversas formas. De acordo com Vasconcellos (2002), o que se observa hoje, basicamente, no ensino é um tipo de avaliação clássica, arrogante, com aquele crio de apenas examinar e não interferir para transformar. Em contrapartida, as alterações que vêm

acontecendo, por vezes, são quase determinação das mantenedoras. Sendo assim, observa-se uma reação muito forte dos professores, porque se sentem atingidos, desrespeitados, perdendo o poder e a autoridade. É um momento delicado, sobretudo quando se pensa em termos de sistema público.

Segundo Sant'anna (2002), a avaliação é a alma do processo educacional. É um termômetro que permite confirmar o estado em que se encontram os indivíduos envolvidos. É necessária uma conscientização para desenvolver avaliações mais justas, humanas e dignas. A avaliação formativa é da responsabilidade do professor e consiste na avaliação destinada a informar o aluno, o seu encarregado de educação e a instituição do estado de cumprimento dos objetivos programáticos do currículo.

De acordo com Pellegrini (2001), toda e qualquer avaliação pressupõe objetos e critérios. Habitualmente, na instituição, o único objeto avaliado é o aluno ou, às vezes, só a sua aprendizagem e somente enquanto um produto. Entretanto, no processo de ensino e aprendizagem, deveria ser avaliado também outras questões, tais como: os seus objetivos, os conteúdos, e as propostas de intervenções didáticas com seus materiais e recursos utilizados. Os critérios são o referencial da avaliação e devem traduzir a natureza da educação institucionalizada.

Na continuidade das análises, apresenta-se na Tabela 13 os dados relacionados ao questionamento que trata da forma de avaliação do conhecimento dos docentes sobre as atividades empreendedoras exercidas pelos alunos no curso citadas pelos coordenadores.

Tabela 13 - Forma de avaliação do conhecimento dos docentes sobre atividades empreendedoras X Perfil dos coordenadores

Forma de avaliação do conhecimento dos docentes sobre atividades empreendedoras exercidas pelos alunos no curso e citadas pelos coordenadores	Sexo		Tipo de instituição				Tipo de ensino							
	Masculino		Feminino		Pública		Privada		Presencial		EAD		Misto	
	F	P	F	P	F	P	F	P	F	P	F	P	F	P
Mediante pesquisa interna	2	6,67%	2	6,67%	0	0,00%	4	13,33%	4	13,33%	0	0,00%	0	0,00%
Nas reuniões de planejamento	13	43,33%	3	10,00%	6	20,00%	10	33,33%	10	33,33%	1	3,33%	5	16,67%
Projeto de extensão	4	13,33%	1	3,33%	0	0,00%	5	16,67%	3	10,00%	0	0,00%	2	6,67%
Não é avaliado	2	6,67%	3	10,00%	3	10,00%	2	6,67%	2	6,67%	2	6,67%	1	3,33%

Fonte: Dados primários da pesquisa.

Com base nos dados dos cruzamentos vistos na Tabela 13, pode-se verificar que, quanto à forma de avaliação do conhecimento dos docentes sobre atividades empreendedoras, 53,33% consideram as reuniões de planejamento como forma de avaliação, sendo que 43,33% respondentes são do sexo masculino e 10% do sexo feminino. Esses resultados concentram 33,33% das respostas em IES privadas e os mesmos 33,33% para cursos presenciais.

Segundo Torres (2007), as reuniões de planejamento vêm sendo apontadas como um ambiente singular para as atividades partilhadas do coordenador com os professores. Nessas, os dois estudam sobre os temas que surgem da prática, observando sobre eles e buscando, ao mesmo tempo, novos resultados e novos saberes.

Para Luckesi (2011), o planejar significa traçar objetivos e buscar meios para atingi-los, pois quanto mais se conhece, melhor se planeja e se obtém melhores resultados. Logo, deixa-se a entender que para que haja planejamento são necessárias ações organizadas entre si, as quais correspondem ao desejo de alcançar resultados satisfatórios em relação aos objetivos traçados.

Verificou-se, ainda, com os coordenadores, se existe alguma formalização ou parcerias com sindicatos, associações ou grupos de empreendedores locais da cidade ou região com a universidade que discutem ou incentivam práticas de educação empreendedora. Nesse ínterim, 70% dos coordenadores afirmam que há formalização ou parcerias com sindicatos, associações ou grupos de empreendedores e somente 30% consideram não existir esse tipo de parceria.

Quanto a essas parcerias, os coordenadores discorreram explicando sobre tal existência e o resultado é apresentado no Quadro 8. Cabe ressaltar que essa questão era de livre resposta, onde os coordenadores poderiam ou não digitar suas explicações quanto da existência de parcerias com variadas entidades de classe.

Quadro 8 - Explicação sobre existência de formalização ou parcerias com sindicatos, associações ou grupos de empreendedores locais da cidade ou região com a universidade que discutem ou incentivam práticas de educação empreendedora.

Há projetos em construção.
O <i>Start Ucs</i> do parque Tecnológico proporciona a incubação de ideias empreendedoras.
Em escolas de ensino fundamental e médio
Projeto Instituição Amiga do Empreendedor e Parque Tecnológico
Convênio com a Associação de Contabilistas e Contadores da região - Parceira com a Receita Federal do Brasil e Parcerias com entidades sociais, como: APAE - Lar de Idosos - Lar de Crianças (Par Padilha).
Agencia START

Fonte: Dados primários da pesquisa.

Diante do exposto, pode-se verificar que os estágios desempenham um papel fundamental, auxiliando os coordenadores a preparar os alunos para o mundo dos negócios. Souza e Miranda (2019) concordam que geralmente as atividades experimentais práticas são necessárias para proporcionar aos alunos o desenvolvimento de habilidades em primeira mão e conhecimentos que eles não podem obter dentro dos limites da sala de aula. O ambiente da sala de aula nunca será capaz de fornecer aos alunos as complexidades, a análise de problemas e a solução envolvidas no mundo real. A crescente popularidade dos estágios não é, portanto, surpreendente, pois preenche uma lacuna aparente na busca de educação no mundo real para os estudantes (SOUSA; MIRANDA, 2019).

Por fim, verificou-se junto aos coordenadores a opinião sobre em qual estágio de educação empreendedora se encontra o curso de Ciências Contábeis que eles coordenam. Os coordenadores teceram suas opiniões sobre o assunto, gerando o resultado apresentado na Tabela 14.

Tabela 14 - Opinião sobre o estágio de educação empreendedora que encontra se o curso de Ciências Contábeis que coordena

	N de ocorrências
Conjunto de disciplinas específicas que abordem aspectos de formação empreendedora	11
Atividades isoladas geralmente informais demandadas pelos alunos e/ou estimuladas pelos professores	6
Disciplina específica sobre educação empreendedora (pode ser obrigatória ou eletiva)	6
Não há atividades de educação empreendedora	7

Fonte: Dados primários da pesquisa.

Percebeu-se que os coordenadores acreditam que a Educação Empreendedora ainda tem que avançar nas IES, considerando que as atividades desempenhadas se restringem, na maioria das vezes, nas disciplinas voltadas para a temática. Dessa forma, carece de maior abordagem, sobretudo por meio da interdisciplinaridade e do construtivismo, onde o aluno é sujeito ativo no processo.

4.2 OFERTA DA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NA PERCEPÇÃO DOS ACADÊMICOS

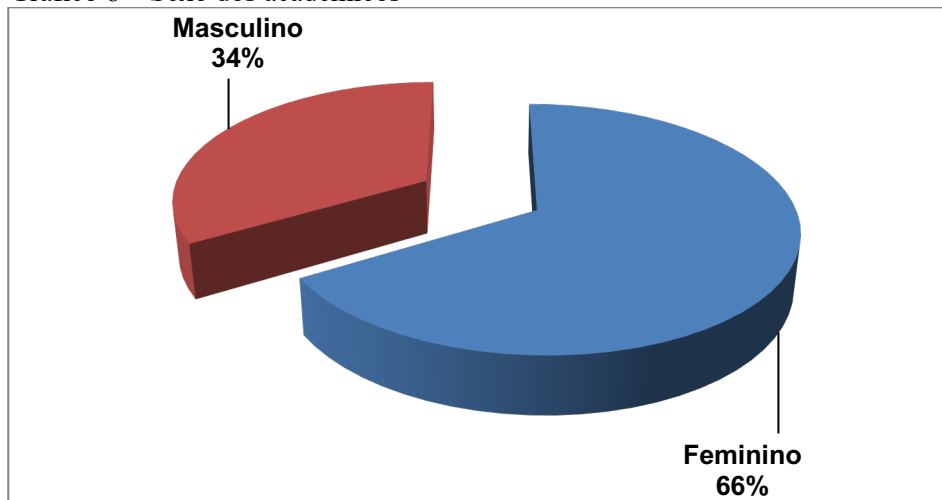
Nesta etapa, analisa-se e discute-se a oferta da disciplina de Educação Empreendedora na percepção dos acadêmicos de universidades do Rio Grande do Sul que participaram do levantamento de dados. Os resultados estão divididos em duas categorias de análise, assim

como analisado quanto aos coordenadores: perfil dos respondentes e informações referentes à grade curricular e composição das ementas referentes à Educação Empreendedora.

4.2.1 Perfil dos respondentes

Inicialmente, buscou-se levantar dados dos acadêmicos quanto ao perfil dos mesmos. Inicialmente, verificou-se o sexo dos participantes da pesquisa, conforme o Gráfico 8.

Gráfico 8 – Sexo dos acadêmicos

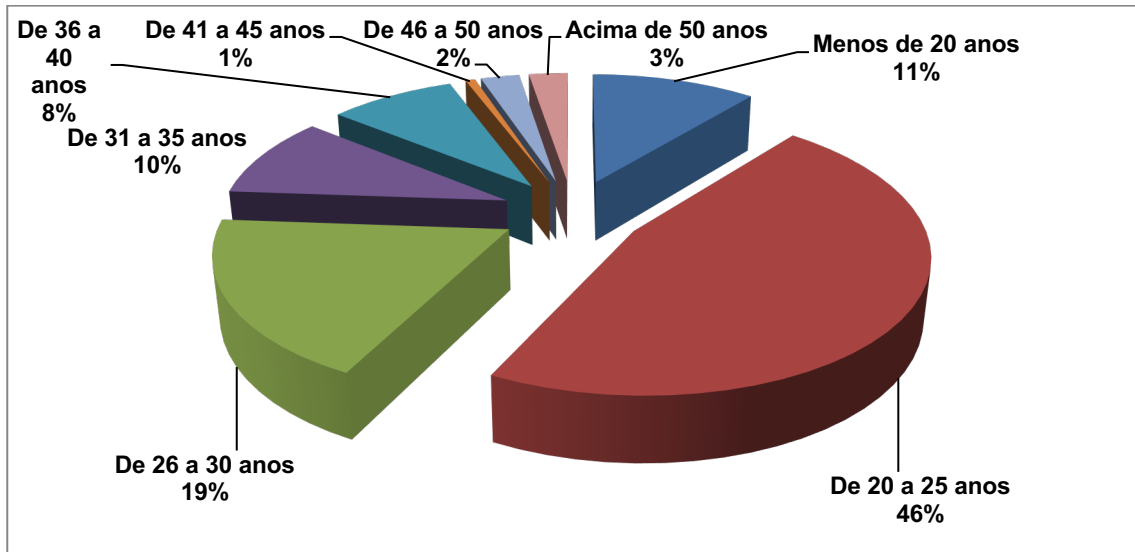


Fonte: Dados primários da pesquisa.

Observa-se que a maior parte dos acadêmicos participantes da pesquisa é do sexo feminino, representando 66% do total, enquanto os do sexo masculino representam 34%. Esses dados divergem dos estudos de Oliveira, Nascimento e Silva (2016), que apontaram a profissão como sendo predominantemente masculina. Verifica-se, então, uma mudança nesse cenário, ou seja, com base na amostra pesquisada, diferentemente do contexto nacional, no Rio Grande do Sul ocorreu uma predominância feminina para profissionais a serem formados pela IES, sem contar o senso feminino de maior responsabilidade e colaboratividade com as questões acadêmicas.

Outro ponto verificado junto aos acadêmicos foi com relação a idade, onde o resultado é apresentado no Gráfico 9.

Gráfico 9 – Idade dos acadêmicos

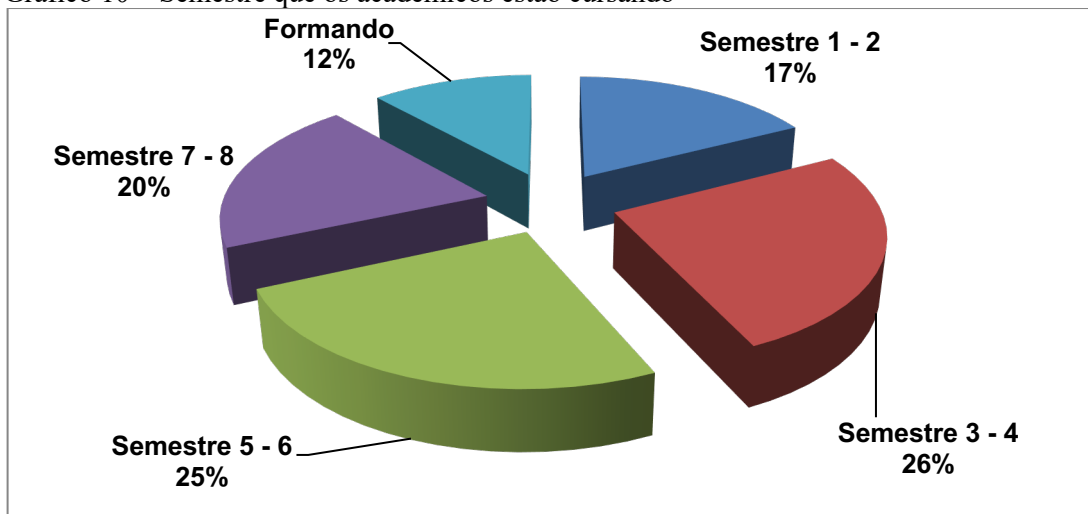


Fonte: Dados primários da pesquisa.

Quanto à idade dos acadêmicos, observa-se que a maior parte deles está na faixa etária entre 20 e 25 anos, perfazendo 46% do total. Em seguida estão aqueles que possuem de 26 a 30 anos, com 16% do total. Aqueles que possuem menos de 20 anos representam 11%, enquanto aqueles que possuem entre 31 e 35 anos perfazem 10%. Entre 36 e 40 anos estão 8% dos acadêmicos, acima dos 50 anos 3% e aqueles que estão na faixa etária entre 46 e 50 anos totalizam 2%. Por fim, aqueles que têm entre 41 e 45 anos representam somente 1% do total.

Em seguida, buscou-se averiguar o semestre que os acadêmicos estão cursando e o resultado é apresentado no Gráfico 10.

Gráfico 10 – Semestre que os acadêmicos estão cursando

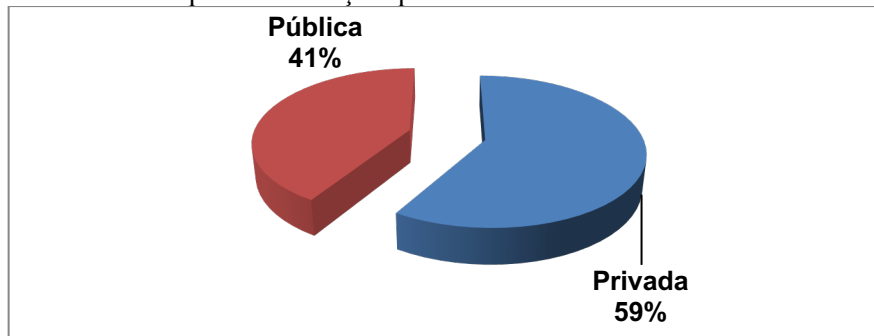


Fonte: Dados primários da pesquisa.

Com relação ao período que estão cursando na universidade, observou-se que o resultado ficou dividido. Sendo assim, 26% dos acadêmicos estão cursando entre o 3º e 4º semestre, 25% estão entre o semestre 5º e 6º, 20% dos acadêmicos cursam entre o semestre 7º e 8º, 12% estão formados e 17% cursam o 1º ou 2º semestre.

Também foi verificado em qual tipo de instituição os acadêmicos cursam Ciências Contábeis e o resultado é apresentado no Gráfico 11.

Gráfico 11 – Tipo de instituição que os acadêmicos estão cursando



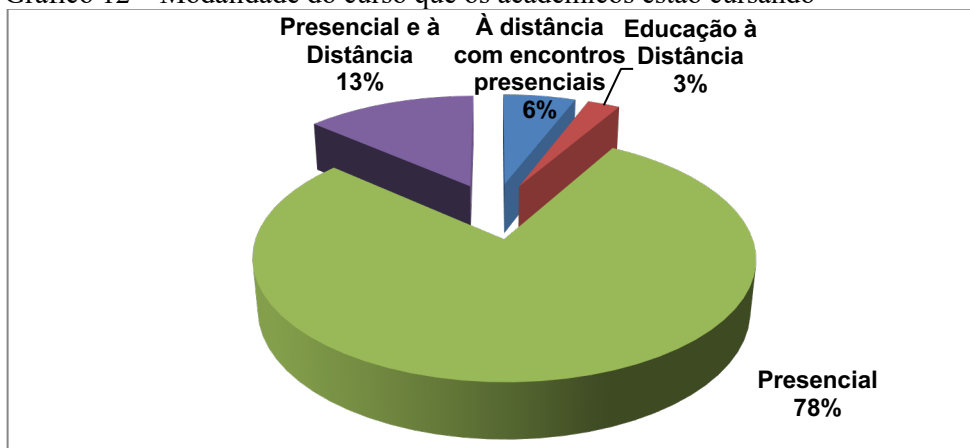
Fonte: Dados primários da pesquisa.

Quanto ao tipo de instituição que os acadêmicos estão matriculados, verificou-se que a maioria cursa Ciências Contábeis em instituição privada, perfazendo o total de 59%, já os que estudam na rede pública representam 41%.

Os estudos de Schmidt, Ott, *et al.* (2012) concluíram que 28% eram oriundos de IES públicas e 72% de IES particulares. Nota-se, então, que o percentual, em relação ao Gráfico 11, está diminuindo, porém, permanece a concentração de acadêmicos nas IES particulares.

Por fim, verificou-se a modalidade de ensino que os acadêmicos cursam, onde o resultado é apresentado no Gráfico 12.

Gráfico 12 – Modalidade do curso que os acadêmicos estão cursando



Fonte: Dados primários da pesquisa.

Quanto à modalidade de ensino que os acadêmicos estão cursando, verifica-se que a maioria está matriculado na modalidade presencial, representando 78% do total dos participantes da pesquisa. Enquanto que 13% cursa a modalidade mista presencial e a distância, 6% cursa a distância com encontros presenciais e somente 3% cursa na modalidade totalmente à distância.

Na continuidade das análises, apresenta-se na Tabela 15 o perfil dos acadêmicos relacionado com a IES que ele frequenta, sendo o percentual de 41% para IES públicas e 59% para IES privadas, como pode ser visto no Gráfico 11.

Tabela 15 - IES X Perfil dos acadêmicos

A estrutura curricular do curso de Ciências Contábeis contempla atividades voltadas para a Educação Empreendedora		Pública		Privada	
		Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Sexo	Masculino	29	45,31%	23	25,27%
	Feminino	35	54,69%	68	74,73%
Tipo de ensino	Presencial	56	87,50%	65	71,43%
	EAD	0	0,00%	4	4,40%
	Misto	8	12,50%	22	24,18%
Semestre cursado	1 a 2	15	23,44%	12	13,19%
	3 a 4	16	25,00%	24	26,37%
	5 a 6	17	26,56%	22	24,18%
	7 a 8	10	15,63%	20	21,98%
	Formando	6	9,38%	13	14,29%

Fonte: Dados primários da pesquisa.

Verifica-se, através da análise da Tabela 15, que os acadêmicos de IES privadas têm sua maior concentração no sexo feminino, com 74,73%, e que optaram pelo curso presencial, com 71,43%, sendo mais de 50% cursando entre o terceiro e sexto semestre. Já nas IES públicas, tem-se uma concentração feminina de 54,69% também oriunda de curso presencial, com 87,50% e 51,93% entre o terceiro e sexto semestre, respectivamente.

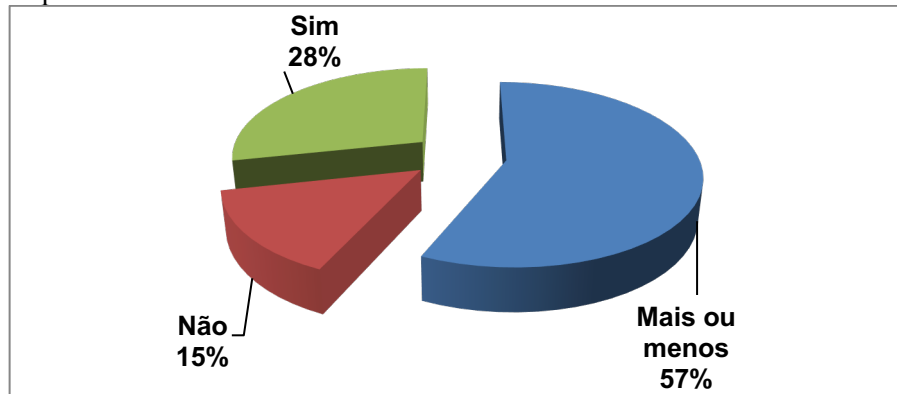
4.2.2 Informações referentes à grade curricular e composição das ementas referentes à Educação Empreendedora

Na sequência da pesquisa, procurou-se especificamente junto aos acadêmicos elementos alusivos à grade curricular e composição das ementas referentes à Educação Empreendedora.

Destaca-se que, assim como averiguado junto aos coordenadores, as questões aplicadas para os acadêmicos também tiveram como base os estudos de Bastos (2012) e Rocha e Freitas (2014). Buscou-se, também, adquirir a acúmen dos acadêmicos do Curso de Ciências Contábeis de universidades do Rio Grande do Sul quanto ao ensino do empreendedorismo.

Inicialmente, os acadêmicos foram questionados sobre o conhecimento das atividades que configuram uma educação. O resultado é apresentado no Gráfico 13.

Gráfico 13 – Conhecimento das atividades que configuram uma educação empreendedora



Fonte: Dados primários da pesquisa.

Quanto ao conhecimento das atividades que configuram uma Educação Empreendedora, os acadêmicos responderam em maioria que conhecem mais ou menos, perfazendo um total de 57%. Aqueles que afirmam conhecer as atividades que fazem parte da configuração da educação representam 28% e os que desconhecem 15%.

Na continuidade das análises, apresenta-se na Tabela 16 o cruzamento das respostas com relação ao conhecimento do acadêmico quanto as atividades que configuram uma Educação Empreendedora, relacionado ao perfil dos acadêmicos.

Tabela 16. Participação em atividades empreendedoras X Perfil dos acadêmicos

Conhecimento das atividades que configuram uma educação empreendedora		SIM		NÃO		Mais ou menos	
		Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Sexo	Masculino	17	38,64%	12	52,17%	23	26,14%
	Feminino	27	61,36%	11	47,83%	65	73,86%
Tipo de instituição	Pública	15	34,09%	12	52,17%	37	42,05%
	Privada	29	65,91%	11	47,83%	51	57,95%
Tipo de ensino	Presencial	32	72,73%	18	78,26%	71	80,68%
	EAD	1	2,27%	0	0,00%	3	3,41%
	Misto	11	25,00%	5	21,74%	14	15,91%

Fonte: Dados primários da pesquisa.

Na comparação com o Gráfico 13, pode-se verificar que 57% dos respondentes informaram que possuíam um conhecimento mais ou menos do que trata a Educação Empreendedora. Desses, 73,86% são do sexo feminino, dos quais 57,95% são oriundos de IES privada e 80,68% de cursos presenciais.

Nos estudos de Giovanela et al. (2010), verifica-se que, das IES pesquisadas em seu trabalho, o curso de Administração de Empresas e suas habilitações foi o que apresentou maior representatividade quanto à disciplina de Empreendedorismo (81,82%). Os cursos de Turismo e Hotelaria (18,18%) e de Nutrição (18,18%) também podem ser considerados representativos quanto a esse ensino. E os demais cursos de graduação apresentaram 9,09% de ocorrência, sendo nesses incluso o de Ciências Contábeis.

Referente a percepção dos acadêmicos sobre Educação Empreendedora, compilou-se as respostas com seus totais por questão e calculou-se as informações.

Tabela 17 – Percepção dos acadêmicos sobre educação empreendedora

Questões	Nada Importante		Pouco Importante		Indiferente		Muito Importante		Totalmente Importante	
	F	P	F	P	F	P	F	P	F	P
	QIII.1. Frequentemente detecto oportunidades de negócio no mercado.	9	5,81%	24	15,48%	69	44,52%	33	21,29%	20
QIII.2. Creio que tenho uma boa habilidade em detectar oportunidades de negócio no mercado.	11	7,10%	34	21,94%	55	35,48%	42	27,10%	13	8,39%
QIII.3. Tenho controle sobre os fatores para minha plena realização profissional.	3	1,94%	21	13,55%	56	36,13%	51	32,90%	24	15,48%
QIII.4. Profissionalmente, me considero uma pessoa muito mais persistente que as demais.	2	1,29%	18	11,61%	48	30,97%	54	34,84%	33	21,29%
QIII.5. Sempre encontro soluções muito criativas para problemas profissionais com os quais me deparo.	4	2,58%	19	12,26%	50	32,26%	58	37,42%	24	15,48%
QIII.6. Tenho um bom plano da minha vida profissional.	3	1,94%	16	10,32%	42	27,10%	58	37,42%	36	23,23%
QIII.7. Frequentemente sou escolhido como líder em projetos ou atividades profissionais.	17	10,97%	22	14,19%	39	25,16%	42	27,10%	35	22,58%
QIII.8. Frequentemente as pessoas pedem minha opinião sobre assuntos de trabalho.	9	5,81%	16	10,32%	27	17,42%	62	40,00%	41	26,45%
QIII.9. As pessoas respeitam minha opinião.	3	1,94%	7	4,52%	32	20,65%	73	47,10%	40	25,81%
QIII.10. Me relaciono muito facilmente com outras pessoas.	2	1,29%	11	7,10%	27	17,42%	50	32,26%	65	41,94%

QIII.11. No meu trabalho, sempre planejo muito bem tudo o que faço.	3	1,94%	10	6,45%	28	18,06%	58	37,42%	56	36,13%
QIII.12. Sempre procuro estudar muito a respeito de cada situação profissional que envolva algum tipo de risco.	1	0,65%	6	3,87%	30	19,35%	63	40,65%	55	35,48%
QIII.13. Tenho os assuntos referentes ao trabalho sempre muito bem planejados.	2	1,29%	10	6,45%	41	26,45%	64	41,29%	38	24,52%
QIII.14. Prefiro um trabalho repleto de novidades a uma atividade rotineira.	6	3,87%	11	7,10%	43	27,74%	50	32,26%	45	29,03%
QIII.15. Gosto de mudar minha forma de trabalho sempre que possível.	6	3,87%	15	9,68%	50	32,26%	53	34,19%	31	20,00%
QIII.16. Me incomoda muito ser pego de surpresa por fatos que eu poderia ter previsto.	5	3,23%	14	9,03%	34	21,94%	44	28,39%	58	37,42%
QIII.17. Eu assumiria uma dívida de longo prazo, acreditando nas vantagens que uma oportunidade de negócio me traria.	11	7,10%	20	12,90%	50	32,26%	49	31,61%	25	16,13%
QIII.18. No trabalho, normalmente influencio a opinião de outras pessoas a respeito de um determinado assunto.	10	6,45%	20	12,90%	46	29,68%	60	38,71%	19	12,26%
QIII.19. Admito correr riscos em troca de possíveis benefícios.	9	5,81%	16	10,32%	60	38,71%	53	34,19%	17	10,97%
QIII.20. Meus contatos sociais influenciam muito pouco a minha vida profissional.	17	10,97%	20	12,90%	62	40,00%	30	19,35%	26	16,77%
QIII.21. Os contatos sociais que tenho são muito importantes para minha vida pessoal.	12	7,74%	15	9,68%	49	31,61%	44	28,39%	35	22,58%
QIII.22. Conheço várias pessoas que me poderiam auxiliar profissionalmente, caso eu precisasse.	11	7,10%	14	9,03%	47	30,32%	49	31,61%	34	21,94%

Fonte: Dados primários da pesquisa.

Na Tabela 17, pode-se verificar que os respondentes consideram como nada importante as questões referentes a ser escolhido com frequência como líder em projetos ou atividades profissionais (QIII.7); assim como a influência dos contatos sociais na vida profissional (QIII.20). Já quanto a percepção de que possui ou não uma habilidade em detectar oportunidades de negócios, 35,48% consideram indiferente essa questão (QIII.2).

Nós estudos de Alves et al. (2016), verificou-se que 73,13% dos respondentes, com idade entre 19 e 30 anos, consideravam como importante serem escolhidos como líderes em projetos. Pode-se supor que o amadurecimento da pessoa, paralelamente à sua experiência, auxilie no desenvolvimento do seu perfil de liderança, fato que em nosso estudo não ficou evidenciado.

Lizuka e Moraes (2014) identificaram, em seus estudos, questões relativas à habilidade em detectar oportunidades de negócios no mercado, *networking* profissional, conhecimentos e habilidades para iniciar e manter funcionando uma empresa e as experiências sobre as particularidades realistas para abertura da empresa. No geral, os resultados sugerem que quanto mais avançado a etapa do curso, maior é a competência e compreensão pertinentes a esses tópicos.

Na continuidade da análise da Tabela 17, 44,52% dos respondentes julgaram ser indiferente para sua formação a detecção por oportunidades de negócios (QIII.1), assim como 47,10% consideram como muito importante quando os outros respeitam sua opinião (QIII.9). Dos respondentes, 41,94% julgaram como totalmente importante se relacionar com outras pessoas (QIII.10). Assim como 61,29% dos respondentes consideram muito importante ou totalmente importante optar por um trabalho cheio de novidades e inovação do que uma vida rotineira (QIII.14). Isso vem ao encontro do trabalho Santos (2017), que apresentou 82% dos respondentes caracterizando como “Concordo Totalmente” com a afirmação.

Já o trabalho de Machado et al. (2009), baseado no *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM), estima que nos níveis de qualificação dos empreendedores brasileiros, em termos de características ligadas à inovação, 57,7% não possuem qualquer característica inovadora, trazendo o antagônico do que foi levantado neste estudo.

Através da compilação das respostas e baseado na dimensão, identificou-se que 32,11% dos respondentes encontra-se na dimensão Planejador, o que, segundo os estudos de Schmidt e Bohnenberger (2009), é a pessoa que se prepara para o futuro. Segundo os autores, pode-se esclarecer a presença dessa perspectiva pela formação acadêmica e o relacionamento empresarial que os acadêmicos de ciências contábeis têm. Isso ratifica, de certa maneira, a questão da ânsia do ensino em instruir de forma mais intensa os elementos atitudinais dos acadêmicos.

Em seguida, os alunos foram indagados sobre quais atividades consideram que são classificadas como Educação Empreendedora. O resultado demonstra que as disciplinas de empreendedorismo representam a maior parte das atividades citadas pelos alunos, com 14,3% do total. Observa-se, também, que os participantes da pesquisa destacaram atividades, como consultorias e prestação de serviços à comunidade voltadas ao empreendedorismo, como relevantes.

Através do tratamento do conteúdo no MAXQDA, obteve-se a categorização e as frequências que podem ser vistas na Tabela 18.

Tabela 18 – Categorização e frequência das palavras das atividades consideradas como educação empreendedora segundo a interpretação dos acadêmicos

Categorias	Comprimento da palavra	Frequência	%	Ranking
empreendedorismo	16	390	14,33	1
disciplinas	11	214	7,86	2
incorporam	10	214	7,86	2
temas	5	214	7,86	2
empresas	8	190	6,98	5
comunidade	10	186	6,83	6
consultorias	12	186	6,83	6
mediante	8	186	6,83	6
serviços	8	186	6,83	6
prestação	9	180	6,61	10
estudantes disciplina	21	138	5,07	11
juniores	8	132	4,85	12
extensão	8	128	4,70	13
empreendedorismo disciplina	27	46	1,69	14
juniores disciplina	19	46	1,69	14
estudantes conjunto	19	24	0,88	16
estudantes atividades	21	16	0,59	17
juniores atividades	19	8	0,29	18
juniores conjunto	17	8	0,29	18
empreendedorismo conjunto	25	6	0,22	20
estudantes empresas	19	4	0,15	21
atividades	11	2	0,07	22
empreendedorismo empresas	25	2	0,07	22
empreendedorismo prestação	26	2	0,07	22
estudantes	10	2	0,07	22
estudantes prestação	20	2	0,07	22
extensão disciplina	19	2	0,07	22
juniores	9	2	0,07	22
juniores empresas	17	2	0,07	22
outra	5	2	0,07	22
prestação	10	2	0,07	22

Fonte: Dados primários da pesquisa

Sendo assim, através da análise da Tabela 18, pode-se constituir a nuvem de palavras da Figura 2. Salienta-se que as categorias configuram-se como as primeiras evidências acerca da realidade estudada. Procederam da metodologia de codificação do questionário. Cada categoria constitui-se da transcrição da questão aberta preenchida pelo respondente. Destaca-se

que não existem “regras” tanto para a nomeação das categorias, quanto para a determinação do número de categorias, essas questões ficam contingentes a quantidade dos dados coletados.

Figura 2– Atividades classificadas como Educação Empreendedora



Fonte: Elaborada pelo autor, com o uso do Microsoft Word365

Diante do exposto, percebe-se que os alunos acreditam na importância da metodologia construtivista no processo de ensino e aprendizagem, haja vista a participação dos acadêmicos como sujeitos ativos no método de ensino, bem como devido a procura por desenvolver cidadãos independentes, buscando inclusive preparar indivíduos críticos, com ideia própria, capazes de intervir na sociedade de forma construtiva. Resultado semelhante também foi encontrado nos estudos de Mezzari (2011) e Cotta et al. (2012), que realizaram trabalhos incluindo a metodologia construtivista durante as aulas para, em seguida, colher a opinião dos acadêmicos acerca do método em relação ao tradicional, onde os alunos demonstraram a preferência quanto ao método que tem o professor como mediador e facilitador do processo e protagoniza o acadêmico enquanto ativo.

Na sequência da pesquisa, os acadêmicos foram indagados sobre a participação de atividades empreendedoras educacionais promovidas pela instituição. O resultado permite notar que os acadêmicos estão divididos quanto a participação em atividades de empreendedorismo, onde 50% afirma ter participado e 50% destaca que não participou.

Na sequência, os alunos que participaram de atividades empreendedoras educacionais destacam que as atividades empreendedora nada mais eram do que as disciplinas de empreendedorismo que cursaram na instituição. A Figura 3 ilustra a frequência com que foi classificada a atividade que participaram.

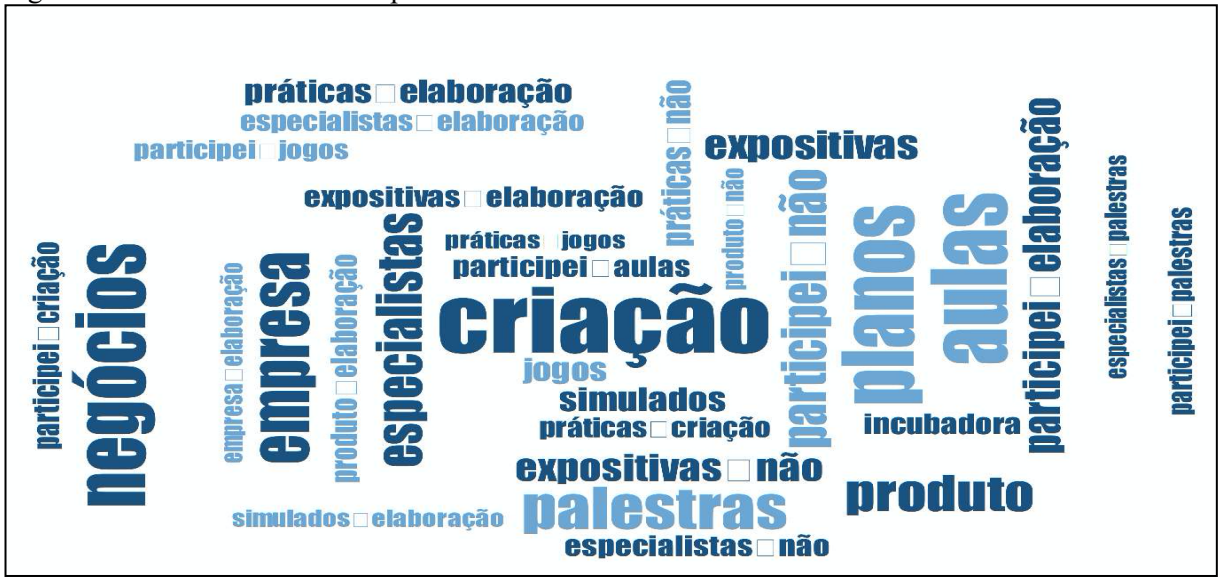
produto elaboração	18	7	1,27	17
expositivas elaboração	22	6	1,09	20
incubadora	10	6	1,09	20
participei aulas	16	6	1,09	20
especialistas elaboração	24	5	0,91	23
práticas criação	16	5	0,91	23
participei jogos	16	4	0,73	25
participei palestras	20	4	0,73	25
empresa elaboração	18	2	0,36	27
especialistas palestras	23	2	0,36	27
práticas jogos	14	2	0,36	27
produto não	11	2	0,36	27
simulados elaboração	20	2	0,36	27
simulados não	13	2	0,36	27
elaboração	11	1	0,18	33
empresa criação	15	1	0,18	33
empresa não	11	1	0,18	33
empresas aulas	14	1	0,18	33
especialistas criação	21	1	0,18	33
expositivas	12	1	0,18	33
negócios não	12	1	0,18	33
outras elaboração	17	1	0,18	33
práticas aulas	14	1	0,18	33
práticas palestras	18	1	0,18	33
produto criação	15	1	0,18	33
produto jogos	13	1	0,18	33
simulados palestras	19	1	0,18	33

Fonte: Elaborada pelo autor.

As categorias apresentadas na Tabela 19 demonstram múltiplas interpretações, visto apresentarem uma pluralidade de respostas. Contudo, pode-se verificar que como chave está a criação, demonstrando dessa forma a presença do construtivismo, visto sua premissão de construção/criação em conjunto.

Para ilustrar as tarefas realizadas pelos participantes da pesquisa, apresenta-se a nuvem de palavras na Figura 4, originária das informações da Tabela 19.

Figura 4 – Atividades realizadas pelos Acadêmicos



Fonte: Elaborada pelo autor, com o uso do Microsoft Word365

Na continuidade da pesquisa, os acadêmicos foram indagados acerca das disciplinas que já cursaram e que possuem relação com atividades empreendedoras. Dentre as mais citadas estão as de empreendedorismo, administração e gestão. Para melhor ilustração das disciplinas mais citadas é apresentada a Figura 5.

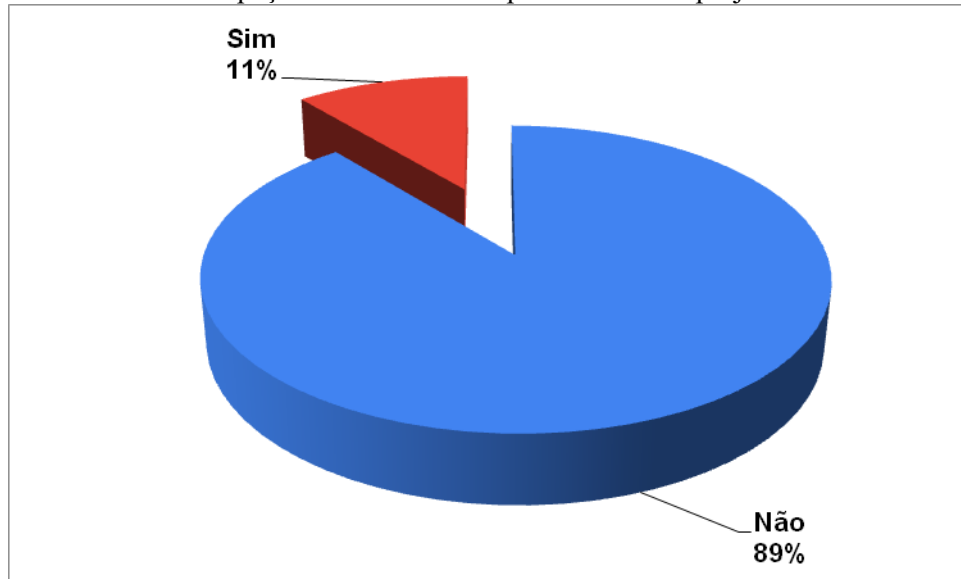
Figura 5 – Disciplinas já cursadas com maior relacionamento com a Educação Empreendedora



Fonte: Elaborada pelo autor, com o uso do Microsoft Word365

Ao término, os alunos foram indagados sobre a participação em atividades empreendedoras ou projetos na própria universidade. O resultado é apresentado no Gráfico 14.

Gráfico 14 – Participação em atividade empreendedora ou projeto na universidade



Fonte: Dados primários da pesquisa.

Percebe-se que a maioria dos acadêmicos não realiza atividade ou projeto na universidade relacionados a empreendedorismo, perfazendo o total de 89% de participantes da pesquisa. Somente 11% afirma que já participou ou participa de tais atividades. Tal resultado é corroborado pelo estudo de Lizuka e Moraes (2014), que identificou que 25% dos entrevistados participaram de atividades extracurriculares oferecidas pelo curso.

Diante do exposto, é importante frisar que somente com a participação ativa do aluno no processo de ensino e engajamento para o empreendedorismo é possível colher bons resultados. Assim sendo, é relevante uma reorientação nos estágios, para que os alunos possam combinar a aprendizagem em sala de aula com a aplicação no local de trabalho para aumentar a aprendizagem e o desempenho (BORSSOI, 2008).

Entretanto, do ponto de vista dos empregadores, os estudantes em estágio costumam ser uma ajuda barata, uma fonte vibrante de novas ideias e potenciais futuros funcionários. As universidades e faculdades também se beneficiam da interface com a indústria e usam o *feedback* para se esforçar continuamente para produzir alunos que são “adequados para o mercado”. Assim, os estágios oferecem “oportunidades em que todos ganham” para todos os envolvidos (CAVALCANTE; NOBRE; ARAUJO, 2017).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo central analisar como se caracteriza a Educação Empreendedora, levando em conta o ensino do empreendedorismo nos cursos de Ciências Contábeis das universidades do Rio Grande do Sul, sob a ótica da teoria do construtivismo (PIAGET, 1974), tendo como base o construto de Schmidt e Bohnenberger (2009).

Desse modo, com o auxílio dos resultados levantados através da aplicação do construto, possibilitou-se responder aos objetivos, bem como levantar novos questionamentos relevantes para a construção do conhecimento. Compete ressaltar que foi utilizado nesse processo a pesquisa de Schmidt e Bohnenberger (2009) re-estruturando as questões que tratavam de perfil empreendedor para a Educação Empreendedora, no sentido de visualizar de uma forma qualitativa o modo como o acadêmico interpreta a construção de conhecimento proposta pela IES, através de suas coordenadorias, no que tange à Educação Empreendedora.

De forma geral, sobre o primeiro objetivo específico, que tratava do levantamento feito das grades curriculares de Ciências Contábeis das universidades do Rio Grande do Sul que participaram do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE) no ano de 2015, verificou-se que existe um percentual significativo de IES que não possuem a disciplina de Educação Empreendedora e nem mesmo a de empreendedorismo em suas grades curriculares.

Ademais, pode-se verificar que tendo em vista o objetivo primordial da IES, que não é somente a transmissão de conhecimentos (UMBELINO; ZABINI, 2014), mas formar cidadãos preparados para viver em um mundo cada vez mais dinâmico, com diferentes valores e culturas, a universidade deve ser consciente da necessidade de investir em uma formação multidisciplinar que proporcione aos alunos saberes diferenciados. Essa formação deve ter o intuito de formar cidadãos fazendo a diferença, motivando-os a empreender diariamente como algo natural e essencial à sua formação.

O segundo objetivo da pesquisa foi levantar a percepção dos coordenadores do Curso de Ciências Contábeis de universidades do Rio Grande do Sul quanto ao ensino do empreendedorismo. Observou-se que os coordenadores, em maioria, desconhecem a participação dos acadêmicos em atividades voltadas à Educação Empreendedora dentro e fora da instituição. Isso pode refletir na não assimilação e desenvolvimento a contento de sua formação, visto que suas respostas se contradizem, muitas vezes, não sabendo o limiar entre Educação Empreendedora e empreendedorismo por parte dos alunos que cursam Ciências Contábeis.

Quanto ao terceiro objetivo da pesquisa, pode-se levantar a percepção dos acadêmicos do Curso de Ciências Contábeis de universidades do Rio Grande do Sul quanto ao ensino do empreendedorismo através das respostas compiladas. Verificou-se a utilização por parte da IES de métodos antigos de ensino, já descritos nos estudos de Piaget (1973) na década de 1970 e que continuam sendo discutidos em sala de aula. Ao permanecer nesse caminho, pode-se ter a tendência dos docentes fazerem com que a formação dos alunos empreendedores não acompanhe o ritmo evolucionário da sociedade.

A propósito, o estudo propiciou conhecer as realidades existentes na interpretação, tanto do coordenador quanto dos acadêmicos, acerca do que ambos entendem por Educação Empreendedora. Ficou demonstrado nos resultados que os nomes das disciplinas, suas ementas e conteúdos diferem daquilo que realmente está sendo transmitido ao aluno.

Ainda que o volume de estudos realizados nas últimas décadas sobre o tema tenha aumentado, não se pode confirmar categoricamente qual o melhor formato de se ensinar educação empreendedora em IES. Não existe uma consonância sobre o assunto, mas é frequentemente aceito que Professores e IES devam trazer instrumentos pedagógicos renomados e com foco em despertar a simpatia e aumentar a intenção de seus educandos a pensarem em se reinventar.

Os ganhos deste estudo podem colaborar para o incentivo de temas que abordem eficazmente a formação do conhecimento atrelados à Educação Empreendedora. E, também, possibilitar que os acadêmicos diferenciem o simples ato de empreender da gama de possibilidades que tratam a Educação Empreendedora e que desmistifique o ato de empreender comercialmente e sim o ato de se educar para a vida.

Logo, este estudo contribuiu com dados e informações que podem ser usadas como comparativo no futuro sobre o processo de tornar o indivíduo em um empreendedor pessoal, onde o mesmo necessita que os objetivos sejam passados de forma simples e coerente por parte dos educadores. Dessa forma, demonstra para os alunos a importância de se ter clareza quando do desenvolvimentos de projetos que despertem o interesse para o empreender na sua vida, tendo em mente que o empreender não é só econômico. Deve também deixá-los livres para escolher suas próprias atividades, estando sempre atualizado.

As conclusões deste estudo carecem ser apreciadas, considerando algumas limitações. Dentre elas o universo pesquisado, visto a dificuldade que se teve para que respondessem no prazo determinado e com um mínimo relevante para representar um conjunto. Também deve-se considerar a interpretação do que é Educação Empreendedora por parte dos coordenadores e dos acadêmicos, o que poderia gerar contradições, visto o entendimento individual.

Com base no que foi observado na literatura, nota-se a grande importância de se capacitar os educadores das IES, pois, como se viu, há uma dificuldade, tanto do educador, quanto do acadêmico, em distinguir a educação empreendedora do empreendedorismo. Haja vista que é através do conhecimento das técnicas que se pode alcançar o sucesso, evitando falhas que possam ocorrer caso não se tenha o preparo e a capacitação suficiente para lidar com as turbulências que a vida e o mercado apresentam.

Sugere-se que os futuros estudos estendam a aplicação desta pesquisa para outros cursos e que seja feita uma explanação anterior diferenciando a Educação Empreendedora do empreendedorismo. Ainda, aconselha-se também que a reprodução desta pesquisa seja feita em cenários educacionais fora do Brasil, visto que as ementas das disciplinas tendem a ser diferentes e adaptadas a suas necessidades e realidades.

REFERÊNCIAS

- AKAMINE, C. T.; YAMAMOTO, R. K. **Estudo Dirigido Estatística Descritiva**. 3. ed. São Paulo: Erica, 2009. 280 p.
- ALMEIDA, A. R. S. **Emoção na sala de aula**. 4. ed. [S.l.]: Papyrus, 2001.
- ALVES, C. et al. O perfil empreendedor do estudante do cursos de ciências contábeis da UEPB. **Polêmica**, Rio de Janeiro, 16, n. 2, 2016. Disponível em: Acesso em: 20 abril 2018.
- ARAUJO, B. A. G. G.; CARVALHO, L. C. **Análise do comportamento inovador e perfil empreendedor dos alunos do ensino superior**. Análise do comportamento inovador e perfil empreendedor dos alunos do ensino superior. São Paulo: Anais do V SINGEP. 2016. <https://singep.org.br/5singep/resultado/325.pdf>.
- AUDRETSCH, D. B. et al. Does self-employment reduce unemployment? **EIM Business & Policy Research**, Zoetermeer, 2005.
- BACCOUCHE, C. Towards an Accounting Science. **Managerial Finance**, v. 18, p. 66-77, 1992. Disponível em: <<https://doi.org/10.1108/eb013699>>. Acesso em: 27 set. 2018.
- BARCO, J. Empreendedorismo e Contabilidade. **Meu artigo**, 2014. Disponível em: <<https://meuartigo.brasilescila.uol.com.br/administracao/empreendedorismo-contabilidade.htm>>. Acesso em: Abril 2019. Disponível em: <http://meuartigo.brasilescila.uol.com.br/administracao/empreendedorismocontabilidade.htm>. Acesso em: 12 abr. 2019.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.
- BARRAL, M. R. M.; RIBEIRO, G.; CANEVER, M. D. Influência do ambiente universitário na intenção empreendedora em universidades públicas e privadas. **RAUSP Management Journal**, São Paulo, n. 53, 2018. 122-133. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.rauspm.2017.12.009>>. Acesso em: 22 abr. 2019.
- BASTOS, M. H. R. **Um estudo sobre o perfil empreendedor de estudantes de Instituições de Ensino Superior da cidade de Volta Redonda**. Volta Redonda, 2015.
- BECKER, A. R. Educação Empreendedora: a formação de futuros líderes. In: GIMENEZ, F. A. P. et. al. (org.) **Educação para o empreendedorismo**. Curitiba: Agência de Inovação da UFPR, 2014.
- BLAXTER, L.; HUGHES, C.; TIGHT, M. **How to research**. 4. ed. Berkshire: Open University Press, 2010.
- BONZANINI, O. A.; FERREIRA DA SILVA, A. C.; LEITE, T. G. Aspectos da Gestão nos cursos superiores em Ciências Contábeis do Brasil: um estudo sobre a atuação dos Coordenadores. **E3 – Revista de Economia, Empresas e Empreendedores na CPLP**, 3, n. 1, 2017.
- BORSSOI, B. L. O estágio na formação docente: da teoria a prática, ação-reflexão. **1 Simpósio Nacional de Educação e XX Semana Pedagógica**, Cascavel, 11-13 Nov 2008.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. 3. ed. Campinas: Unicamp, 2012.

BRASIL. Lei de diretrizes e bases da educação nacional. **Planalto Gov**, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 02 fev. 2020.

BROWN, R.; MASON, C. Looking inside the spiky bits: A critical review and conceptualisation of entrepreneurial ecosystems. **Small Business Economics**, n. 49, p. 11-30, 2017.

BUESA, Y. A Evolução Histórica da Contabilidade como Ramo do Conhecimento. **Revista Eletrônica Gestão e Negócios**, v. 1, n. 1, 2010. Disponível em: <http://docs.uninove.br/artefac/publicacoes/pdfs/natasha_adm.pdf>. Acesso em: 19 set. 2018.

CAPES. **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior**, 2019. Disponível em: <<http://www-periodicos-capes-gov-br.ez40.periodicos.capes.gov.br/>>. Acesso em: 05 mar. 2019.

CARMO, C. R. S. Motivação discente no curso de bacharelado em ciências contábeis: um estudo comparativo entre alunos da modalidade presencial e alunos da modalidade à distância. **ConTexto**, 14, n. 26, 2014.

CARRETERO, M. **Construir e Ensinar as Ciências Sociais**. São Paulo: Artmed, 1997.

CARVALHO, V. M. A importância da educação corporativa para a vantagem competitiva das organizações. **Caderno de Administração**, Maringá, v. 23, n. 1, 2015.

CAVALCANTE, R. V. A.; NOBRE, C. J. F.; ARAUJO, R. J. R. A Influência dos Estágios Acadêmicos e Profissionais na Formação dos Alunos de Ciências Contábeis: Estudo em uma Instituição de Ensino Superior. **REPAAE – Revista Ensino e Pesquisa em Administração e Engenharia**, 3, n. 2, 2017.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; SILVA, R. **Metodologia Científica**. 6. ed. [S.l.]: Pearson Universidades, 2006. 176 p. ISBN 978-8576050476.

CFC. O empoderamento das mulheres na contabilidade. **Conselho Federal de Contabilidade**, 2018. Disponível em: <<https://cfc.org.br/noticias/o-empoderamento-das-mulheres-na-contabilidade/>>. Acesso em: 15 jan. 2020.

CHIROTTO, A. R. et al. Evolução do ensino da contabilidade no brasil: uma análise histórica. **Revista Contabilidade & Finanças**, v. 18, n. 1, p. 19-32, Jun 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rcf/article/view/34221>>. Acesso em: 23 nov. 2018.

CHUA, W. F. Radical Developments in Accounting Thought. **The Accounting Review**, v. 61, p. 601-632, 1986. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4042918/mod_resource/content/0/Chua_1986-Radical%20Developments%20in%20Accounting%20Thought.pdf>. Acesso em: 21 set. 2018.

CORTELLA, S. **Qual é a tua obra? Inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

COSTA, R. A. T. A importância do treinamento empresarial para a formação de empreendedores: um estudo com base no EMPRETEC-AMAPÁ. **Estação Científica (UNIFAP)**, Macapá, 5, n. 1, Jan/Jun 2015. 69-83.

COTTA, R. M. M. et al. Construção de portfólios coletivos em currículos tradicionais: uma proposta inovadora de ensino-aprendizagem. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 17, n. 3, p. 787-796, mar 2012.

CREPALDI, S.. **Contabilidade Gerencial: teoria e prática**. 8. ed. São Paulo: Saraiva, 2017.

DAVIES, A.; FIDLER, D.; GORBIS, M. Institute for the Future. **Making the Future With Foresight**, 2011. Disponível em: <http://www.iftf.org/uploads/media/SR-1382A_UPRI_future_work_skills_sm.pdf>. Acesso em: Abril 2019.

DE ARAUJO, E. A. S.; OLIVEIRA, E. A. A. Q. A contribuição das instituições de ensino superior para a educação empreendedora. **The 4 th International Congress University Industry Cooperation**, Taubate, SP, Dec 2012.

DE SOUSA, M. A. B.; MIRANDA, G. J. Um estudo a respeito do estágio curricular supervisionado nos cursos de Ciências Contábeis no Brasil com foco na teoria experiencial de aprendizagem. **Revista Contemporânea de Contabilidade**, 16, n. 39, 2019.

DECKER, R. A. et al. Where has all the skewness gone? The decline in high-growth (young) firms in the U.S. **European Economic Review**, n. 86, Jul 2016. 4-23.

DOLABELA, F. C. **O segredo de Luísa - uma ideia, uma paixão e um plano de negócios - como nasce o empreendedor e se cria uma empresa**. São Paulo: Cultura Editores Associados, 2002.

DOLABELA, F. C. **Oficina do empreendedor: A metodologia de ensino que ajuda a transformar conhecimento em riqueza**. São Paulo: Sextante, 2008.

DOLABELA, F. C.; FILION, L. J. Fazendo revolução no Brasil: a introdução da pedagogia empreendedora nos estágios iniciais da educação. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, São Paulo, v. 3, p. 134-181, 2013.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo: transformando ideias em negócios**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

DWECK, C. S.; WALTON, G. M.; COHEN, G. L. Academic Tenacity. Mindsets and Skills that Promote Long-Term Learning. **Stanford Edu**, 2014. Disponível em: <<https://ed.stanford.edu/sites/default/files/manual/dweck-walton-cohen-2014.pdf>>. Acesso em: 09 maio 2019.

ENDEAVOR BRASIL. Endeavor Brasil. **Empreendedorismo nas Universidades Brasileiras**, 2017. Disponível em: <<http://unp.br/wp-content/uploads/2014/02/Endeavor-Empreendedorismo-nas-Universidades-Brasileiras-2017.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2019.

FAVERO, L. P. et al. **Análise de Dados: Modelagem Multivariada para Tomada de Decisão**. [S.l.]: Campus, 2009.

FAYOLLE, ; GAILLY, B. The Impact of Entrepreneurship Education on Entrepreneurial Attitudes and Intention: Hysteresis and Persistence. **Small Business Management**, v. 53, n. 1, p. 75-93, Jan 2015. ISSN 1. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/jsbm.12065>>. Acesso em: 12 abr. 2019.

FAZENDA, I. C. A. **Intergração e Interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia**. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

FERREIRA, F. M.; PINHEIRO, C. R. M. S. Plano de Negócios Circular: instrumento de ensino de empreendedorismo e desenvolvimento do perfil empreendedor. **Gestão e Produção**, São Carlos, 2018. 854-865. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-530X2326-18>. Acesso em: 22 abr. 2019.

FERREIRA, J. M.; GIMENEZ, F. A. P.; RAMOS, C. Estudo comparativo das práticas didático-pedagógicas do ensino de empreendedorismo em universidades brasileiras e norte-americanas. **Revista Alcance**, Biguaçu, 13, n. 2, mai. - ago. 2006. 207-225.

FERREIRA, L. F. F. Análise quantitativa sobre a mortalidade precoce de micro e pequenas empresas da cidade de São Paulo. **Gestão & Produção**, São Paulo, v. 19, n. 4, p. 811-823, 2012.

FERREIRA, S. M.; LOIOLA,; GONDIM, S. M. G. Preditores individuais e contextuais da intenção empreendedora entre universitários: revisão de literatura. **Cad. EBAPÉ.BR**, Rio de Janeiro, 15, n. 2, Abr./Jun. 2017. 292-308. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1679-395159595>. Acesso em: 22 abr. 2019.

FILION, L. J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. **RAUSP**, São Paulo, 3, abril/jun 1999. 05-28.

FONSECA JÚNIOR, W. C. Análise de Conteúdo. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (Orgs.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009. p. 280-303.

FORDHAM, D. R.; HAMILTON, C. W. Accounting Information Technology in Small Businesses: An Inquiry. **Journal of Information Systems In-Press**, Dec 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.2308/isys-51982>>. Acesso em: 09 mai. 2019.

FOSSILE, K. Construtivismo versus sociointeracionismo: uma introdução às teorias cognitivas. **Alpha**, Pato de Minas, n. 11, p. 105-117, ago 2010. Disponível em: <http://alpha.unipam.edu.br/documents/18125/23730/construtivismo_versus_socio_interacionismo.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2018.

FREIRE, P. **Educação e atualidade brasileira**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

GEHRINGER, M.; JUCÁ, F. **Arregace as Mangas Liberte seu espirito empreendedor**. Campinas: Papyrus, 2004.

GERHARDT, P. **Educação libertadora e globalização**. In: A pedagogia da libertação em Paulo Freire. São Paulo: Unesp, 2001.

GIBB, A. Concepts into practice: meeting the challenge of development of entrepreneurship educators around an innovative paradigm. **International Journal of Entrepreneurial Behaviour & Research**, n. 17, v. 2, p. 146-165, 2011.

GIL, A. D. L. **Sistemas de Informações Contábeis: uma Abordagem**. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2016.

GIOVANELA, A. et al. as características da disciplina de empreendedorismo em Instituições de Ensino Superior (IES) do Estado de Santa Catarina. **Revista Gestão Universitária na América Latina - GUAL**, v. 3, n. 1, 2010.

GOMES, D. C.; SILVA, A. D. F. Educação empreendedora no ensino profissional: desafios e experiências numa instituição de ensino. **Holus**, v. 01, n. 34, p. 118-139, 2018.

GOMES, L. C.; OLIVEIRA, H. A. Empreendedorismo no Brasil e no mundo. In: _____ **Empreendedorismo estado da arte**. Capivari de Baixo: Humaitá, 2018. p. 51-70.

GOODSON, I. F. **As políticas de currículo e de escolarização: abordagens históricas**. Petrópolis: Vozes, 2008.

GRUNOW, A. et al. Análise do perfil dos gestores do curso de Ciências Contábeis das IES- Instituições de Ensino Superior do estado de Santa Catarina. In: Congresso USP de Controladoria e Contabilidade, São Paulo, 2005. p. 1-16.

GUARANYS, L. R. Universidade empreendedora: conceito em evolução, universidade em transformação. In: LOPES, R. M. A. (Org.). **Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

GUERRA, M. J.; GRAZZIOTIN, Z. J. Educação empreendedora nas universidades brasileiras. In: LOPES, R. M. A. (Org.). **Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

HENGEMÜLE, A. **Desafios educacionais na formação de empreendedores**. Porto Alegre: Penso, 2014.

HENRIQUE, D. C.; CUNHA, S. K. Práticas didático-pedagógicas no ensino de empreendedorismo em cursos de graduação e pós-graduação nacionais e internacionais. **RAM - Revista de Administração Mackenzie**, v. 9, n. 5, p. 112-136, 2008.

HISRIC, R. D.; PETERS, M. P.; SHEPHERD, D. A. **Entrepreneurship**. 9. ed. [S.l.]: AMGH, 2014.

HUSSERL, E. **Méditations cartésiennes**. Tradução de Gabrielle Peiffer e Emmanuel Lévinas. Paris: J. Vrin, 1980.

IBICT. **Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia**, 2019. Disponível em: <<http://bdtd.ibict.br/vufind/>>. Acesso em: 15 mar. 2019.

JONES, C.; MATLAY, H. Understanding the heterogeneity of entrepreneurship education: going beyond Gartner. **Education & Training**, n. 53, 09 ago. 2011. 692-703.

KAUFMAN, L. **Passaporte para o ano 2000**. São Paulo: Makron Books, 1991.

KESSELRING, T. **Jean Piaget**. Tradução de Antônio Estevão Allgayer e Fernando Becker. 3. ed. Caxias do Sul: Educs, 2008.

KRUEGER JR, N. F.; BRAZEAL, D. V. Entrepreneurial potential and potential entrepreneurs. **Entrepreneurship Theory and Practice**, 3, 1994. 91-104.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LIMA, E. et al. **Intenções e Atividades Empreendedoras dos Estudantes Universitários – Relatório do Estudo GUESSS Brasil 2011**. São Paulo: UNINOVE, 2011.

LIMA, E. et al. Opportunities to Improve Entrepreneurship Education: Contributions Considering Brazilian Challenges. **Journal of Small Business Management**, v. 53, p. 1033-1051, 2015.

LIMA, J. C.; NEVES, M. W. **Fundamentos da educação escolar no Brasil**. 2ª reimpressão. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz/EPSJV, 2008.

LIZUKA, S.; MORAES, G. H. S. M. Análise do potencial e perfil empreendedor do estudante de administração e o ambiente universitário: reflexões para instituições de ensino. **Administração: Ensino e Pesquisa**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p. 593– 630, Jul/Set 2014. Disponível em: <<https://raep.emnuvens.com.br/raep/article/view/16/13>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

LOPES, A. **Integração e interdisciplinaridade na educação infantil**. São Paulo: Appris, 2015.

LOPES, R. M. A. **Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas**. São Paulo: Elsevier, 2010.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 19. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LUNKES, R. J.; SCHNORRENBERGER, D. **Controladoria: na coordenação dos sistemas de gestão**. São Paulo: Atlas, 2009.

MACHADO, P. et al. **GEM - Global Entrepreneurship Monitor. Empreendedorismo no Brasil 2008**. Curitiba: IBQP, 2009.

MACK, E.; MAYER, H. The evolutionary dynamics of entrepreneurial ecosystems. **Urban Studies**, n. 53, p.2118-2133, 2016.

MANCIO, M. G. **Educação empreendedora no ensino superior: proposta de um programa adequado ao contexto brasileiro**. 2018. 100f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Administração – Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/6824>>. Acesso em: 20 abr. 2019.

MARION, J. C. C. Preparando-se para a profissão do futuro. **Contab. Vista & Revista**, Belo Horizonte, v. 9, n. 1, p. 14-21, mar 1998.

MARION, J. C. C. **Contabilidade empresarial**. 16. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

- MARKMAN, G. D.; BARON, R. A.; BALKIN, D. B. Are perseverance and self-efficacy costless? Assessing entrepreneurs' regretful thinking. **Journal of Organizational Behavior**, 26, 2004. 1-19. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/job.305>>. Acesso em: 29 set. 2018.
- MARQUESIN, D. F. B.; PENTEADO, A. F.; BAPTISTA, D. C. O coordenador de curso da instituição de ensino superior: atribuições e expectativas. **Revista de Educação**, v. 11, n. 12, p. 7-22, 2015.
- MARTINS, G. A.; THEOPHILO, C. R. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- MARTINS, R. M. S. F. **Direito à Educação: aspectos legais e constitucionais**. Rio de Janeiro: Letra Legal, 2004.
- MATLAY, H. The impact of entrepreneurship education on entrepreneurial outcomes. **Journal of Small Business and Enterprise Development**, 15, n. 2, p. 382-396, 2008.
- MATOS, C. M. F. et al. Influência da educação empreendedora no desenvolvimento da autoeficácia e das competências empreendedoras. **XIII Colóquio Internacional de Gestión Universitaria**, San Cayetano Alto, 22-24 Outubro 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/190675/102_00111.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 21 nov. 2018.
- MATTOS, M. G.; ROSSETO JÚNIOR, A. J.; BLECHER, S. **Teoria e prática da metodologia da pesquisa em educação física: construindo sua monografia**. 4. ed. São Paulo: Phorte, 2017.
- MCGUIGAN, N.; KERN, T. Creative Accounting Education: Visioning Future-Oriented Accounting Programs through a Reflective Unlearning of Current Practice. **Journal of University Teaching & Learning Practice**, v. 13, 2016.
- MEKSENAS, P. **Sociologia da educação: introdução ao estudo da escola no processo de transformação social**. 17. ed. São Paulo: Loyola, 2016.
- MEZZARI, A. O uso da Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP) como reforço ao ensino presencial utilizando o ambiente de aprendizagem Moodle. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Rio de Janeiro, 35, n. 1, p. 114-121, jan./mar 2011.
- MICHELS, E. et al. Educação empreendedora e o papel do professor. **XVIII Colóquio Internacional de Gestión Universitaria**, San Cayetano Alto, 22-24 outubro 2018.
- MIZUKAMI, M. G. N. **Ensino: As Abordagens do Processo**. [S.l.]: E.P.U., 1992.
- MOCELIN, ; AZAMBUJA, L. R. Empreendedorismo intensivo em conhecimento: elementos para uma agenda de pesquisas sobre a ação empreendedora no Brasil. **SOCIOLOGIAS**, Porto Alegre, 19, n. 46, p. 30-75, set/dez 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/15174522-019004602>>. Acesso em: 22 abr. 2019.
- MOREIRA, F. G.; VIOLIN, F. L.; DA SILVA, L. C. Capital intelectual como vantagem competitiva: um estudo bibliográfico. **ReCaPe Revista de Carreiras e Pessoas**, São Paulo, IV, n. 03, p. 296-311, Set/Dez 2014.

MORGAN, G. Accounting as reality construction: towards a new epistemology for accounting practice. **Accounting Organizations and Society**, v. 13, n. 5, p. 477-485, 1988. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/0361368288900189?via%3Dihub>>. Acesso em: 21 set. 2018.

MORIGI, J. B. O ensino do empreendedorismo nas Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras: um estudo da prática desenvolvida na Universidade Estadual do Paraná - Campus de Campo Mourão. **Revista Conbrad**, Maringá, v. 2, n. 1, p. 03-24, 2017.

MUELLER, S. L.; GOIĆ, S. Entrepreneurial potential in transition economies: a view from tomorrow's leaders. **Journal of Developmental Entrepreneurship**, v. 7, p. 339-414, 2002.

MURARO, et al. Avaliação do perfil empreendedor em meio acadêmico. **Gestão e Movimento**, Novo Hamburgo, v. 14, n. 2, p. 136-156, Jul./Dez 2018.

NORREKLIT, H.; NORREKLIT, L.; MITCHELL, F. Towards a paradigmatic foundation for accounting practice. **Accounting, Auditing & Accountability Journal**, v. 23, n. 6, p. 733-758, 2010.

NUNES, T. Construtivismo e alfabetização: um balanço crítico. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 12, p. 33-43, dez 1990. Disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/edur/n12/n12a04.pdf>>. Acesso em: 19 nov. 2018.

OLIVEIRA, A. G. M.; MELO, M. C. D. O. L.; MUYLDER, C. F. Educação Empreendedora: O Desenvolvimento do Empreendedorismo e Inovação Social em Instituições de Ensino Superior. **Revista Administração em Diálogo**, São Paulo, n. 18, p. 29-56, Jan/Abr 2016.

OLIVEIRA, J. B. A. Construtivismo e alfabetização: um casamento que não deu certo. **Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação: revista da Fundação Cesgranrio**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 35, abr./jun. 2002.

OLIVEIRA, S. E. L.; NASCIMENTO, I. C. S.; SILVA, J. D. Desafios e perspectivas do mercado de trabalho para a mulher contabilista. **Revista Conhecimento Contábil**, Mossoro, v. 02, n. 01, p. 01-17, Jan/Jun 2016.

OWEN, G. Integrated Reporting: A review of developments and their implications for the accounting curriculum. **Accounting Education: An International Journal**, v. 4, n. 22, p. 340-356, 2013. d

PEDROSO, J. P. P.; MASSUKADO-NAKATANI, M. S.; MUSSI, F. B. A relação entre o jeitinho Brasileiro e o perfil empreendedor: possíveis interfaces no contexto da atividade empreendedora no Brasil. **Revista de Administração Mackenzie**, São Paulo, 10, n. 4, p. 100-130, 2009.

PELEIAS, I. R.; BACCI, J. Pequena cronologia do desenvolvimento contábil no Brasil: Os primeiros pensadores, a padronização contábil e os congressos brasileiros de contabilidade. **Revista Administração online-FECAP**, v. 5, n. 3, p. 39-54, 2004.

PELEIAS, R. et al. Evolução do ensino da contabilidade no Brasil: uma análise histórica. **Revista Contabilidade & Finanças**, São Paulo, v. 18, n. especial, p. 19-32, 2007.

PELLEGRINI, D. Aprenda com eles ensine melhor. **Revista Nova Escola**, n. 139, Jan 2001.

PEROVANO, D. G. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. Curitiba: InterSaberes, 2016.

PIAGET, J. **As operações lógicas e a vida social**. Rio de Janeiro: Forense, 1973a.

PIAGET, J. **Para onde vai a educação?** Rio de Janeiro: Unesco, 1973b.

PIAGET, J. **A Epistemologia Genética e a Pesquisa Psicológica**. Rio de Janeiro: Freitas Basto, 1974.

PIAGET, J. **A equilíbrio das estruturas cognitivas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

PIAGET, J. **O nascimento da inteligência na criança**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, D. G. C. **Docência no Ensino Superior**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

PINTO, E. C.; GONÇALVES, R. Globalização e poder efetivo: transformações globais sob efeito da ascensão chinesa. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 24, n. 2, Ago 2015.

RAMOS, K. D. S.; VALDISSER, C. R. Das dificuldades ao sucesso: os caminhos tortuosos e cheios de obstáculos enfrentados por empreendedoras. **Gestão, Tecnologia e Ciências**, 8, n. 20, p. 23-40, 2019.

RIBEIRO, A.; FREIRE, J.; BARELLA, L. A. A informação contábil como instrumento de apoio às micro e pequenas empresas: percepção dos gestores de micro e pequenas empresas de Paranaíta–MT, quanto à utilização de informações da contabilidade no processo de tomada de decisão, no ano de 2012. **REFAF Revista Eeletônica**, v. 2, n. 1, 2013.

RIBEIRO, R. L.; OLIVEIRA, E. A. D. A. Q.; ARAUJO, E. A. S. A contribuição das instituições de ensino superior para a educação empreendedora. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, Taubaté, v. 10, n. 3 (número especial), p. 295-313, set 2014. Disponível em: <<http://www.rbgdr.net/revista/index.php/rbgdr/article/view/1482/405>>. Acesso em: 22 nov. 2018.

RIBEIRO, R. R. M. **Evolução das pesquisas em contabilidade gerencial: uma análise das opções temáticas e abordagens metodológicas no Brasil**. 2011. 120f. Dissertação (Mestrado em Contabilidade) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011..

ROCHA, E. L. C.; FREITAS, A. A. F. Avaliação do Ensino de Empreendedorismo entre Estudantes Universitários por meio do Perfil Empreendedor. **RAC**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 4, p. 465-486, Jul/Ago 2014.

RODRIGUES, E.; GONCALVES, D. Modelos de Aprendizagem Construtivistas em Plataformas Digitais”. In Escola, Joaquim et al (coord). **Rumo à Inclusão Educacional e Integração das TIC na Sala de Aula**, Santiago de Compostela: Andavira, 2014. p. 710-720.

RONSTADT, C. **Entrepreneurship**. [S.l.]: Lord Publishing, 1984. 800 p.

ROSA, C. T. W.; ROSA, A. B. Ensino de Física: tendências e desafios para a prática docente. **Revista Iberoamericana de Educación (Online)**, 43, n. 1, 2007. 1-12. <https://doi.org/10.35362/rie4312343>. Acesso em: 04 fev. 2020.

RUIZ, J. A. **Metodologia Científica**: guia para eficiência nos estudos. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

SÁNCHEZ, J. C. The impact of an entrepreneurship education program on entrepreneurial competencies and intention. **Journal of Small Business Management**, n. 51, p. 447-465, 2013.

SABRA, A. R.; ALVES, T.; NEGREIROS, C. V. Contabilidade e empreendedorismo: De que forma o empreendedorismo pode ajudar na valorização profissional do contador? **Empreendedorismo, Gestão e Negócios**, Pirassununga, v. 7, p. 503-512, Março 2018.

SALIM, C. S.; SILVA, N. C. **Introdução ao Empreendedorismo**: Despertando a Atitude Empreendedora. São Paulo: Elsevier, 2013.

SAMPAIO, H. O setor privado de ensino superior no Brasil: continuidades e transformações. **Revista Ensino Superior Unicamp**, Campinas, 3, n. 5, ago 2011.

SANT'ANNA, I. M. **Avaliar Por Que? Avaliar Como? - leituras**. 6. ed. São Paulo: Vozes, 2002.

SANTIAGO, N. M. D. S. G.; SILVA FAIA, V.; SILVA, J. D. Ensino do empreendedorismo nos cursos de ciências contábeis do estado do Paraná. **ConTexto**, 16, n. 32, 2016.

SANTOS, B. L. **Universidade empreendedora**: propostas para o desenvolvimento do empreendedorismo acadêmico na Universidade Federal de Santa Catarina. 2017. 165f. Dissertação (Mestrado profissional em Administração Universitária) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

SCHAEFER, R.; MINELLO, I. F. Educação Empreendedora: premissas, objetivos e metodologias. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 60-81, jul./set 2016.

SCHMIDT, P. et al. Perfil dos alunos do curso de ciências contábeis de instituições de ensino do sul do Brasil. **ConTexto**, porto Alegre, 12, n. 21, p. 87-104, 2012.

SCHMIDT, S.; BOHNENBERGER, M. C. Perfil empreendedor e desempenho organizacional. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 3, n. 13, p. 450-467, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rac/v13n3/v13n3a07.pdf>>. Acesso em: 24 set. 2018.

SCHUELER, A. F. D. Marxismo e historiografia no reino de Vitória: as contribuições de Edward Palmer Thompson. **Verinotio – Revista de Educação e Ciências Humanas**, n. 6, 2007.

SCHUMPETER, A. **Teoria do desenvolvimento econômico**: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

SERVIÇO Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **SEBRAE RS**, 2018. Disponível em: <<https://sebraers.com.br/ambiente-de-negocios-educacao-empreendedora/>>. Acesso em: 20 out. 2018.

SILVA, S. L. P.; FARONI, W. Meta-análise da produção científica sobre ensino e pesquisa em ciências contábeis. **VIII Convibra Administração – Congresso Virtual Brasileiro de**

Administração, ago. 2011. Disponível em: <http://www.convibra.com.br/upload/paper/adm/adm_2868.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2018.

SILVEIRA GRECO, S. M. D. S. et al. **Global Entrepreneurship Monitor - Empreendedorismo no Brasil**: 2016. Curitiba: IBQP, 2017.

SOUZA, M. D.; SARAIVA, A. S. Práticas e desafios do ensino de empreendedorismo na graduação em uma instituição de ensino superior. **Revista Gestão & Regionalidade**, v. 26, n. 78, p. 68-69, set-dez 2010.

SOUZA, M. M. O comportamento empreendedor dos contabilistas: um estudo exploratório. **Simpósio de excelência em gestão e tecnologia**, Rio de Janeiro, 2013.

TIMMONS, J.; SPINELLI, S. **New venture creation: entrepreneurship for the 21st century**. 9. ed. Boston: Irwin McGraw Hill, 2011.

TORRES, S. R. Reuniões pedagógicas: espaço de encontro entre coordenadores e professores ou exigência burocrática? In: ALMEIDA, Laurinda R.; PLACCO, Vera. M.N.S. (Orgs). **O Coordenador pedagógico e o espaço de mudança**. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

TROSTER, L.; MÓCHON, F. **Introdução a economia**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2006.

TSCHÁ, E. R.; CRUZ NETO, G. G. Empreendendo colaborativamente ideias, sonhos, vidas, e carreiras: o caso das células empreendedoras. In: BECKER, A. R. **Educação Empreendedora: a formação de futuros líderes**. Curitiba: Agência de Inovação da UFPR, 2014.

UMBELINO, M.; ZABINI, F. O. A importância da interdisciplinaridade na formação do docente. Anais eletrônicos. Formação e conhecimento: Seminário internacional de educação superior, 2014.

USP. UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Banco de teses e dissertações, 2019. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/index.php?option=com_jumi&fileid=18&Itemid=85&lang=pt-br>. Acesso em: 12 mar. 2019.

VANEVENHOVEN, J. Advances and Challenges in Entrepreneurship Education. **Journal of Small Business Management**, v. 51, p. 466-470, 2013. Disponível em: <<https://ssrn.com/abstract=2280997>>. Acesso em: 24 out. 2018.

VASCONCELLOS, C. S. **Coordenação do trabalho pedagógico: do projeto político-pedagógico ao cotidiano da sala de aula**. São Paulo: Libertad, 2002.

VERGA, E.; SILVA, L. F. S. Empreendedorismo: evolução histórica, definições e abordagens. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 3, n. 3, p. 03-30, 2014.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: Interação entre aprendizado e desenvolvimento**. São Paulo: Editora Ltda. Martins Fontes, 1989.

WALTERS, S. Lifelong learning within higher education in South Africa: emancipatory potential? **International Review of Education Journal of Lifelong Learning**, v. 45, p. 575-

587, 1999. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1023/A:1003847629351>>. Acesso em: 28 set. 2018.

WELSH, D. H. B.; TULLAR, W. L.; NEMATI, H. Entrepreneurship education: Process, method, or both? **Journal of Innovation & Knowledge**, n. 1, p. 125-132, 2016.

APÊNDICES

APÊNDICE A - FORMULÁRIOS DE PESQUISA COORDENADOR

SE COORDENADOR

Prezado Coordenador,

Esta pesquisa é de responsabilidade do acadêmico CRISTIAN KUSTER – mestrando do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CONTABILIDADE, e da orientadora do trabalho FLAVIA CZARNESKI – docente do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CONTABILIDADE - MESTRADO, e tem por objetivo analisar a presença da Educação Empreendedora diante das características do ensino do empreendedorismo nos cursos de Ciências Contábeis das universidades do Rio Grande do Sul.

Os dados fornecidos **não** serão utilizados de forma **individual**, e sim, **consolidados em um relatório final**, sem a necessidade de sua identificação. É nossa política a estrita confidencialidade dos dados!

Lembramos que não existe resposta certa ou errada, queremos apenas saber a sua opinião. Para isso, pedimos que você seja sincero(a) e responda o questionário até o final.

Caso deseje receber o resultado final desta pesquisa, deixe seu e-mail ao final do questionário.

A sua participação nesta pesquisa é de extrema importância!

Bloco I – Perfil dos Respondentes

- a. Qual seu sexo?
M/F/não quero informar

- b. Qual a sua idade

- c. Instituição
Pública
Privada

- d. Ensino
Presencial
EAD
Misto

Bloco II – Informações referentes a grade curricular e composição das ementas referentes a educação empreendedora (adaptado de ROCHA E FREITAS (2014) e BASTOS (2012))
colocar o mais antigo n frente

1. A estrutura curricular do curso de Ciências Contábeis contempla atividades voltadas para a Educação Empreendedora?

S/N. Explique: _____

2. Quais são essas atividades?

() Educação Empreendedora

- Disciplina de Empreendedorismo
- Atividades de extensão
- Conjunto de disciplinas que incorporam temas de empreendedorismo
- Empresas juniores
- Prestação de serviços à comunidade mediante consultorias que envolvam estudantes
- outras. Quais?

3. Em qual semestre inicia-se a discussão sobre educação empreendedora na universidade/faculdade?

como isso ocorre? _____

4. Quais são as formas e métodos de ensino de utilizadas pelos docentes para promover Atividades voltadas a Educação Empreendedoras?

- Aulas expositivas
- Aulas práticas
- Palestras de especialistas
- Jogos de empresas e simulados
- Incubadoras de empresas
- Planos de negócios
- outras. Quais?

5. Existem projetos de empreendedorismo atrelados a Educação Empreendedora sendo desenvolvidos pela universidade ou projetos voltados para o desenvolvimento empreendedor dos alunos nos últimos anos? Quais?

6. Existe o conhecimento dos docentes sobre atividades empreendedoras exercidas pelos alunos no curso?

7. Existe alguma formalização ou parcerias com sindicatos, associações ou grupos de empreendedores locais da cidade ou região com a universidade que discutem ou incentivam práticas de educação empreendedora?

8. Na sua opinião, em qual estágio de educação empreendedora encontra se o curso de Ciências Contábeis que você coordena:

- Atividades isoladas: Geralmente informais demandadas pelos alunos e/ou estimuladas pelos professores
- Disciplina específica sobre educação empreendedora (pode ser obrigatória ou eletiva)
- Conjunto de disciplinas específicas que abordem aspectos de formação empreendedora
- Não há atividades de educação empreendedora.

Obrigado pela sua participação!

APÊNDICE B - FORMULÁRIOS DE PESQUISA ACADÊMICOS

SE ACADÊMICO

Prezado estudante,

Você está participando de uma pesquisa de campo na mensuração sobre como se configura a educação empreendedora nos cursos de ciências contábeis das universidades do Rio Grande do Sul. Todas as informações aqui prestadas são anônimas e confidenciais, tendo apenas o objetivo de validação dos procedimentos científicos de nossa pesquisa. Responda de forma calma, franca e sincera, avaliando cada questão. Desde já, agradecemos sua participação.

Bloco I – Perfil dos Respondentes

- a. Qual seu sexo?
M/F/não quero informar
- b. Qual a sua idade?

- c. Instituição
Pública
Privada
- d. Ensino
Presencial
EAD
Misto
- e. Qual o semestre que está sendo cursado? SE ACADÊMICO
1-2
3-4
5-6
7-8
Formando

Bloco II – Questões sobre as condições acadêmicas

II.1) Você participou de alguma atividade sobre educação empreendedora promovida por sua Instituição?

SIM NÃO

II.2) Como você classificaria a atividade empreendedora educacional que você participou em sua Instituição?

- Não participei.
- Disciplina de Empreendedorismo.
- Atividades de extensão.
- Conjunto de disciplinas que incorporam temas de empreendedorismo.
- Empresas juniores.
- Prestação de serviços à comunidade mediante consultorias que envolvam estudantes

II.3) Caso tenha participado de alguma atividade prática sobre Educação Empreendedora, marcar uma das opções que tenha participado.

- Elaboração de planos de negócios Criação de empresa
 Criação de produto Jogos de empresas e simulados
 Incubadoras de empresas Palestras de especialistas
 Aulas expositivas Aulas práticas
 Outras :cite: _____

II.4) Na sua opinião, qual disciplina das já cursadas tem maior relacionamento com a Educação Empreendedora?

II.5) Você participa de algum projeto ou atividade ligada a Educação Empreendedora dentro da universidade? Se sim, qual(is)?

Qual (is)? _____

Bloco III- A seguir, temos uma série de afirmações sobre suas percepções acerca da Educação Empreendedora. Pedimos que seja apontado o quanto você acha importante à presença dessas características para definir cada dimensão do seu entendimento sobre a educação empreendedora. Para isso assinale um número de 1 a 5, utilizando a escala abaixo.

1– Nada Importante	2– Pouco Importante	3– Indiferente	4– Muito Importante	5– Totalmente Importante
--------------------	---------------------	----------------	---------------------	--------------------------

Dimensões/Critérios	Variáveis/Subcritérios	Graus de Importância
Autorrealização (C1)	III.1) Frequentemente detecto oportunidades de negócio no mercado.	()
	III.2) Creio que tenho uma boa habilidade em detectar oportunidades de negócio no mercado.	()
	III.3) Tenho controle sobre os fatores para minha plena realização profissional.	()
	III.4) Profissionalmente, me considero uma pessoa muito mais persistente que as demais.	()
	III.5) Sempre encontro soluções muito criativas para problemas profissionais com os quais me deparo.	()
Líder (C2)	III.6) Tenho um bom plano da minha vida profissional.	()
	III.7) Frequentemente sou escolhido como líder em projetos ou atividades profissionais.	()
	III.8) Frequentemente as pessoas pedem minha opinião sobre assuntos de trabalho.	()
	III.9) As pessoas respeitam minha opinião.	()
	III.10) Me relaciono muito facilmente com outras pessoas.	()

Planejador (C3)	III.11) No meu trabalho, sempre planejo muito bem tudo o que faço.	()
	III.12) Sempre procuro estudar muito a respeito de cada situação profissional que envolva algum tipo de risco.	()
	III.13) Tenho os assuntos referentes ao trabalho sempre muito bem planejados.	()
Inovador (C4)	III.14) Prefiro um trabalho repleto de novidades a uma atividade rotineira.	()
	III.15) Gosto de mudar minha forma de trabalho sempre que possível.	()
Assume riscos (C5)	III.16) Me incomoda muito ser pego de surpresa por fatos que eu poderia ter previsto.	()
	III.17) Eu assumiria uma dívida de longo prazo, acreditando nas vantagens que uma oportunidade de negócio me traria.	()
	III.18) No trabalho, normalmente influencio a opinião de outras pessoas a respeito de um determinado assunto.	()
	III.19) Admito correr riscos em troca de possíveis benefícios.	()
Sociável (C6)	III.20) Meus contatos sociais influenciam muito pouco a minha vida profissional.	()
	III.21) Os contatos sociais que tenho são muito importantes para minha vida pessoal.	()
	III.22) Conheço várias pessoas que me poderiam auxiliar profissionalmente, caso eu precisasse.	()

Obrigado pela sua participação!